



**UnB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PPGHIS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA**

**MEMORIAS, USO DO TEMPO E COTIDIANIDADE DAS
EMPREGADAS DOMÉSTICAS. BOGOTÁ, 1950-1980.**

Ana Camila García López

BRASÍLIA

2011



ANA CAMILA GARCÍA LÓPEZ

**MEMÓRIAS, USO DO TEMPO E COTIDIANIDADE
DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS. BOGOTÁ, 1950-
1980.**

Dissertação apresentada como requisito para conclusão do Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em História da UnB, sob a orientação do Prof. Dr. Jaime de Almeida.

BRASÍLIA

2011



AGRADECIMENTOS

Se o conhecimento serve para algo é para criar pessoas flexíveis, abertas, compreensivas, críticas; enfim, pessoas que façam a vida valer a pena. Estes dois anos de mestrado tem sido uma etapa muito agradável e satisfatória para mim, além do crescimento acadêmico e epistemológico foi uma experiência de enorme crescimento pessoal.

Ainda seja abstrato, quero agradecer ao Brasil por ter me recebido com os braços abertos; a Brasília, essa cidade que questiona a possibilidade de planejar uma utopia; à UnB que foi também minha casa; ao CnpQ pela bolsa que me permitiu dedicar-me tempo completo a este projeto.

Ceguei a esta cidade que não conhecia e que, pela sua natureza, é difícil para os estrangeiros, então foram meus parceiros do semestre e meus professores que tornaram-se amigos e guias. Galera linda que me ensinou como as instituições educativas devem ser, por cima de tudo, irmandades. Edriane, Leandro, Helena, Batman, Johnny, Helenice, Giliard, Eva, nossa contadora de contos e a turma toda. Jaime foi minha porta a esse mundo todo, lembro a primeira vez que a gente se viu lá na BLAA em Bogotá. Meus professores especiais como a vizinha da África, Olga, Nancy, Cléria.

A querida família de sangue: minhas duas irmãs, meus pais amados e todos os outros, aqueles que vivem e os que já morreram, meus avós. Aos meus amigos de todas as partes, dispersos pelo mapa inteiro. Todos ao meu redor, conjurando os demônios da solidão e da distância.

Nas férias, viagens a uma nova vida de decisões e assas para um vôo de realismo mágico com os orixás cuidando a entrada e a carranca do rio São Francisco olhando pelos dois lados do espelho. Leonardo amanhecia com o sol dos meus sonhos.

Na Colina, o pessoal todo que acompanhou meu caminho. Amiga Carmen, Jorge e todos esses seres especiais que apesar do fugaz da passagem, estiveram comigo e moraram comigo nessa torre de Babel de mil línguas e mil mundos, de todas as nações.

Á banca por ter me ajudado a melhorar minha proposta original: Cléria que foi sempre um suporte e será sempre uma amiga crítica e Christiane excelente professora.

Obrigada a todos.



RESUMO

Esta dissertação buscou elementos de compreensão acerca do uso e sentido do tempo cotidiano das empregadas domésticas em Bogotá (Colômbia) nas décadas de 1950, 1960 e 1970. A construção e interpretação da história dessas mulheres subalternas realizou-se procurando UMA diversidade de fontes: depoimentos prestados por uma dezena de empregadas domésticas relativas à sua experiência de vida; documentos pessoais, particularmente fotografias; arquivos das instituições religiosas encarregadas da educação das empregadas na época e de revistas femininas de ampla circulação. Portanto, a metodologia utilizada cruza trabalho de campo, utilização da história oral, análise documental, historiografia sobre as mulheres trabalhadoras em Bogotá e pesquisa de arquivos. Os estudos sobre família e prostituição na Colômbia constituíram referência central para este trabalho. As principais hipóteses levantadas estão relacionadas com os aspectos mais relevantes na compreensão do uso e do sentido do tempo, entre os quais estão: o papel da Igreja e do Estado e o reconhecimento dos direitos trabalhistas, a hegemonia do tempo da natureza herdado da infância camponesa das empregadas, sua oscilação cotidiana entre diferentes camadas sociais (aquela de origem e a dos patrões); a percepção coletiva marcada pela religião, segundo a qual as empregadas, por serem mulheres do mundo privado e intimista, eram perigosas e estavam permanentemente sob suspeita; e, enfim, as dinâmicas do fenômeno da criadagem moderna. No entrelaçamento da história da sensibilidade com a sociologia hermenêutica revelou-se a postura epistemológica adequada ao próprio processo de conhecimento da autora.

Palavras-chave: Empregadas domésticas – Bogotá – memória – tempo – cotidiano



ABSTRACT

This dissertation seeks to comprehend the usage and meaning of time for maids in Bogota, during the decades of 1950, 1960 and 1970. Towards this end, life histories of the women involved in the elaboration of the present document were constructed and interpreted through gathering various sources of information, such as in depth interviews, data collection of personal documents, mostly photographs, archive research in institutions managed by religious communities that were in charge of the instruction of maids at that time and female geared magazines. The methodology used is composed of elements combining field work, oral history, document analysis methodologies, historiography on working females in Bogota, and archive research. In completing this dissertation, the usage of documentation on family and prostitution in Colombia was crucial. Historians such as Archila, Da Costa and Rodriguez were quoted for narrative construction purposes. Expert authors on the topic of maids, such as León, Girard, Lautier are mentioned. Concepts from Parker, Russell, Thompson, Dumazedier are used to explain the concept of free time. Theoretical and methodological guidelines are provided by the work of authors such as Elias, Corbin, Bosi, Pasavento, Ginzburg and Guha. The hypotheses of this dissertation gravitate around five the role of both the Church and the State in the process of acknowledging labor rights, the overlapping of time construction as the maids transition to life in urban areas and the assumption of religious readings. The epistemological view that guides this dissertation is coherent with the very own personal quest of the author.

Key Words: Maids- Bogota- memoirs-time-everyday life



MEMÓRIAS, USO DO TEMPO E COTIDIANIDADE DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS. BOGOTÁ, 1950-1980.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO2
COMENTÁRIOS INICIAIS, Problema de pesquisa10
CAPITULO 1. Trabalho e dia a dia	...22
1.1 Condições do trabalho doméstico e transições sociais	...23
1.2 Tipos de família e ligação da empregada	...50
CAPITULO 2. Infância e educação, o tempo da natureza.	...66
2.1 Infância e tradições	...66
2.2 Educação	...72
CAPITULO 3. Socialização	...87
3.1 Sexualidade	...87
3.2 Socialização	...98
3.3 Fruição e lazer	..110
3.4 Uso do tempo na folga	..118
COMENTÁRIOS FINAIS. Uso do tempo	..133
FONTES	..140
Corpus documental e Bibliografia	..140
Anexos e Testemunhas	..145



Foi na alegria e não na tristeza que o homem encontrou seu espírito. A conquista do supérfluo provoca uma excitação espiritual maior que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade.

Gaston Bachelard

APRESENTAÇÃO

Sou mulher latino-americana, nasci na capital da Colômbia faz vinte e oito anos. Cresci no meio de uns pais carinhosos e umas irmãs brincalhonas, numa casa grande e aconchegante, aprendi a ler e escrever com a minha mãe como professora, depois fui a um colégio bilíngüe durante treze anos da minha vida. À tarde, quando já tinha terminado a jornada, a gente ia com frequência à casa da avó, lanchava chocolate quente com pão e queijo enquanto escutava intermináveis histórias e contos, que na boca da minha avó sempre proliferavam. Histórias tristes e felizes, ela contava e recontava desejos, sonhos, experiências, todos eram pedaços da vida; com tempo e escuta constante, tornaram-se pedaços da minha própria vida. Mesma coisa acontece sempre que meu pai ou minha mãe contam os contos da vida deles. Tocam-me tanto esses contos, pensamentos, sonhos, experiências por meus ancestrais contados, que transformam o meu passado: vão enchendo as minhas referências do presente e estabelecendo trilhas possíveis para andar o meu futuro. Dão sentido à vida e ritmo à existência.

Talvez por ter escutado das gerações precedentes a pressa pela sobrevivência, a angústia por atingir os sonhos que prometiam felicidade, o gosto pela liberdade e o respeito, talvez por isso, tenho certeza de que a vida não se faz só, nem especialmente, de dor, sofrimento e sacrifício; mesmo em vidas que não têm sido fáceis.



Aquela minha avó se orgulhava dos quatro filhos diplomados que criou, embora ela só tivesse feito o primeiro ano de escola das séries iniciais e tivesse aprendido a ler e escrever só por acaso, ela achava que, com vontade, fé e muito trabalho (foi pastora, empregada doméstica e vendedora), era possível fazer uma vida de sucessos, gozos e satisfações, além e apesar das dificuldades.

Interesso-me particularmente no caso das empregadas domésticas, por serem mulheres cujo trabalho geralmente pouco valorado e muito pouco analisado, parece reservar-lhes uma vida dura de longas jornadas de trabalho e poucas possibilidades de satisfação. Questiono-me então pelo sentido que a vida cotidiana cobra dessas mulheres e pelo reflexo deste sentido nas decisões e escolhas do dia a dia delas, tudo expressado no uso que fazem do tempo cotidiano. Questiono o que está por trás do que elas tornam a sua cotidianidade, questiono o sentido atribuído por elas à cotidianidade revivida por meio de um trabalho de memória.

É assim que o problema de pesquisa deste trabalho tem relevância na minha própria vida: é importante pelo meu passado que cobra vida nos meus ancestrais e é importante também pelo meu futuro, pois mesmo daqui a muito longe no tempo, esses ancestrais continuarão a ser. Ao mesmo tempo pretendo contribuir à compreensão crítica da experiência social dos personagens que têm-se mantido à sombra da História, e me esforço para inserir-me no universo referencial do Programa de Pós-Graduação em História da UnB, na Linha de Pesquisa de História Cultural.

A pesquisa que aqui proponho tem o viés da história da vida cotidiana, da história cultural, e da história da sensibilidade, onde cobram importância personagens do dia a



dia, aqueles muito silenciados em documentos escritos, e por isso mesmo, de difícil acesso para os historiadores. O projeto visa compreender sentidos e usos do tempo cotidiano das empregadas domésticas em Bogotá, entre anos 1950-1980. Mudanças e sobrevivências serão salientadas a partir da análise das evidências, pistas e sinais marcantes da memória e refletidos nos relatos.

O critério de seleção da questão desta pesquisa não é a representatividade e nem a visibilidade do problema, mas sim o caráter revelador e significativo da questão, quer dizer, a importância que esta questão cobra pela proximidade do problema na minha vida (assim mesmo, na experiência com que cada um se defronta), mesmo como indicador particular do nosso processo cultural. Para as ciências sociais é importante explorar aquelas problemáticas que ficam na escuridão da História, aquilo que pouco aparece sob os projetores da mídia, como bem nos ensina a psicanálise¹. Isso quebra a hierarquização ortodoxa dos problemas de pesquisa em História, que



¹ A teoria psicanalítica oferece bons argumentos para salientar que, provavelmente, o mais importante para a análise e pesquisa do indivíduo e das sociedades, é precisamente aquilo que pouco é percebido: “{o importante} não é necessariamente a representação que uma sociedade se faz dela mesma, ou das manifestações mais elevadas, mas pelo contrário, aquilo que não é percebido, aquilo a que não podemos dar nome e que tende a aparecer” (ENRIQUEZ, 1990:22). Também Freud: “Se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser [é assim mesmo, sim] algo reprimido que retorna.” (FREUD, 1976:300).



deixou como herança uma história contada

El Espectador, Domingo 2 de maio 2010

no ritmo de guerras, heróis, reinados e governos, ficando os demais fenômenos no segundo plano, como de menor estatuto². O uso do tempo, a cotidianidade, o ócio e os prazeres são temas freqüentes de reflexão universal, mas apenas recentemente passaram a fazer parte da agenda de pesquisa interdisciplinar.

Por isto as empregadas domésticas são as personagens centrais desta história. De maneiras muito importantes e pouco óbvias, elas ajudaram a construir a sociedade atual, tiveram acesso ao mais íntimo das realidades familiares e são, por isso, protagonistas relevantes da história da Colômbia (tal como de outros países latino-americanos).

Não é minha intenção fazer mais uma história vitimizante dos subalternos. Através da narrativa, estas mulheres mostraram-se como sujeitos sociais, construtoras do seu próprio destino, e não somente vítimas dele como objetos passivos. No entanto, nas memórias destas mulheres, na sua sensibilidade, está claro o peso do poder dos patrões e dos pais, é claro o lugar que elas ocuparam na sociedade compondo a trajetória social comum ao grupo de faxineiras. Nem vítimas, nem vitimárias; elas dependeram, ao mesmo tempo, das circunstâncias que as pressionavam a tomar um ou outro caminho na vida, porém, sempre

² Refiro-me justamente ao que o historiador indiano Ranahait Guha chama de “historia estatista”, mais comumente, historia oficial (GUHA, 2002).



também das suas próprias decisões: no final, são donas das suas vidas, mesmo no seu papel de subalternas.

Como salientou Elias, o indivíduo está sempre preso à distribuição do poder e à estrutura de dependência e das tensões do grupo: embora as decisões pessoais estejam predeterminadas socialmente, todas as pessoas têm papel ativo decisivo para o grupo social.

Justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que vive e age. De nenhum tipo de sociedade essa margem estará completamente ausente. Até a função social do escravo deixa algum espaço, por pequeno que seja, para as decisões individuais. (ELIAS, 1994:49)

Dentro de um quadro de vida onde a expectativa mais evidente era a obediência e até a submissão, as empregadas domésticas davam seu jeito para serem e se sentirem livres e, em certos momentos, poderosas e, nesse sentido, até transgressoras.

A abrangência que aqui escolho, que põe ênfase na história das empregadas domésticas desde o interior das suas relações cotidianas de vida, trabalho e lazer, no entanto, não descuida o papel desempenhado por elas na vida pública, como bem explica Pablo Rodríguez:

A vida cotidiana adverte uma contínua fluidez entre a vida pública e a vida privada. Sabe de seus difusos limites. Compreende a facilidade com que as turbulências do público transtornam o aparentemente aprazível recinto do privado. Ao mesmo tempo, permanece alerta para descobrir a forma como os assuntos privados moldam e definem as condutas e comportamentos públicos.³ (RODRÍGUEZ, 2002:15)

A problemática do uso do tempo implica o processo histórico de divisão da cotidianidade por jornadas de trabalho e descanso, implica as lutas pelo reconhecimento dos

³ Original em espanhol, tradução minha.



direitos dos trabalhadores por meio da legalização da jornada de oito horas por dia, na década de 1940, na Colômbia. A cotidianidade das mulheres e das famílias viu-se alterada com a entrada das mulheres no mercado laboral – altamente informal – que ganha força apenas nos anos 50, com o impulso industrializante no país. Também é industrial a origem do tempo livre, do ócio, do lazer. Este assunto será explorado pelo ângulo das empregadas de serviço doméstico, isto é, das trabalhadoras mais desregulamentadas e numerosas, num país e numa região onde a tradição da servidão e da escravidão⁴ são indubitavelmente muito fortes.

O período de estudo termina quando começa a década dos oitenta, porque nessa década se deu uma das mais radicais mudanças na condição de emprego doméstico: a entrada com força das diaristas. É de se supor que essa nova condição das empregadas causa também um giro no uso do tempo, na cotidianidade e, até certo ponto, no lugar social que elas ocupavam. A partir dos oitenta as características, hipóteses e situações aqui estudadas eram outras.

A questão do uso do tempo está muito ligada à cotidianidade. O teólogo e filósofo Martin Heidegger (1889-1976)⁵, fortemente influenciado pelo neo-Kantismo e pela fenomenologia, foi o primeiro a considerar a importância da vida cotidiana para refletir sobre a realidade social. A fenomenologia e a sociologia interpretativa estudaram esta noção, analisando como opera a ação social na construção social do dia a dia.

No campo da história é reconhecido o trabalho do francês Fernand Braudel (1902-1985) e das seguintes gerações da escola dos *Annales*, que trabalham a história a partir

⁴ A Colômbia é um dos países americanos em que a abolição da escravidão foi mais rápida e radical; ocorreu em 1851, muito antes dos USA e quase 40 anos antes do Brasil.

⁵ Graças à sua posição de que o principal problema da filosofia não era mais a verdade, mas a língua, influenciou a chamada "virada lingüística" e a hermenêutica.



de uma visão mais intimista. A vida cotidiana torna-se a medida de todas as coisas: das relações humanas, do uso do tempo, etc. Também Henri Lefebvre (1901-1991) insere a análise do cotidiano na teoria marxista e realiza uma crítica do dia a dia procurando a mudança social na transformação e recriação da cotidianidade. Esse mesmo tema foi também muito amplamente analisado por Norbert Elias (1897-1990).

Vamos entender a história da vida cotidiana como aquela que se importa pelas manifestações aparentemente simples da vida social, aquelas ligadas com o íntimo, a sensibilidade, a sociabilidade, com os afetos; aquela que indaga sobre as representações sociais do amor, do casamento, da infância, da sexualidade, da família, da honra, do gosto. Neste sentido, a história do cotidiano também está ligada à história oral e da sensibilidade.

Como história da sensibilidade, tenta explicar primeiro o sentido das ações e, somente em segundo lugar, as causas e razões dessa realidade social. Para isso analisa a utilização dos sentidos, da sensibilidade, tratando de incluir a trilogia sentimento, paixão, emoção (já Lucien Febvre convocava desde 1938 a fazer história do amor e da alegria) (VIDAL, 2005:16-18). Em palavras de Florence Lotterie:

Nas palavras desta autora, a sensibilidade – palavra ambígua – aparece, ainda, como uma “aventura da individualidade”, que se aplica tanto aos estados afetivos, como aos “sentidos”, enquanto meio de percepção. (WEBER, S., 2006:82).

Faço uma retomada da história das sensibilidades, na sua forma da análise dos estados afetivos, e não na sua forma de percepção dos sentidos. Escolho este viés porque faço ênfase na vivência das empregadas, e foi no desenvolvimento da pesquisa que fui percebendo a importância dele; neste sentido é mais um ponto de chegada do que um ponto de



partida. Já na apresentação do projeto foi evidente o grande papel esta perspectiva estava assumindo na análise da cotidianidade e do uso do tempo pelas empregadas dessa época. A sensibilidade se apresenta na forma de sentimento: afeto, conflito, amizade, pertencimento, receio, inveja, raiva, frustração, alegria. A narrativa das diversas facetas da vida destas mulheres salienta conflitos morais, conflitos de valores sociais que mudam no tempo, porque a compreensão desses sentimentos muda também.

A memória e o sentimento se manifestam através da oralidade. Neste sentido, esta pesquisa se alimenta da história oral, retoma as memórias das nossas personagens por meio de falas obtidas mediante entrevistas em profundidade, que são testemunhas de uma situação e período da história (empregadas em Bogotá 1950-1980). Porque, como diz Ecléa Bosi: *a memória é a faculdade épica por excelência* (BOSI, 1979:4).

É com estas ferramentas da História que trato um assunto central da cotidianidade da nossa América Latina. Segundo dados da pesquisadora Magdalena León, grande conhecedora do tema, o emprego doméstico é o trabalho da maior parte das mulheres da região, a ponto de ser chamado: *trabalho da quarta parte*. Na Colômbia a porcentagem de mulheres dedicadas a este ofício seria de 37% em 1984. Esse dado mostra, ao mesmo tempo, uma grande mudança, e a permanência no tempo, já que em 1960 o fenômeno atingia 74% das colombianas, 60% das peruanas e 54% das brasileiras (LEÓN, 1984:2). Isso significa que esta análise compromete e interessa a muitas pessoas da região.



COMENTÁRIOS INICIAIS

Chamou-me muito a atenção a atitude das empregadas no momento da abordagem. Praticamente todas elas declararam "não saber nada" e então não poder aportar coisa alguma a uma pesquisa; levantavam essa questão considerando que a entrevista que eu iria fazer equivalia a um teste de seus conhecimentos. Ao perceberem que meu interesse não era estabelecer seu nível de sabedoria, mas escutar suas experiências e opiniões sobre sua cotidianidade e o uso que faziam do tempo como empregadas de serviço doméstico em Bogotá nas décadas de cinquenta, sessenta e setenta, elas ficavam muito à vontade na sua fala. Ainda assim, algumas não aceitaram ser entrevistadas, e outras aceitaram, mesmo enfatizando a sua ignorância.



Então a experiência de vida também não era tida por elas como um tipo de conhecimento. Não eram somente as tendências ortodoxas da Academia e da História que tinham essa leitura, aliás, a subalternidade do tema do uso do tempo das empregadas podia ser equivalente à condição submissa que a sociedade lhes reservava como sujeitos sociais da sociedade bogotana da segunda metade do século XX. Isso reforçou ainda mais meu interesse pelo meu objeto de estudo da vida destas mulheres.

Como aspecto positivo para a pesquisa está o fato de as entrevistadas serem muito abertas, francas e honestas com seus depoimentos. Grande parte delas nunca tinham sido entrevistadas e gravadas, o que aprofundava seu interesse no assunto. Então elas esforçavam-se nas suas memórias, recomeçavam a falar quando a entrevista parecia ter terminado, mostravam fotos sem eu pedir, contavam mais do que eu perguntava. Esta situação foi também nova para mim; em anteriores ocasiões havia sido mais complicado atingir o interesse dos entrevistados na entrevista.

Os esteios centrais desta dissertação são dez entrevistas em profundidade e um grupo focal, que tornaram-se fontes orais e produtos de interpretação. As entrevistas me ofereceram pontos de vista particulares, experiências individuais e irrepetíveis, entanto que o grupo focal permitiu um outro viés dos mesmos temas. Quando um depoimento lembrava uma anedota, outra das mulheres lembrava-se de alguma coisa que antes tinha esquecido, e assim novos relatos a floravam. Paradoxalmente, o grupo focal resultou ser uma técnica muito produtiva para a coleta de informações e experiências de vida muito íntimas. Com contadas exceções, elas ficavam à vontade, sentindo-se entre iguais e então entre pessoas que iriam compreender seus medos e vivências.



Para escolher as pessoas entrevistadas optei por falar com vizinhos, amigos, parentes e conhecidos pedindo que me ajudassem a estabelecer contato com as empregadas, tendo como principal critério de escolha a temporalidade (deviam ter sido empregadas entre os anos 50 e os 80) e a antiguidade no trabalho (dado que estava procurando pessoas cuja dedicação principal na vida tinha sido empregada doméstica, e não uma mulher que tivesse trabalhado como empregada ocasionalmente). Isso deu como resultado uma seleção no universo das empregadas: entrevistei dez mulheres entre os 58 e os 81 anos de idade, todas elas foram (ou ainda são) empregadas domésticas em Bogotá, embora somente uma delas é propriamente bogotana de origem (essa é a mostra da pesquisa).

Pensei o roteiro das entrevistas baseado nas necessidades de informação que precisava a pesquisa; somente consegui fazê-lo depois da leitura sistemática do estado da arte e dos textos centrais da historiografia das mulheres, da cotidianidade e da época aqui estudada. Levando em conta que o meu problema central é o uso do tempo, fui obtendo clareza sobre os vazios no conhecimento da cotidianidade da criadagem em Bogotá, desse modo enfoquei os questionamentos da entrevista que podem ser revisados nos anexos⁶.

Mesmo que não se possa falar de objetividade plena das fontes, não deixa de ser possível o conhecimento histórico. Não vou entender aqui por fonte uma prova exata e infalível (tradicional concepção positivista) e então não outorgo absoluto valor de verdade às falas; muito pelo contrário, refiro-me a outro tipo de prova. Por fonte entendo pistas do passado que devem ser interpretadas dentro dos parâmetros de sua própria historicidade; esta é uma concepção mais sutil e pertinente, que possibilita o conhecimento histórico

⁶ Nos anexos está o roteiro básico usado nas entrevistas em profundidade, e também as sínteses das dez entrevistas realizadas e do grupo focal. Do mesmo modo, junto à dissertação entrego os arquivos de áudio com todas as fontes orais.



(GINZBURG, 1990) ⁷. E então tento dar perspectiva aos depoimentos das empregadas, interpreto essas falas dentro dos limites e alcances das condições de produção. Isso eu tento, o leitor julgará se consigo.

Entendo por documento qualquer tipo de fonte usada, faço caso omissa da exclusividade da fonte escrita: as entrevistas e falas das mulheres contatadas são também documentos históricos. De fato, retomo o olhar da história oral como memórias subterrâneas, segundo as chama Michel Pollak, contrapostas à história oficial (POLLAK, 1989). Faço as entrevistas porque dão acesso a uma fonte riquíssima de experiência de vida. No entanto, as falas vão ser levadas em conta não só como memória, mas também como esquecimento, pois parto da natureza descontínua de toda memória.

... se consideramos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta quando mentalizada ou verbalizada por pessoas (LE VEN, 2001).

As fontes orais “andam no tempo”, pois cada uma das testemunhas está num processo permanente de mudança dos seus próprios sentimentos, razões e histórias. O valor de verdade da narração histórica, insisto, consiste em compreender a versão que cada pessoa está em capacidade de fornecer. Esta compreensão somente será possível se historicizada com contextos e situações próprios do período em estudo, produto da pesquisa em revistas e jornais da época, crônicas da cidade, fotografias, e outras fontes disponíveis que dêem conta da rotina diária das criadas.

⁷ Também levei em conta a entrevista a Carlo Ginzburg, publicada no site: http://www.kaosenlared.net/noticia.php?id_noticia=16557



É importante sublinhar que ao longo do texto aparecem em itálicos os fragmentos dos depoimentos que achei indicadores importantes das hipóteses e descrições que desenvolvo na pesquisa. Retomo as falas das empregadas nas entrevistas e no grupo focal, vou redigindo ao longo da narrativa frases-índice de alguma coisa. Os leitores interpretarão essas falas à sua maneira, podem perceber as questões de modo diferente da minha própria interpretação, que está sempre presente no texto. Isso alimentará a discussão.

Em todas as citações são indicados o minuto e segundo da gravação em que podem ser escutadas, e o nome da testemunha. Os nomes são reais, as identidades das empregadas não foram criptografadas em razão do próprio interesse delas. Combinamos uma troca: elas iriam contar-me sua vida através da entrevista, iriam fornecer-me dados e informações interessantes, memórias verídicas, e, em troca, eu lhes daria minha interpretação da análise no trabalho terminado, mostraria a elas os resultados, as hipóteses, mostraria a elas que sua vida não era um acontecimento isolado da realidade, mas que havia coincidências e certas regularidades entre as empregadas domésticas como grupo social. Neste sentido, estou redigindo para elas um texto mais sucinto em espanhol e marcando os encontros com cada uma. Assim, posso dizer que a pesquisa ainda tem um outro produto final: este documento discutido com as entrevistadas.

No tocante à metodologia, cabe dizer que é fundamentalmente qualitativa, diacrônica e indutiva. A centralidade que dou aos testemunhos reflete essa escolha metodológica. As citações e discussões teóricas aparecem somente quando achei que aportavam e efetivamente ajudavam a sustentar meus argumentos. Das falas e experiências heterogêneas de cada uma das mulheres, saliento elementos comuns de suas vidas, para inserir as experiências individuais na trajetória social do grupo, e, com base nessas trajetórias de vida



compartilhadas, eu proponho hipóteses. Por isso a amostra é pequena, um total de dez vidas são analisadas aqui com toda a profundidade que consegui.

Quanto aos conceitos, este é o lugar para esclarecer que uso o termo "empregada doméstica" para me referir a mulheres que ocupavam seu tempo prestando serviço em casa de outros fazendo limpeza, cozinhando, cuidando de crianças alheias, etc.

Ao dizer "empregada de serviço doméstico" estou me referindo a um conceito com grandes conotações históricas. Os criados não eram estritamente ex-escravos nem escravos, tratava-se de serviçais domésticos. Muitos criados, homens e mulheres, frequentemente tão jovens, ou até mais novos que os filhos da casa, eram geralmente "adotados" pelas famílias com recursos. Entretanto, não eram incluídas como membros efetivos da família e sim como serviçais - empregadas domésticas-.

Muchos niños eran abandonados durante la colonia, crecían en conventos sin padres o eran "adoptados" como trabajadores en casas de familias y quienes no, crecían sin padre en compañía de medios hermanos. Rol especialísimo tenían madrina y padrino, quienes eran muy cercanos a la familia (patrones, o gente que diera estatus). Era como un reconocimiento que afirmaba el vínculo de compadrazgo, era de por vida y significaba una segunda paternidad; principios del s. XX comenzó su decadencia. (RODRIGUEZ, 2004:267).

Criava-se uma relação que, quando funcionava bem, incorporava por toda a vida a criada à casa dos seus patrões. Há evidências para pensar que esse tipo de estruturação da casa/família poderia, inclusive, ser mais antiga que a escravidão, mas não é esta possível antiguidade que nos interessa no momento. Esse relacionamento com as criadas tinha muitas nuances no tocante ao status e respeitabilidade da família: nas "boas casas" existiam dois tipos de criaturas: as crianças e as criadas.



Ao redigir a dissertação estive fazendo o duplo exercício de pensar em português e historicizar o problema de pesquisa. A palavra criadagem em espanhol não existe, fala-se da "servidumbre" para referir as relações serviçais, diferentes das relações de escravidão. No entanto existe o conceito de "criada": denota tanto o serviçal, quanto a ação de criar um filho: a palavra é a mesma⁸. Há uma diferença substancial entre as duas línguas no tocante a esse conceito. Em português o termo "servidão" denota relações de servidão historicamente ligadas ao feudo e/ou à escravidão. Na Colômbia, esse vínculo entre a escravidão e a criadagem não é tão evidente e o fenômeno se diferencia do Brasil pelo componente étnico. Por isso nesta dissertação o termo: "empregada de serviço doméstico" faz referência historicamente à criadagem como fenômeno moderno que, ainda que tenha heranças da colônia, diferencia-se da servidão escrava (LEÓN, 1991:27).

Apesar das particularidades nos distintos países, há vários documentos que parecem mostrar evidências de um tipo de padrão mais ou menos transnacional do fenômeno específico da criadagem. O fato de serem crianças muito novas adotadas por famílias das quais tornam-se serviçais, geralmente para a vida inteira, o fato de serem comumente relações não monetizadas onde o trabalho era feito em troca da comida e dormida; a ligação entre a presença da criadagem e o status social, são rasgos que parecem comuns em vários lugares do mundo (AMARAL COSTA, 1994; SHILLING 2009; DONZELOT, 2001). Seja como for, embora resulte muito interessante, esse não é o assunto central desta pesquisa.

Mais pertinente é o fato de a figura da criadagem ter existido neste território pelo menos desde a colônia (não havendo evidência pré-hispânica) e ainda, durante todo o

⁸ Do mesmo modo a palavra criança em português –niño, infante- existe também em espanhol, mas nesta língua significa o ato de criar –educar, levantar, alimentar- um filho.



século XX, coexistir com outras figuras de servidão e trabalho mais contemporâneas. Isso mostra a não linearidade temporal da realidade social e pelo contrário, a coexistência de diversas temporalidades no fluxo contínuo do tempo. O caso de crianças abandonadas e adotadas como serviçais por famílias de camadas sociais superiores é uma experiência narrada por uma das entrevistadas o que, no momento, resultou muito surpreendente para mim, que pensava que esse fosse um fenômeno do passado.

Mas o conceito “empregada doméstica” deve ser, ele mesmo, objeto de análise, porque ele dá conta da historicidade do fenômeno. Na gíria popular, os termos com que as pessoas comuns chamavam estas mulheres cotidianamente eram: *sirvienta, casera, la de adentro, coima, muchacha, mucama, guisa*, entre outros vários termos hoje simbolicamente muito violentos. Só a partir dos anos oitenta foram chamadas empregadas (CHANEY, E.M & GARCIA CASTRO, M. C. (orgs), 1993). A evidência parece apoiar o argumento de que essa mudança teria ocorrido por conta do incipiente e crescente discurso jurídico ao longo de uma vagarosa mudança cultural.

As autoras dos depoimentos falam de si mesmas como sendo empregadas do serviço doméstico, elas assumiram esse papel e esse termo hoje cotidiano e de uso corrente que fixou-se no final do período aqui pesquisado (1950-1980). Nesses trinta anos, as mudanças das condições de trabalho, imaginários sociais, representações e valores em torno ao serviço doméstico foram radicais.

Se a criadagem era vista na época como uma maneira prática e generosa de adotar e acolher uma pessoa alheia à família (como algumas das empregadas ainda salientam), ou se foi, como hoje seria interpretado, um relacionamento social de exploração ligada a



elementos de classe e de gênero, é um assunto de tensão social que remete à História e à própria historicidade dos valores e da cultura. As interpretações também são históricas (GADAMER, 1997).⁹ Os valores e a ética do trabalho têm mudado tanto como os olhares que geram os depoimentos aqui expostos, isso precisamente é ainda um assunto a discutir com as próprias entrevistadas.

É muito comum no estado da arte, o argumento, de que as empregadas assumem uma posição historicamente alienada, passiva e pouco exigente; sem relativizar, historicizar, levar em conta o contexto e a cotidianidade dos sujeitos nas diferentes épocas. Indubitavelmente, a criadagem teve sempre um papel de subalternidade em relação aos senhores da casa, embora o tema que aqui nos convoca é a questão do uso que faziam as empregadas do seu tempo, e nesse aspecto em particular, vemos que o grau de subalternidade não era homogêneo. Isto é: as particularidades de cada relacionamento implicavam níveis variáveis de submissão da empregada perante os senhores da casa, e isto se reflete no uso do tempo: quantas se permitiam atividades e atitudes mais próprias dos senhores do que das empregadas? O papel histórico das empregadas nem sempre esteve afastado da transgressão, como veremos ao longo do presente trabalho. A pretensão é, por meio do estudo do uso do tempo, compreender seu modo de vida cotidiano, entre sofrimentos e fruções.

Além da periodização de trinta anos que eu adotei para a abordagem do problema, está o jeito como as nossas personagens dividem a vida delas, os diferentes momentos que fragmentam a sua fala: sua chegada a Bogotá, cada trabalhos que tiveram, a

⁹ Gadamer propõe a hermenêutica: a arte de compreender, interpretar. A pergunta que sempre acompanhou o filósofo é: Quem sou eu e quem o outro sendo o outro um livro? Para ele, o fato de atribuir sentidos a um texto sempre implica projeção: ou seja, sentidos prévios nossos, projetados nos textos lidos. Para Gadamer isto não é negativo, é positivo, pois gera criação, porque a subjetividade é muito forte e nunca vai ser desaparecer numa relação, então a objetividade é inatingível como um absoluto. Propõe Gadamer, para ler um texto e limitar a projeção sobre ele, partir dos hábitos linguísticos do autor na sua época, pois toda compreensão é histórica.



morte dos pais, seu casamento e nascimento dos filhos (se tiveram) e os deslocamentos geográficos. São esses momentos que, invariavelmente organizam as falas delas e pontuam as suas memórias, como claramente encontra Ecléa Bosi no seu livro *Lembranças de Velhos*.

Chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas. (BOSI, 1979:337).

Por isso, a exposição que faço dos resultados desta pesquisa em capítulos procura respeitar essa organização espontânea das memórias na própria narrativa das mulheres. Precisamente porque facilita a compreensão da cotidianidade e as mudanças do uso do tempo das criadas. A narrativa da dissertação está estruturada como segue, sendo que a memória e a cotidianidade das empregadas são duas linhas transversais ao longo dos três capítulos:

O primeiro capítulo, intitulado "Trabalho e dia a dia", trata sobre as condições do trabalho doméstico e das transições sociais que cada informante experimentava quando deixava de viver com uma família de origem popular, onde ela era uma igual, e passava a viver com uma família de classe média ou alta, onde ela era a serviçal. Como era o trabalho nessa época e quais suas condições? Quais os relacionamentos que se davam entre o pessoal da família e a empregada? Como se estabelecia o contato e qual o papel da empregada na negociação? Havia remuneração e como ela era entregue? Como dividia as jornadas para cumprir com as múltiplas tarefas domésticas? São alguns dos questionamentos que respondo no capítulo, visando compreender o vínculo entre a empregada e a família para a que servia, e o jeito como isso se relacionava com o uso e a sensação do tempo das empregadas durante seu serviço. Paralelamente desenvolvo uma hipótese relativa ao pertencimento social das



empregadas, que, cotidianamente defrontadas com a sua camada popular de origem, e também, com a camada média ou alta da família dos senhores da casa, parecem morar numa fronteira cultural, pois pairam culturalmente entre várias classes sociais. Isso é cobrado tanto pela classe de origem, como pela classe dos patrões.

No capítulo dois descrevo e analiso a cotidianidade da vida familiar das empregadas. Trato o tocante à infância das (futuras) empregadas, analiso os vínculos com seus pais, irmãos e irmãs. Descrevo o contexto educativo e cultural em que elas se formaram, sendo fundamental o papel da igreja católica em geral e da moral religiosa em particular. Mesmo assim mostra-se um dos momentos cruciais na vida destas mulheres: a migração para a cidade e o início da sua vida no trabalho. Baseada nesses aspectos da infância das empregadas desenvolvo uma hipótese acerca de um tipo singular de temporalidade que grande parte das empregadas desenvolvia na vida. Qual o relacionamento que costumaram ter essas mulheres com o tempo? As lembranças e a educação no campo que quase todas delas tiveram, influencia fortemente a sensação e o conceito que elas teriam do tempo durante o resto da sua vida. A infância mostra-se como um período crucial.

No último capítulo, intitulado "Socialização e folga", desenvolvo a parte mais sensível, íntima e, por isso mesmo, arriscada da pesquisa. Estudo o uso e as características do tempo que as empregadas usavam à vontade, quer dizer, esse tempo de liberdade evidente, onde ninguém mais do que elas podia escolher o que fazer. Quais eram seus critérios de escolha das atividades e atitudes a tomar durante a folga?

A primeira parte do capítulo trata da sexualidade, a segunda é sobre a socialização das empregadas. Levanto discussões sobre o permitido e o proibido no contexto



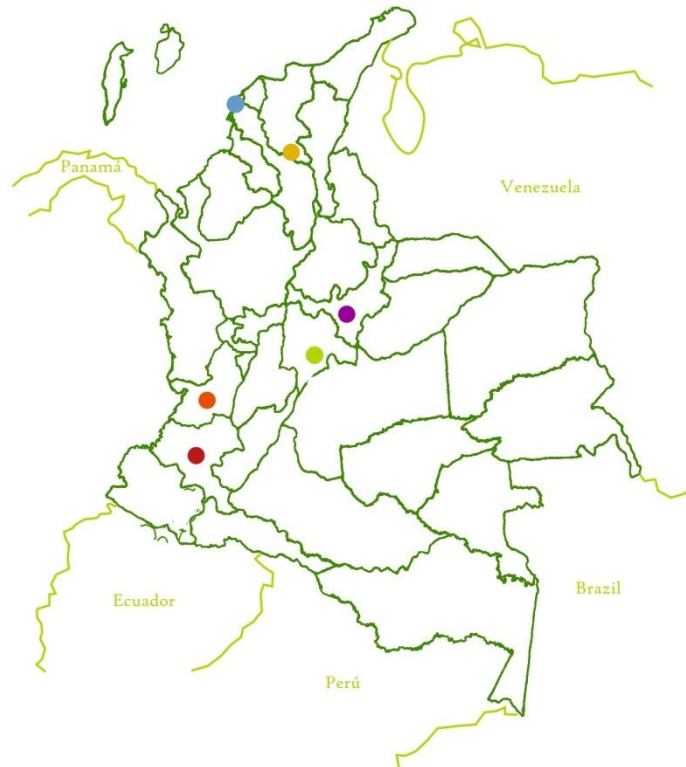
social delas, dos vínculos com os homens, dos perigos, ocultos e silenciados; mas também das aparências, de distintas formas de dispor do seu tempo. Neste capítulo desenvolvo uma hipótese que considero central para a dissertação e está muito ligada com a história das sensibilidades. Tem a ver com um imaginário social que marcou o destino do grupo social das empregadas domésticas, por serem consideradas mulheres que, pelos seus comportamentos, moviam-se nos extremos morais do bem ou do mal. Num caso eram mulheres sofridas, submissas, maternais e obedientes, no outro caso eram pelo contrário, mulheres perigosas, rebeldes, problemáticas, voluntariosas e dispostas ao prazer. Esses imaginários estiveram muito ligados à sexualidade e ao uso do tempo.

Na segunda seção do capítulo aparecem assuntos relacionados com os relacionamentos sociais das empregadas domésticas, seu relacionamento com os vizinhos, com os homens e depois, no caso daquelas casadas, com o marido. Do mesmo modo trato seus desejos ocultos e seus esforços manifestos quanto à vida dos seus filhos (quando tiveram). Neste capítulo discuto sobre a possibilidade material e simbólica das empregadas de atingirem ascensão social, ainda que fosse ao longo de várias gerações e a través dos filhos.

Finalmente, na última parte do capítulo, estão as seções: Fruição e lazer e Uso do tempo na folga. Nesta parte trato o assunto concreto do tempo livre, do lazer e da folga como a contraparte do tempo do trabalho para estas mulheres. O que elas gostavam de fazer? O que determinava se saíam ou não nos dias de folga? Como elas dispunham do seu tempo livre? Quais eram as atividades mais comuns? Exploro os sentidos que ajudam a compreender o uso do seu tempo, historicizado na sua própria cotidianidade.



LOCALIZAÇÃO



● BOGOTÁ, O fragmento espacial deve-se a:

- Colômbia tem forte tradição de servidão. S. XVI em ● Cartagena, ● Mompox, ● Popayán e ● Cali, as famílias da elite tinham até 40 escravos; em cidades como ● Bogotá ou ● Tunja tinham serventes, símbolo de status e prestígio das famílias (RODRÍGUEZ, 2004:249).



CAP 1. TRABALHO E DIA A DIA

La frase que tenía la gente elegante era que se sabía quiénes vivían en la casa por quién abría la puerta y la manera en que hablaba... Yo había aprendido tanto, tanto, tanto... que me quebraba de lo fina! Oyó! Cuando volví a mi pueblo, las personas quedaban bizcas de oírme... (Zoila, min. 10:35).

Ainda nos meados do século XX são evidentes as manifestações e transformações do fenômeno moderno da criadagem, ainda que sejam inegáveis algumas heranças do regime da servidão colonialista. A criadagem na Colômbia teve muito a ver com a busca da distinção, da elegância, dos bons modos cosmopolitas da burguesia, à semelhança do modelo vitoriano inglês cuja influência parece muito provável. Além da sua utilidade pelas inúmeras tarefas domésticas, a criadagem, tradicionalmente composta por várias camadas de trabalhadores segundo suas funções, constituía um símbolo de status familiar.

O valor social de uma família dependia em grande medida, de quem abrisse a porta e do jeito como atendesse. No caso das famílias sem recursos, a presença mesma desse pessoal ao serviço dos senhores da casa era um elemento de luxo e conforto; não assim no caso das famílias em ascensão social, para quem a presença da criadagem era absolutamente indispensável e a distinção social baseava-se na quantidade e qualidade dos serviços (elegância, presença, educação, quantidade, etc.). Entre eles estavam: cozinheiros, governantas, babás, lavadeiras, faxineiras, motoristas particulares, enfermeiras do lar, jardineiros, copeiros e caseiros.

Isto significa que o status e o valor social eram traduzidos por cada família segundo o seu lugar na sociedade (sua inclusão numa ou noutra camada social), trazendo exigências diferenciadas para a criadagem e, particularmente, para as empregadas domésticas



segundo a classe social onde oferecessem seu trabalho. Na década dos cinquenta, com o início da consolidação da classe média colombiana¹⁰, resultavam particularmente importantes os critérios para atingir legitimidade e valorização social, estes deviam multiplicar-se e afirmar-se. Com o passo das décadas esse elemento simbólico da criadagem diminuiu e diversificou-se, porém nunca sumiu completamente.

1.1 CONDIÇÕES DO TRABALHO DOMÉSTICO E TRANSIÇÕES SOCIAIS

O serviço doméstico era comum entre as famílias bogotanas. No entanto as exigências e condições do trabalho no interior dos lares dependiam tanto do nível econômico dos donos de casa, quanto de assuntos da esfera privada. As condições de chegada da empregada à casa dos senhores, o tipo de relação com os patrões e a família, as expectativas e experiência prévia da empregada, são alguns desses assuntos privados determinantes das condições do trabalho. Vamos examinar estes aspectos.

Ao falar nas condições de chegada da empregada à casa de família dos senhores, estou me referindo à existência de intermediários. Dado que frequentemente as empregadas não eram nascidas na cidade, precisavam de um contato para chegar a Bogotá e trabalhar em casas de família, ou pelo menos era isso que eu achava lógico, pensado desde a minha contemporaneidade. Aí está uma das primeiras surpresas desta pesquisa: a notável quantidade de empregadas que chegavam à cidade sem contato algum, sem saber o que fazer e nem para onde ir.

¹⁰ Luis López de Mesa, importante intelectual colombiano, definiu a classe média como aquela que conseguia medianamente satisfazer as necessidades de nutrição, reprodução, moradia, vestido, recreação e saúde, religião, governo, arte e trabalho. (cit. por CASAS, 2004:6)



Muitas das mulheres que se dedicavam ao serviço doméstico tinham sido persuadidas a trabalhar pela própria família, direta ou indiretamente. Duas circunstâncias eram muito comuns: falta de dinheiro para manter as despesas da família (o que empurrava os filhos e filhas a trabalhar fora), e relações familiares e vicinais altamente conflituosas que faziam com que elas migrassem para a cidade. Vou ampliar os dois casos:

O primeiro caso está referido aos problemas econômicos das famílias. Tanto o trabalho como o ganho econômico eram assuntos familiares, não individuais. Mãe e pai cooperavam para o bom funcionamento da empresa familiar, à qual se somavam os filhos. Quando, apesar do trabalho disciplinado e duro do pai, e da ajuda dos outros membros, o orçamento familiar não bastava para manter as despesas dos membros da família, era preciso que todos trabalhassem. Essa situação era mais dramática quando se tratava de uma família sem pai, fosse por morte ou por ele não assumir o seu papel paterno. Estas questões faziam com que as filhas, e especialmente a mais velha, tivesse de ajudar à família com seu próprio trabalho, numa área bem feminina -como a faxina- supondo muitas vezes seu deslocamento à cidade.

No segundo caso, aquele das relações conflituosas familiares e vicinais, as filhas da casa escapavam, fugiam sem avisar e nem prever nada. Muitas vezes estes fortes desgostos estavam relacionados com a tentativa dos pais de casar suas filhas, contra a vontade delas. Frequentemente também se associava a um convívio cheio de tensões, brigas e autoritarismos, ou violência doméstica.

En esa época mi papá y mi mamá eran bravos! Entonces ellos para nosotros... Para nosotros ellos, nuestros papás eran... Muy fuertes. O sea, teníamos que llevarles la idea! De todo, y si no... eso de la casa nos sacaban corriendo! Ja, ja ja... Todas {las hermanas} nos fuimos a escondidas de la



casa. Y no sabíamos para dónde irnos... Yo tenía 14 años y medio, y mis hermanas me seguían {en edad}. (Maria Emelina, min 24)

O caso das empregadas que chegavam à cidade impelidas por conflitos familiares, era muito comum que, pela pressa e correria, saíssem da casa materna sem saber para onde iam, nem com quem e nem como. Normalmente fugiam sozinhas, correndo grandes riscos. No caso das empregadas que saíam da casa materna por causa da escassez do dinheiro, as famílias podiam encarregar-se de estabelecer os contatos necessários para que a filha migrasse a trabalhar. Aqui entravam aqueles atores que chamo intermediários no relacionamento do trabalho.

Ainda há um terceiro caso: o daquelas crianças que por uma ou outra razão eram adotadas por famílias alheias e terminavam assumindo o papel de uma criada. Fiquei surpresa ao constatar que este caso ainda é contemporâneo. No depoimento de Alcira, a mais velha das entrevistadas, uma mulher com muita história por trás, aparece claramente este caso:

Tengo otra amiga que... Esa sí se crió al pie mío: Aurora. Esa sí mejor dicho, es como una hija para mí! Ella sí no me ha desamparado. Ella yo la saqué... Esa es la que le digo que iba conmigo a la dominical {donde las monjas}. Porque era que ella andaba por la calle... La mamá no... juj! Eran cinco hermanas y andaban por la calle. Yo decía: Ay! Dios mío! Esas criaturas crecen y cogen la mala vida! Y logré sacarla de allá y que la señora {la patrona} la recibiera. –¿La recibió como si fuera su hija? –No, o sea, para que ayudara en la casa... (Alcira, min 48:50)

A função do intermediário consistia em estabelecer o contato entre a futura empregada e os donos de casa que dela precisassem. Podia ser a família mesma, ou então a igreja católica - normalmente comunidades de freiras-, podiam ser os pais, parentes, conhecidos, e inclusive desconhecidos. Eram pessoas que usualmente acompanhavam também o processo de migração campo-cidade e, não poucas vezes, estavam guiadas por interesses particulares opostos ou distintos aos da empregada.



Llegué {a Bogotá} cuando tenía 10 años, con una familiar que me dijo que venía a estudiar... pero todo eso resultó mentira! Nada resultó cierto. Para mí fue muy difícil llegar, no me adaptaba, estaba muy sola... He salido yo solita adelante! (Cecília 20:50 min)

A circunstância que as levou a se tornarem domésticas marca em grande medida o que esperavam do seu trabalho, suas expectativas estavam ligadas aos sonhos, aos desejos, aos valores sociais e ao entorno cultural do dia a dia. Se a circunstância que as levou ao serviço doméstico estava relacionada com situações econômicas, então a maior expectativa delas era poupar e enviar dinheiro à casa dos pais; se a circunstância foi fugir da família, então a expectativa girava em torno a uma nova vida, à esperança de melhores condições; se foi o engano que as levou ao serviço doméstico, sua expectativa com esse trabalho era escapar aos planos do algoz, procurar seu caminho próprio, superar sua ingenuidade e sair adiante. Essas expectativas retroalimentavam-se com as condições de trabalho porque determinavam graus de resistência e aceitação às condições do trabalho.

Ser a primeira filha da família a trabalhar implicava abrir o caminho para as irmãs, amigas, comadres e vizinhas que, com certeza, viriam depois; era, portanto, uma grande responsabilidade. Por isso nas entrevistas, as memórias que mais enfatizam a estranheza da cidade e a dureza da identificação como empregada doméstica migrante são daquelas que foram as primeiras da família ou povoado a viajar. Parte da tarefa que elas deviam realizar era estabelecer redes sociais para facilitar a vinculação de outras pessoas a casas de família.

Essas redes funcionam de tal jeito que uma mesma empregada podia trabalhar em várias casas da mesma família, ou então enviar uma amiga conterrânea, uma irmã, etc., para a casa do irmão da patroa ou para a casa de uma amiga do senhor da casa, etc.



Então havia outras mulheres que chegavam a Bogotá com o contato já feito por irmãs ou amigas que estavam trabalhando na cidade, nesse caso tudo era mais simples porque chegavam tendo referências sobre os critérios de negociação do trabalho.

A rede de contatos para o serviço doméstico funcionava antes, como hoje, por meio da "recomendação" da empregada. Esse é um traço de permanência cultural. *Recomendar* é o boca a boca, é espalhar informação sobre certa família estar procurando empregada doméstica e paralelamente espalhar informação sobre mulheres em procura desse trabalho. Uma pessoa informa à outra e à outra sucessivamente, até que família e empregada se encontrem. O que na teoria deveria ser um mercado de trabalho se torna assim, na realidade, uma estratégia de comunicação informal e sem controle, que inclui conversas e fofocas.

Mi hermana menor que se fue para Bogotá, le fue bien, llegó recomendada a través de una amiga suya. En Bogotá me llamó y me dijo que me fuera para allá, que era mejor. Cuando eso ya se podía hablar por teléfono y uno podía llamar... Eso fue como en el ochenta {o setenta}... Mi hermana me trajo a donde la mamá de la patrona de ella, en la {calle} 45, frente a la Universidad Nacional. (Hermelina, min. 14)

Ainda que aparentemente informais e sem controle, essas idas e vindas de mensagens estão dotadas de uma eficiência tal que todas as mulheres que participaram desta pesquisa, estabeleceram o contato com seus empregadores a través dessa espécie de "correio informal". A suposição fundamental desse meio de comunicação cotidiano é precisamente a veracidade das informações.

Na época, sempre que uma família procurava uma empregada, a recomendação principal girava em torno à honradez dela. Da honra da empregada e, portanto da confiabilidade da *recomendação*, dependia o sucesso do contato, porque a honradez da empregada ia ser testada constantemente, como salienta Girard no caso de Brasília.



Conhecem o mercado de trabalho do campo e bem sabem que nada tem a ver com a meritocracia, mas com redes sociais. Há permanentemente suspeita sobre a confiança porque isso não pode ser considerado a priori (p. 215).

Quanto à honestidade, exigida pelos patrões, não é senão uma maneira de afirmar a exterioridade da doméstica em relação ao parentesco. (GIRARD, 1993:218)

Da honradez da empregada e das relações interpessoais que estabelecesse dependia se todos se dariam bem, isto era mais determinante do que, inclusive, o próprio serviço. Era um elemento comum às negociações, onde honradez significava particularmente o respeito pela propriedade privada (por isso mesmo supunha-se que era um valor unilateral que devia provir da empregada, pois era ela quem não possuía propriedade).

Quando supunha-se que uma determinada criada era confiável por ser recomendada (e então recomendável e digna de confiança), o seguinte passo era experimentar o convívio entre as duas partes: a família dos senhores da casa e a empregada. O verbo invariavelmente usado para referir isso em espanhol é: *amañarse*, que significa acostumar-se ao cotidiano dos novos ritmos e pessoas; só no melhor dos casos, seria também ficar satisfeito com tais ritmos e pessoas.

Siempre que entraba a trabajar con una nueva familia, me daba un plazo de ... unos ocho días para ver si me gustaba o no, varias veces no me gustó y me fui. Máximo duraba quince o veinte días y me iba!. (Maria Emelina, min. 44)

Allí uno llegaba a trabajar y si la persona se amañaba con uno y uno con la persona, ahí se moría uno... (Zoila, min. 62:20)

Uma vez feito o contato na cidade com os donos de casa, estabeleciam-se os termos do trabalho, as condições de trabalho eram resolvidas oralmente entre donos de casa e o "protetor" ou "intermediário" (pai, mãe, freira, amiga, etc.), especialmente quando se tratava



do primeiro trabalho. A empregada limitava-se no melhor dos casos a dizer se aceitava sim ou não e, no pior dos casos, só a escutar a negociação do que era objeto; nas entrevistas, poucas empregadas lembram ter pedido melhora no pagamento ou mudança das condições oferecidas, e nenhuma delas pediu nada na primeira negociação. Neste caso a empregada era objeto de negociação, não sujeito dela: a empregada muitas vezes nem chegava a conhecer bem os assuntos pactuados.

Apenas llegué {al convento}, una monja me dijo que me iban a entregar a la señora Genoveva, que estaba en Miami. Mi papá estuvo de acuerdo en entregarme.... Él habló con las monjas... Después de un mes, llegó Genoveva y me llevó... (Zoila, min. 3:00).

El contrato era de palabra. Yo no negociaba, me ofrecían el pago y aceptaba, pagaban mensual. Yo nunca discutí por eso. Pero siento que no siempre me pagaron justamente! (Hermelina, min. 34)

A forma de convívio que no dia a dia estabeleciam as empregadas com os donos de casa e as famílias deles era fundamental para o trabalho; e insisto: dependia de variáveis privadas, alheias ao Estado. Às vezes essa relação era de parentesco, às vezes era de sedução e amor, às vezes de ódio e mágoa, outras de gratidão e admiração, ou ainda de engano e humilhação; mas sempre gerava uma mistura de emoções e sempre era uma relação de obediência a uma autoridade legitimada e isso reforçava a subalternidade destas mulheres.

Essa subalternidade do trabalho das criadas está refletida na natureza mesma do trabalho, que é percebido somente quando não é feito, quer dizer, quando a casa está suja e desarrumada; se estiver organizada, não se percebe facilmente. É por essa característica que alguns autores falam em “trabalho invisível” para se referir ao trabalho doméstico (VELÁSQUEZ, M. 1989:31). Essa falta de valorização social das atividades “de casa” (que



inclui também as donas de casa) é evidente quando se analisam os censos de 1951, 1964 e 1974, nos quais as donas de casa eram incluídas entre a população economicamente inativa.

Até a década dos cinquenta, e com maior ênfase nos sessenta, não era comum ver mulheres andando sozinhas pelas ruas da cidade. Elas pertenciam ao espaço privado, à esfera da intimidade. Elas, também, ficavam invisíveis.

Até esse momento as mulheres que trabalhavam fora da casa eram poucas e eram invisíveis: vendedoras ambulantes nos camelôs e nos mercados de fruta e verdura, prostitutas, garçonetes, sobretudo. (LUENGO, 2008:68)11.

Nesse contexto, era socialmente dispostos que o trabalho da empregada de serviço doméstico fosse acompanhado pela situação de dormir na casa dos patrões. De certa maneira assim cumpriram a condição privada do trabalho feminino, herdado das gerações passadas. As condições do trabalho feminino e do trabalho masculino eram essencialmente diferentes.

É interessante lembrar que nas entrevistas está sempre muito clara a ideia de que o pai era quem "trabalhava" enquanto a mãe "o ajudava"; percepção particularmente marcada nas mulheres de origem rural. As mulheres que são reconhecidas como trabalhadoras eram as mães solteiras, talvez precisamente pela falta do homem. Para estas mulheres o trabalho é concebido em termos da divisão sexual do trabalho familiar, mesmo o valor do trabalho.

Se, por uma ou outra razão, muitas empregadas não assumiam o papel de sujeitos na negociação das condições do seu trabalho, também é interessante analisar

¹¹ Embora o autor esteja se referindo ao caso espanhol, há situações mais ou menos comuns entre esse país e a Colômbia. O original está em espanhol, a tradução é minha.



diferentes termos do acordo trabalhista, pois ajudam a compreender qual o valor que elas mesmas atribuíam ao seu trabalho e qual o valor socialmente atribuído.

De fato, resulta surpreendente perceber que além de aceitarem cegamente umas condições oferecidas, ainda ficassem aparentemente satisfeitas com um acordo de trabalho que, em termos de hoje, são muito pouco equitativos e bastante desproporcionais.

A mí nunca me pagaron! Ellos decían que no me pagaban porque {yo} era {de} la familia... Pero bueno, yo digo ahora, pues será que ellos ahorraron todo eso y con todo lo que ahorraron, hoy me pagan a mí aquí... {el asilo geriátrico}. Roguemos a Dios que sigan pagando hasta que yo me muera. (...) Esto es muy duro sumercé, toca estar sometido a un régimen...!!! (Alcira, min. 12 e 53)

Hay personas que le hacen sentir a uno que ellos son los estudiados y los ... Uno es un ignorante... Entonces uno no puede exigir! Sólo al verse obligada {porque salió una ley}, empezaron a darle cesantías. También me afiliaron al seguro social porque salió una ley dura, que investigaban a los patrones. (Hermelina, min. 36)

Ainda que cada caso seja diferente, o valor atribuído pela empregada principiante à moradia e à comida podia ser equivalente a seu trabalho ilimitado, equivalente ao seu serviço sem horários; particularmente entre aquelas que chegavam sozinhas à cidade. Dentro dessa lógica, o intercâmbio de trabalho por comida e dormida podia parecer-lhes justo, à semelhança da criadagem tradicional da época da colônia. O valor do trabalho é histórico e depende tanto da situação particular de quem faz o cálculo, como da situação espaço/temporal da sociedade. Não havia regulamentação estatal fidedigna que estabelecesse os parâmetros para o preço do serviço doméstico, de modo que o valor era estabelecido segundo parâmetros subjetivos dos donos de casa.

Alcira, a mulher citada no parágrafo acima a quem nunca pagaram, foi uma criança nascida em 1928, abandonada pelos pais (nunca os conheceu) e adotada por uma



madrinha velha que, ao morrer, pediu para os vizinhos cuidarem dela. Esses vizinhos pegaram-na como empregada vitalícia e de graça.

Cuando llegué ayudaba en todo lo que podía a la familia, por eso me encargué de los hijos de ellas, luego cocinaba y limpiaba. Luego comencé a hacer todo el oficio... Pues lo que alcanzara, porque eso sí, yo no me puedo quejar que ellos me pusieran oficio... Ni tampoco me corregían, ni me pegaron, ni nada! (Alcira, min. 5)

O valor do trabalho para Alcira era equivalente ao valor do pertencimento a uma família. Seu trabalho era o preço que ela estava disposta a pagar por viver sob um teto estável com a presença de um pai e uma mãe (os senhores da casa), sentindo-se protegida pelo aconchegante lar onde, de graça, faria faxina a vida inteira. Casos como este foram comuns ao longo do todo o século XX.

Outro caso indicativo do valor do trabalho é o caso de Hermelina, e de tantas outras mães solteiras, que sempre aceitaram uma diminuição no seu pagamento mensal para que pudessem morar com sua filha na casa onde trabalhava. Por isso mesmo, estava disposta a correr atrás da melhor oferta econômica.

Ella pagaba tanto... (era como el doble de lo que yo estaba ganando), yo dije que sí quería irme pero que el todo era que me recibieran con mi niña. (Hermelina, min. 12)

Lola tinha de poupar e enviar dinheiro à família camponesa. O valor do trabalho para ela equivalia à ajuda que podia oferecer a sua própria família, ainda não conseguisse nenhum ganho econômico pessoal para si mesma. Ela sabia que esse era o objetivo do seu trabalho e então aceitava as condições que isso implicasse.

Ese sueldo yo lo recibía.... No lo recibía cada mes! Sino cuando iba a irme a la casa {de los papás en su pueblo natal} Yo nunca pedía, sino cuando me



iba a ir me hacían la cuenta, que me daban esto, que faltaba esto y yo firmaba... Así. A mí no me daban el sueldo para que yo lo tuviera, sino que iba pidiendo y anotaba en un cuaderno cuánto y para qué con las cuentas. Con ese cuaderno... y ellos llevaban otro cuaderno. (Lola, min 17:45).

Como se vê, o valor do trabalho doméstico resolvia-se na esfera privada, tanto quanto as condições, que dependiam de critérios pessoais, da boa vontade dos senhores da casa e da experiência e capacidade da empregada para ser esperta e estratégica. O Estado não regulava essas relações de trabalho; o costume e as heranças culturais determinavam boa parte das práticas cotidianas.

Foi só na década dos quarenta que o Estado regulou a jornada de oito horas de trabalho, dentro do marco da mobilização operária. Ainda assim, as leis no tocante ao trabalho doméstico são recentes e sempre diferenciais do resto dos trabalhadores, porque os funcionários de uma empresa estão envolvidos em uma equipe que visa gerar lucro; mas como as casas de família não geram lucro, aqueles que trabalham nela acabaram sendo discriminados. Foi apenas ao final dos anos setenta que abriu-se o debate sobre o direito à sindicalização dos empregados domésticos na Colômbia (CHANEY y GARCÍA, 1993).

Tenho dados diferenciais dos salários das empregadas nos anos cinquenta e sessenta. Em 1955 a média do salário de um professor era de \$200 pesos ouro por mês (HELG, 124). Nos depoimentos, as entrevistadas tiveram dificuldade em lembrar o valor do salário das décadas passadas; no entanto Zoila falou orgulhosa que começou ganhando \$100 pesos em 1956, contou que conseguia poupar: *Eso era un platal!* Por isso guardava 90 pesos e recebia até as roupas que usava (não só os uniformes: uma vez ganho o apreço da patroa, ela dava-lhe roupas usadas lindas de que não gostava mais, inclusive ajudava a costurá-la para que ficasse



bem no corpo da empregada). No ano de 1956 o salário mínimo na Colômbia estava na média de \$135 pesos colombianos.

Para ver como mudou esse panorama, vejamos qual era o salário das empregadas no final dos anos setenta, quando a luta dos trabalhadores na Colômbia já tinha ganhado muito terreno. Nos arquivos da Fundação Hogar San José para Empregadas do Lar, há registros com os dados básicos das empregadas que lá estudaram desde a fundação, no ano de 1950. Nos registros aparecem mulheres empregadas com um salário médio entre 1.600 e 900 pesos ouro em 1979. Para o ano de 1979 o salário mínimo na Colômbia era de \$3.450 pesos.

Esses dados mostram como os salários das empregadas estavam muito abaixo da média dos salários mínimos legais, sem levar em conta os horários longos e a disponibilidade quase total. O valor do trabalho, então, era uma questão que, além de ser muito variável, dependia muito mais da condição econômica e da boa vontade dos patrões, que de alguma política pública relacionada com o Estado.

Já em fevereiro de 1945 celebrou-se em Bogotá a Primeira Conferência Nacional Feminina, onde se denunciavam as precárias condições trabalhistas para as mulheres que trabalhavam nos hotéis e no serviço doméstico. Denunciavam-se jornadas de até 19 horas, empregadas que tinham de dormir no chão, etc. (VELÁSQUEZ, M. 1989:36).

Tudo parece indicar que nessa época o trabalho doméstico cobrava o valor de uma forma de vida, não era só um meio de existência, representava um fim, um tipo de vida, um destino. Algumas delas se defrontavam com condições de exploração, no entanto



essa não era a única situação. Para outras mulheres o trabalho de empregada doméstica era uma porta de acesso a condições sociais diferentes às aquelas adquiridas desde o nascimento; dado que as empregadas de origem popular eram procuradas por famílias das camadas médias ou altas da sociedade, enquanto trabalhavam e dormiam nas casas dos patrões, algumas logravam acesso a contextos sociais negados pela sua origem social. A situação do trabalho como empregadas implicava para várias mulheres um processo de transição social: entre um contexto social de vida assinalada naturalmente no nascimento e outro, adquirido "artificialmente" por meio do trabalho. As condições dessa transição são chaves para compreender a dinâmica do serviço doméstico e, portanto, o uso do tempo por parte das empregadas. Prosseguirei aprofundando este aspecto para explicitar esta hipótese mais adiante.

Na memória do dia a dia de Marlén a disponibilidade diária era de 15 horas. Aí temos um indício do uso do tempo, esse é um bom começo para compreendê-lo. Seu dia todo estava em função do trabalho, da casa da senhora, da família do senhor. Parece paradoxal que para um trabalho aparentemente simples, como arrumar e organizar a casa toda, as donas de casa dessem tantas instruções. Como cada senhora de casa tem seu próprio jeito para arrumar a casa toda, se esforça em passar toda essa informação à empregada, para que ela possa substituí-la, pois como já foi dito, trata-se de um trabalho que não tem critérios técnicos. Então qual o valor de um trabalho exigente assim?

Yo me levanto a las 5:30, me baño y ya estoy arreglada. Arreglo a la niña. Me desayuno y me pongo a arreglar el apartamento... todo, luego sigo con el almuerzo, luego por la tarde voy por Cristina, la comida, las onces, y si hay que llevarla a la dentistería, hay que llevarla a no sé donde... Todo me toca hacerlo, todo, todo! Entonces tengo todo el día ocupado, casi hasta las 8 de la noche. Me estoy acostando 10, 11 de la noche. Por eso no voy a seguir estudiando {el sábado en la mañana}, es que toda la semana madrugando... el único día que descanso es el sábado, y eso porque me levanto a las 6! (Marlén, min 56).



No caso das empregadas que trabalhavam em casas de famílias de classes médias e altas, o treino para realizar satisfatoriamente o seu trabalho muitas vezes supunha um longo processo de formação e re-socialização. Isto somado ao já mencionado processo de *amañe* ou, posso dizer, de se habituar mutuamente ao outro. Como resultado desta mudança toda, a empregada ficava flutuando num entre-lugar: entre sua condição socioeconômica de origem e a condição sociocultural média ou alta que obtinha mediante o processo de treino. É claro que nem sempre esse processo de aprendizado dava-se em bons termos. Zoila, uma das entrevistadas, bem chama esse processo de civilização.

Ah no!... Después de venir de sembrar papas en un pueblo y de cocinar para obreros, llegar a un lugar de dedo parado donde no se rozaba uno sino con la gente del gobierno, la gente de la embajada de España... no más! Tuve que aprender, desde caminar... (Zoila, min 3:50).

No tenía derecho a hablar con nadie! Sólo con ellos... Me dijo una vez la señora, cuando yo me demoré hablando con el chofer del doctor Roberto Urdaneta Arbeláez -que era todo un señor! Él era un señor!- Entonces ella me cogió del brazo y me preguntó Qué había aprendido hablando con el portero y con el chofer: "A rebuznar! Idiota! Animal, usted no tiene qué hablar con ellos, tiene que hablar con personas civilizadas porque cuando yo me muera, qué va a hacer!" (Zoila, min 6).

Ela então era pouco refinada para a casa de família aonde chegou a trabalhar, mas com o tempo e as instruções, acostumou-se a viver de modo elegante e exigente demais para o seu meio de origem; aliás, seria muito difícil manter esse nível de vida já acostumado quando os patrões faltassem. O conflito e a tensão são resultados inevitáveis dessa estranha duplicidade do lugar social ocupado.

Acostumbrada a que tenía que estar toda arregladita desde muy temprano, como se fuera para fiesta! ... A mí cuando me tocó comprar un par de zapatos, me senté a llorar! Me parecía que estaba pidiendo limosna, yo usaba los zapatos de Conrado y de Bianco... {muy finos, comprados por los patrones}. Cuando yo vi los zapatos que podía comprar con el dinero que podía pagar... Ay, me senté a llorar! (Zoila, min. 64:20.)



Debía ser muy educada, limpia y guardar mucha higiene... Había un trapo distinto para cada cosa. Almorzaba aparte en la cocina, hasta que todos terminaran de comer no se podía uno sentar. Por eso la doctora se aterra y me dice uy! Usté sí que tiene unos modales! (Alcira, min. 29).

Esse refinamento nas maneiras que a empregada adquiria com o treino na casa dos patrões dá conta da quantidade de tempo e esforço investido no trabalho. Além disso, reflete a maneira como esse trabalho era incorporado no corpo e no próprio destino delas. Ser empregada doméstica implicava um trânsito cotidiano entre classes sociais e, portanto, a capacidade simbólica de transitar por elas. As suas práticas cotidianas não pertencem, estritamente, nem à classe popular, nem à classe média ou alta, aliás, pairam entre elas (p. ex. o consumo cultural e estético, os bons modos, etc.).

Por um lado há um processo de desarraigamento da classe de proveniência, da classe original e, por outro lado, há um processo de afeição à classe dos patrões. O fenômeno de entrada a uma nova condição é conhecido na teoria de Pierre Bourdieu como enclasseamento e o seu inverso como desclasseamento (BOURDIEU, 1979)¹². No caso, nenhum dos dois fenômenos se completa: nem a empregada entra totalmente na camada social dos patrões, nem é totalmente alheia. Fica então, a pergunta: Qual o senso de pertença da empregada que transita por dentro das duas classes e conhece as profundezas íntimas delas?

Esse entre-lugar, essa transição ou fronteira cultural entre classes era longamente experimentada pelas empregadas até o principio da década dos oitenta, quando acontece com força a entrada das diaristas no mercado de trabalho. O fato de a empregada

¹² A definição de enclasseamento como conceito sociológico está ligado à luta pelo poder dos esquemas classificatórios entre grupos e agentes sociais. O enclasseamento então é o produto de uma disputa por ocupar uma posição privilegiada (o mais privilegiada possível) no espaço social. Trata-se não só de propriedades e capital econômico, trata-se também de representações simbólicas que permitem a distinção social e o status (que são, por definição, excludentes da maioria da população). O conceito é amplamente estudado pelo sociólogo francês, particularmente no seu livro *La distinción: criterios y bases sociales del gusto* (BOURDIEU:1979).



viver no local de trabalho fazia com que ela pudesse materializar a fantasia de entrada numa classe social com um nível econômico que oferece melhores condições. No entanto, essa materialização era incompatível com a fantasia, embora ela compartilhasse vários aspectos da cotidianidade com a família dos patrões, era serviçal deles, não igual a eles. Apesar disso, a duração do período em que a empregada morava com a família, marcava a fugacidade do sonho. Do mesmo modo, a condição de diarista a partir dos anos oitenta trazia a empregada de volta à sua classe social de berço, ou pelo menos a afastava do sonho da classe dos senhores de casa. Neste sentido, a condição de diarista ou faxineira é uma âncora à realidade enquanto que a condição de trabalhar e dormir na casa de trabalho criava ilusões, muitas em vão.

Por isso, uma das maiores revoluções nas condições de trabalho das empregadas, foi precisamente tornarem-se diaristas. Nas memórias das empregadas, o fato de serem independentes é uma boa razão de se orgulhar, para elas o serem independentes é contrário de trabalhar na casa onde moram.

Tengo mi casa, tengo mis hijos! Y como le digo ya llevo 32 años donde trabajo y antes ya estamos trabajando a ver si nos pensionamos! (Odilia, mín. 36)

Isso então é chave para compreender a representação e o sentido que hoje as empregadas atribuem ao trabalho naquelas condições: sem casa e sem família, não têm mais opção do que trabalhar e morar na casa dos senhores. Hoje dormir e trabalhar na casa dos patrões é signo de não pertença; nas décadas anteriores aos anos oitenta, dormir e trabalhar na casa dos patrões não tinha necessariamente esse sentido, ainda que existisse. A interpretação de dormir e trabalhar na casa dos patrões era uma migração necessária para atingir trabalho, era um momento de transição para uma vida mais próspera imaginariamente, porque muitas ficavam a vida inteira (como mostram os depoimentos recolhidos); embora implicasse riscos,



valia a pena. Em contrapartida ao risco (de morar com pessoas aproveitadeiras ou abusivas), tinham um grande benefício: poupar gastos de roupas, comida, transporte, aluguel; consideravam que era um pagamento livre, uma renda líquida ainda que modesta. No entanto, no fundo, também era um jeito de aceitarem não ter casa ou lar próprio, como mostram os seguintes fragmentos das memórias.

Custa mais trabalhar de fora {como diarista}, ônibus, roupas, em troca tenho salário livre, quarto, comida... tudo. A gente ganha o salário mínimo porque tem tudo, trabalhando como diarista a gente gasta mais! (Marlén, min. 36).

No me gustaba estar en la casa de ellos {sus papás}, además ahorra ropa, la dormida, transporte... entonces trabajaba interna, siempre ha sido así (Sujeidy, min 36)

- Sempre trabalhou interna! Gostaria de trabalhar como diarista?- As que têm casa e família podem, mas e aquelas que não? Se a gente tem a sua casa, vai a sua casa... Mas, e se a gente não tem? (Cecilia, min. 36).

Nas décadas cinquenta e sessenta a condição de diarista era muito rara. Normalmente o trabalho como empregada doméstica era sinônimo de trabalho em casa dos patrões, condição que duplicava a experiência do dia a dia dela entre duas classes sociais, causando tensão.

Só podiam sentar-se na sala de estar, se fossem convidadas a fazê-lo, podiam comer na sala de jantar, apenas quando permitido pelos donos de casa, podiam assistir à televisão no quarto da senhora, somente se ela quisesse. Não existia regulamentação oficial para o comportamento da empregada, cada casa impunha suas exigências. Com o tempo essas exigências eram internalizadas pela empregada, tornando costume o que antes eram ordens. Depois do treinamento, as coisas eram feitas do preciso modo como eram demandadas. Essa a boa empregada.



Entretanto, a esperança da empregada no enclassamento era empecilhada pelos senhores da casa impondo distância social. A instrução para a empregada não era dada só no sentido de manter tudo bem apanhado e de manter-se ela mesma arrumada, mas também, num sentido mais oculto, relembrar que essa casa onde ela morava era alheia. Então a boa empregada não era permitido esquecer totalmente a sua extração popular, fazendo com que ela se sentisse num lugar que não era o dela. Isto se expressa na vontade da empregada manter seu lugar evitando ser olhada com repreensão ao ultrapassar os limites do permitido, elidindo o incômodo e vergonhoso de ser explicitamente lembrada da sua estranheza à família.

Ella siempre me decía: hoy es su cumpleaños, la vamos a consentir. Siéntese acá... Pero no me sentía cómoda, me sentía como fuera de lugar ver que ella me atiende.... A veces cuando ella está sola, yo le digo: si quiere la acompaño... y ella dice, claro! Traiga su almuerzo y almorzamos. Yo le digo no, almuerce usted yo la acompaño, después yo almuerzo en la cocina. (Marlén, min. 39)

Ellos eran muy aparte... Tanto que la casa donde uno vivía eso tenía dos escaleras, la escalera del servicio, que no la ocupaba sino uno, y la otra, la de ellos, que era la principal (Alcira, min. 31)

Hay personas a las que no les gusta como uno coge los cubiertos... Yo siempre como en la cocina, es que ni siquiera en la casa {en su propia casa}... Yo en la casa... A veces, pues cuando estamos reunidos sí me siento al comedor, pero cuando estoy sola, almuerzo de pie en la cocina. En la cocina y de pie! Ni siquiera me siento! Ya me siento cuando viene alguien. (Cristina, min. 80:10)

Neste processo de adaptação e imersão na cotidianidade de uma camada social diferente àquela de origem, o uso do uniforme tinha um lugar essencial, mesmo uma mudança estética que as empregadas comumente experimentavam com respeito à moda e às roupas. Sobre o uniforme posso dizer que em todos os casos estudados as empregadas usavam uniforme como símbolo de diferenciação em relação aos habitantes da casa; esse uniforme tornava-se também um elemento cultural de demonstração do status social da família. Um



uniforme gasto e sujo era também símbolo da pobreza, ou pior ainda, da avareza da família dos donos de casa. Um uniforme limpo e elegante representava a alta cultura da família. Ao mesmo tempo a empregada assumia um papel social de serviçal quando habituava-se a usá-lo; vestindo as roupas próprias da empregada, ela estava ao serviço dos senhores da casa.

{Empecé a trabajar de empleada} Porque mi mamá me castigó porque no quise estudiar... y me hacían poner uniforme para que todo el mundo supiera que estaba trabajando... Me hacía poner uniforme! (Marlén, min. 30)

... Los uniformes eran hechos en Esmergatés... una tienda que todavía existe, eran hechos a la medida. Muy elegantes!... Cambiaba de uniforme para ir al supermercado a comprar, también había un uniforme especial para servir el té! A mí me traían los uniformes de España {los patrones eran españoles} (Zoila, min 21:20).

Siempre que estoy dentro de casa ando con delantal, Yo andar sin delantal aquí en la casa me siento de fiesta! ... Para salir con los niños, me acostumbré a quitarme el delantal, ellos me decían que me quitara el uniforme, que no saliera así con ellos... (Lola, min. 73)

Também no processo de adaptação à dinâmica cotidiana da camada social dos donos de casa, as empregadas adquiriam e incorporavam mudanças estéticas relativas à moda e às roupas que gostavam de vestir (quando não usavam o uniforme). Com a mudança da aparência as empregadas tentavam reverter a dinâmica de distância social imposta pelos membros da família da casa. Havia um fundo transgressor na tentativa das empregadas se igualarem ou imitarem as donas de casa. Parece que havia uma dinâmica de aprendizado, algo de imitação e vontade de ascensão social nessa mudança de gosto e de roupas. Havia ocasiões em que as empregadas saíam pela rua, no seu dia de folga, e era difícil de diferenciá-las das moças da casa de família onde trabalhavam.



Revista *Cromos*, 1930.

Mostra a moda urbana se introduzindo com força já na década dos trinta.

Cuando ellas llegaban {a la ciudad}, ya no! Ya no les gustaba {la estética del campo}, y se compraban todo lo que veían en televisión o lo que tenían las niñas de las casas... y las familias... Si! ellas ya quieren otras cosas... Me acuerdo de una vez una chocoana que al poco tiempo de llegar nadie reconocía: estaba bien vestida y peinada, maquillada... Todo eso... Quién las iba a reconocer! Además había niñas muy bonitas {entre las empleadas}. (Ana María, min 71)



Para salir {de la casa donde trabajaba} tenía mi ropa especial, compraba mis pintas a la moda. En los ochenta se usaban muchas mini-faldas y yo usé muchas, usaba muchos colores y medias con figuritas, aretes largos y maquillaje {hoy ya no usa}. Con todos los colorines, me imagino, pero bueno, yo salía diferente! (Lola, min. 73).

Estas mudanças das empregadas eram olhadas com reprovação social pelas pessoas conhecidas no seu local e contexto de origem. Quando aparecia de volta no seu povoado para visitar a família, a empregada ia de um jeito pouco costumeiro: ia chique e maquiada, parecida mais com as senhoras para quem trabalhava, do que com as colegas. Desse modo, aparecia como uma estranha, e de certo modo tornava-se também alheia ao seu seio familiar.



Empregada de
serviço com uniforme, 1966

Mesma mulher,
sem uniforme, 1966





Essa a tensão cultural e a transição que as empregadas vivenciavam. A mudança de ambiente social entre a condição de origem e aquela da casa de família dos patrões, era tão absoluta que muitas empregadas ficavam num território de fronteira, que frequentemente causava confusão e gerava contradições entre as expectativas e as realidades. Inclusive no âmbito político.

Nos anos cinquenta a radicalidade bipartidária piorou atingindo graus de agressividade nunca antes experimentados na Colômbia; a população estava toda dividida entre liberais e conservadores de um modo tão passional, que a adscrição aos partidos era hereditária. De avós liberais, pais liberais, filhos e netos liberais ou conservadores. Passar-se para “o outro lado”, além de ser considerado falta de respeito e prestígio da própria família, era também, muito perigoso. O plebiscito de 1957 que propunha a aplicação do bipartidarismo Liberal-Conservador como únicas forças que alternariam em paridade o poder governamental, ou seja, que estabelecia o começo do período chamado *Frente Nacional* (1957-1974), foi precisamente a primeira vez na história nacional que as mulheres votaram. A proposta bipartidarista foi acolhida e o governo foi ocupado por liberais (simbolizados com a cor vermelha) e conservadores (simbolizados com a cor azul), dava-se então a distribuição



milimétrica de ministérios e cargos públicos¹³. Tudo no país ficou assim dividido entre dois partidos e duas cores¹⁴.

No entanto, esse aspecto era pouco levado em conta na hora de se fazer um acordo de trabalho com uma empregada, sendo possível contatar uma empregada nascida num povoado liberal para trabalhar numa casa de família conservadora.

En el cuarto piso vivía el doctor Roberto Urdaneta Arvelález y a veces yo salía cogida del brazo con el doctor Urdaneta porque la... el doctor le había dicho que él tenía que subir y bajar escaleras. Entonces me decía: Venga chatica, me acompaña... Pero si en mi pueblo me ven cogida del brazo de un godo, me queman! Allá en el pueblo son todos liberales! Porque Une era liberal en la época, Cáqueza y Chipaque eran godos, conservadores [Ella era de Une]. (Zoila, min 28)

Nunca voté. ¿Por qué? Porque mis papás eran conservadores y hablaban mal de los liberales, y aquí {en la casa donde trabajaba} eran liberales... Entonces yo decía: a quién {le voto}? Por eso yo prefería no ir, no sabía quién tenía la razón. (Lola, min. 61).

¹³ O líder liberal Alberto Lleras Camargo e o conservador Laureano Gómez assinaram o pacto de *Benidorm*, a 24 de julho de 1956, para iniciar a *Frente Nacional* e encerrar assim, a violência bipartidária. Foram presidentes da *Frente Nacional*:: Alberto Lleras Camargo (liberal) 1958-1962; Guillermo León Valencia (conservador) 1962-1966; Carlos Lleras Restrepo (liberal) 1966-1970; Misael Patrana Borrero (conservador) 1970-1974.

¹⁴ Um dado interessante e ilustrativo: os caminhões encarregados de distribuir a cerveja entre os diferentes povoados do país deviam mudar de cor se passavam de um povoado conservador para um liberal e vice-versa. O risco de ser atacado somente por causa da cor exposta era muito alto.



Primer voto de la mujer, 1957. (Foto de Manuel H.)

Para as empregadas, então, tornavam-se relativas as qualidades de um e de outro partido político, dado que elas passavam a conhecer pessoas dos dois lados, com seus valores e defeitos. Na migração do campo para a cidade, elas podiam permitir-se uma transição social pouco comum no país: a possibilidade de conhecer e compreender pessoas do partido oposto àquele da própria família, assim também entender outras maneiras de pensar.

A hipótese central deste primeiro capítulo é que as empregadas, então, viviam uma situação de transição social. Porém, essa transição se distingue do processo efetivo de ascensão social, porque a transição era, sobretudo, cultural e simbólica, não econômica. Os primeiros estudos a este respeito, feitos nos diferentes países da América, datam de fins da década dos anos setenta e começo dos oitenta: grande parte deles trata a questão das possibilidades de mobilidade e ascensão social atingidas pelas mulheres migrantes do campo à cidade, dedicadas aos serviços domésticos (LAUTIER, 2003:801). Em geral, os estudos concluem que a possibilidade real de mobilidade econômica da empregada é



quase inexistente. Minha pesquisa reforça essa tese e ainda a complementa, no sentido de que na trajetória familiar das empregadas com filhos há, sim, um certo tipo de ascensão mais sócio-cultural do que econômica, como será aprofundado no seguinte capítulo¹⁵.

Talvez um dos aspectos que mais chama a atenção dos pesquisadores é, precisamente, a dificuldade enorme com que se defrontam as empregadas para mudar de emprego ao longo da sua vida. Uma vez iniciadas no serviço doméstico, havia poucas tentativas de mudança, e quando havia, freqüentemente não davam certo e elas voltavam à mesma condição. O que reflete essa dificuldade? Muito provavelmente que o serviço doméstico, na época, era silenciosamente percebido como um status definitivo, o que reafirma o fato de essa dedicação ser percebida, mais do que como um trabalho, como uma forma de vida. O interessante é que parece que as esperanças silenciosas de cada empregada estavam, paradoxalmente, na possibilidade de ascensão social.

Fui optando por lo que a mí me impusieron {que tenía que llegar a tales horas, que debía dejar listo el desayuno, etc.}... (Lola, min16).

Pienso que toda la vida tenemos que estar trabajando en esto, porque eso fue el destino y fue lo que uno, pues, sabe. Pero la gente muchas veces se burla de uno y le dice cosas que pues... La coima, la esguisa, o la muchacha o la no sé qué! Entonces uno pues... Sometido a ese trabajo toda la vida! Se burlan de uno porque uno no estudió. Es que el trabajo no es deshonra. (Marlén, min. 89).

Uma explicação para a permanência das empregadas nas casas de famílias poderia ser a busca de estabilidade, que aparece nos depoimentos recolhidos como uma característica frequente na personalidade das empregadas no período estudado. Quase como um denominador comum que tantas vezes tem sido interpretado como "resignação", esse era um traço de comportamento imposto pela educação da família de origem e pela família dos

¹⁵ Ver: Cap. 2, seção correspondente à Educação.



senhores da casa, bem difícil de julgar no sentido moral (Vou aprofundar essas questões no seguinte capítulo).

Assim, então: Alcira trabalhou 65 anos com a mesma família, Zoila durou 30 anos, Hermelina trabalhou 15 anos numa casa e depois 22 numa outra, Lola leva já 41 anos com a mesma família, Odilia leva 32 anos com a mesma família, Maria Emelina durou 11 anos com a primeira família e 42 com a segunda, Marlén trabalhou 32 anos com a mesma família. Os tempos de duração no trabalho eram tão longos que equivalem e superam os prazos necessários na atualidade para se aposentar.

A relação de troca entre o trabalho prestado pelas empregadas e as famílias que recebiam o serviço era aparentemente tão satisfatória para a família beneficiada quanto para os "intermediários" ou "protetores" das empregadas (aqueles que negociavam as condições de trabalho delas com os donos da casa). Entretanto, nem sempre eram condições satisfatórias para as empregadas mesmas: dão conta disso o desejo e a tentativa de que seus filhos –se os tivessem- não dedicassem sua vida à mesma ocupação, os segredos e silêncios com que ocultam a vergonha causada por experiências humilhantes causadas por quem achava que o serviço por elas oferecido devia ser ilimitado.

Há uma percepção de insatisfação pelo trabalho, que não era reconhecido e que não permitia a ascensão social imediata. Possivelmente essa insatisfação das empregadas entrevistadas deva-se às mudanças geracionais. Além da sua história passada e das memórias incorporadas, elas estão falando desde o seu presente, quando já não são admissíveis muitas das condições de trabalho que elas experimentaram na sua vida, embora, quando as viveram, pareciam normais. Há que levar em conta que nos depoimentos estas mulheres iam do



passado para o presente mecanicamente, por mais do que eu tentasse controlar suas falas para que elas fossem mais concentradas no passado.

Só há registro de empregadas domésticas tentando se organizar ao final dos anos setenta. Foi em 1977 que algumas mulheres começaram a reunir-se nas ruas e parques da cidade nos domingos, sagrados dias de folga, para conversar sobre a sua situação de trabalho e manifestar indignação contra injustiças e maus tratos. Esse esforço viu-se refletido em 1985 com a fundação do primeiro sindicato de empregadas domésticas SINTRASEDOM (GARCIA, 1993:321). O seu nível organizativo materializou-se na criação, em 1988, da *Confederación Latinoamericana y del Caribe de Trabajadoras del Hogar*, CONLACTRAHO, como resultado do Primeiro Congresso Latino-Americano de Trabalhadoras do Lar, que aconteceu em Bogotá com a participação de 11 países de América Latina e Caribe¹⁶ (SOSA, 2010).

¹⁶ México, Venezuela, República Dominicana, Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Peru, Colômbia, Chile e Argentina participaram. Nesse primeiro encontro, estabeleceu-se o 30 de Março como o dia comemorativo das Trabalhadoras do Lar.



Boletim das primeiras organizações das empregadas na Colômbia.
(CHANEY, E. & GARCIA CASTRO, M., 1993)



Boletim das primeiras organizações das empregadas na Colômbia.
(CHANEY, E. & GARCIA CASTRO, M., 1993)

A organização daquelas mulheres não podia acontecer antes dos anos 70, porque o seu lugar social não permitia que tivessem iniciativas públicas: até então elas existiam exclusivamente no âmbito do privado. Só na década dos 80 o Estado apareceu no cenário, regulamentando as relações entre as empregadas, as famílias e o serviço.

Por tudo isso, a postura emocional das empregadas domésticas aqui entrevistadas, ao recordar o seu tempo de trabalho oscila entre sentir-se discriminada e presa, gostar dele e sentir-se protegida por uma família, sentir que estavam adquirindo hábitos e



posturas urbanas, sentir que eram rejeitadas e não aceitas. Em fim, oscilam entre a oportunidade de inclusão no meio urbano e a perda de sua identidade de origem.

1.2 TIPOS DE FAMÍLIA E LIGAÇÃO DA EMPREGADA

Já expliquei que a condição de diarista é contemporânea, pois começa como tendência apenas nos anos oitenta. No período de trinta anos compreendidos nesta pesquisa, a condição de trabalho dominante para as empregadas foi de interna, morar e trabalhar na casa dos patrões. Esse modelo resultava completamente adequado ao modelo de família da época na Colômbia.

{Nas primeiras décadas do século} Com as famílias abastadas convivem criadas, babás, um ou dois pajens e até crianças recolhidas. A lavadeira do chão é muito madrugadora e carrega com seus farrapos, panos e escovas, o jardineiro visita mensalmente os pátios interiores empedrados das residências e ali conta histórias e fabulas às crianças da casa enquanto trabalha. (LONDOÑO, 1989:343)17.

Frequentemente extensas, as famílias chegavam muitas vezes a somar vinte membros – incluindo sob o mesmo teto: avós, tios, sobrinhos, "filhos naturais"¹⁸, filhos do casamento, bichos de estimação¹⁹ e às vezes também parentes adotados pela família: vizinhos, conhecidos da família, etc. Este tipo de família, que facilmente acolhia no seu seio as empregadas, mais ou menos permanente na Colômbia desde o primeiro terço do século XX até a década dos sessenta, iria mudando vagarosamente, nos anos setenta era uma tendência menos marcada e já nos oitenta tornou-se um modelo caduco.

¹⁷ Texto original em espanhol, a tradução é minha.

¹⁸ Termo utilizado para denominar filhos nascidos fora da instituição do matrimônio católico. É claro que a mãe carregava com a má reputação que implicavam estes filhos.

¹⁹ Normalmente cães, que em muitos relatos faziam parte da família, tinham um nome e eram incluídos nas dinâmicas familiares, nos passeios e eventos importantes.



Nunca antes as famílias colombianas foram tão grandes. No período anterior – até os anos quarenta - as crianças morriam com maior facilidade; a partir dos anos setenta a tendência viu-se afetada pelas mudanças culturais e pela tímida entrada dos anticoncepcionais, causando diminuição das famílias e fortalecimento do modelo nuclear (mãe, pai e filhos).



Aparecem a família dos patrões completa, incluídos a empregada e o cachorro.
Cortesia de Zoila, anos sessenta.

Na foto acima é interessante a disposição das pessoas no sofá. Aparece a mãe (senhora da casa) sentada do lado dos seus filhos, a menina e o rapaz, e a empregada que quase faz parte da família, só que ela é a única pessoa sentada no chão, ela aparece na fotografia num lugar onde não poderia ser confundida com outra filha da família e com o



cachorro nas mãos. Acho interessante comparar com uma pintura de Botero, onde a presença da empregada é ao mesmo tempo inevitável e diferenciada.



Fernando Botero. *Una familia*, 1982
Aquarela sobre papel. 103 x 109 cm²⁰

Na pintura intitulada *Uma família* do pintor colombiano Botero é notável que a empregada seja incluída. Ainda que numa postura serviçal, a representação de uma família qualquer dificilmente podia dispensar a presença dela, reafirmando a fortaleza da tradição de emprego doméstico que há na Colômbia. Vale aclarar que essa tradição muda segundo a região do país, sendo no departamento de Antioquia, precisamente a terra de Botero, onde a tradição é mais forte.

²⁰ Exposição Fernando Botero. Coleção de Artes Plásticas Banco de la República, Colômbia. Disponível em: <http://www.lablaa.org/blaavirtual/museobotero/dbot9h.htm>



A família, como instituição, constitui o mais forte vínculo social na Colômbia, fazendo com que as tradições familiares tenham um peso enorme. Essa é também uma característica bem fixa no tempo: a economia, o status, as redes sociais, a trajetória de vida, o papel político de um indivíduo, etc., dependeram fortemente desde a época da colônia até hoje, da situação familiar. Como bem mostram os estudos feitos pela antropóloga especialista na família colombiana Virginia Gutierrez, eram as famílias que monopolizavam cargos oficiais, as famílias que disputavam prestígio, as famílias que controlavam destinos individuais²¹. Parece que só pelos fins do século XVIII começa timidamente a surgir um outro tipo de organização empresarial, distinta da familiar (GUTIERREZ, V., 1999).

A divisão do trabalho era muito marcante nesse modelo de família. A mulher fortalecia-se nos espaços privados e o homem nos espaços públicos. No dia a dia a mulher ficava em casa e o marido saía para o trabalho, a mulher organizava a casa: estabelecia o lugar das coisas, grande parte do estilo estético da casa, a dieta e as horas da comida, a limpeza, a criação dos filhos, enfim, ela era quem comandava assuntos privados considerados simples e triviais. Enquanto que os homens se ocupavam com maior ênfase do trabalho, do lucro e em geral, e junto com ele, enfim, dos assuntos vinculados com a esfera pública e considerados de primeira importância. Essa divisão do trabalho provém de uma herança cultural desenvolvida nos últimos cinco séculos de história.

²¹ Segundo Norbert Elias, a ascensão dos mal chamados países em desenvolvimento está determinada pela maneira em que se desenvolvem as identidades. Enquanto nos países mais desenvolvidos a identidade-eu é muito importante, nos menos desenvolvidos a identidade-nós é mais forte (sendo a família um tipo de defesa e proteção pré-nacional, típica dos menos desenvolvidos, e sendo o Estado a identidade-nós mais forte nos países desenvolvidos). (ELIAS, 1994:147-149)



O comando feminino dos lares tem sido tão persistente que bem poderia considerar-se como um dos componentes formativos da família (RODRÍGUEZ 2004:287)22.

A senhora da casa idealmente ficava o dia todo em casa e o senhor da casa idealmente saía para o trabalho. As casas eram muito maiores do que hoje, para resultar confortáveis e aconchegantes para famílias tão grandes. A presença da criadagem parece justificada objetivamente pelo tamanho da casa, que precisava de muito trabalho para ser mantida limpa e cheirosa, e pelo tamanho mesmo da família, que demandava muita comida, muitas roupas, muito trabalho com a quantidade de crianças, etc. Com a parcial diminuição progressiva do tamanho das famílias, acontecia também a diminuição do espaço da família, aliás, da casa.

Um assunto interessante da arquitetura das casas da época é precisamente o espaço destinado à criadagem. As casas antigas da cidade têm duas entradas: a entrada dos senhores da casa e a entrada da criadagem, comumente chamada "entrada del servicio". E estava dotada também de quartos para "el servicio", cuja localização na casa era invariavelmente perto da cozinha e da lavanderia. Aliás, geralmente ficavam por trás deles, para assim permitir na intimidade da casa de família, a divisão social do espaço e a distância entre serviços e servidos.

É interessante perceber como ainda que o espaço da casa ficasse dividido entre a criadagem e os senhores da casa, no caso das mulheres donas de casa essa distinção era relativa, já que elas ficavam em casa o dia todo e todo dia, tal como a criadagem. Ainda que não compartilhassem os espaços concretos da casa, compartilhavam a casa. Isso também

²² Original em espanhol, a tradução é minha.



foi mudando bastante com a passagem das décadas e para a década dos anos setenta muitas casas ficavam sem as donas de casa.

En esa época {na década dos sessenta} no era como ahora, que las señoras se van para la oficina y a hacer política... No, aquí la señora sabía las cosas y las enseñaba, estaba todo el día en la casa. Iba a sus té y sus cosas, hacía su vida social... Entonces {refiriéndose a ella misma}, la niña aprendía muchas cosas y se civilizaba muchísimo!!! (Zoila, min. 30).

Na cotidianidade das empregadas este era um elemento crucial: não estarem sozinhas em casa e quase nunca saírem sozinhas à rua, pois as mulheres deviam estar em companhia umas das outras (isso independentemente da sua condição social). A companhia para elas era um elemento fundamental que permitia que ficassem a vida inteira num lugar só, sem mudar de família, nem de trabalho. O comum na primeira metade do século era que uma empregada ficaria sempre com a mesma família. As temporalidades coexistem e até os anos oitenta vêem-se esses casos, embora já não mais constituam a maioria.

O fato de compartilhar os espaços do dia a dia fazia com que a empregada e a senhora da casa desenvolvessem formas de relacionamento muito particulares. De chefe da empregada, tornava-se uma mãe, uma professora, uma guia, no entanto, tornava-se também frequentemente uma concorrência, uma hegemonia, uma déspota. Em todas as histórias de vida (escutadas e lidas), a patroa é um sujeito central de construção de identidade, é um sujeito ambíguo que causa conflito.

A principal diferença entre a empregada e a senhora da casa estava, precisamente no uso do tempo (e não do espaço), refletido no status social e no lugar de cada uma: ambas se defrontaram com a angústia do encerramento nos lares, mas o custo era diferenciado para cada uma. A senhora estava no lugar da hegemonia, a empregada no lugar



da subalternidade: uma tinha o dia livre para se ocupar do que gostasse e para dar instruções, a outra tinha o dia inteiro cheio de tarefas, serviço e obediência.



Propaganda de manual de cozinha grátis.
Revista *Cromos*, 1950.

Às vezes, segundo as particularidades de cada caso, as donas de casa faziam os ofícios da casa junto com a empregada. Na publicidade acima, a senhora pode ser tanto a empregada como a dona de casa. Pela disposição estética das duas mulheres no aviso, parece



inclusive mais provável que se trate de uma senhora da casa. O uniforme da empregada pode se confundir com o avental da senhora, nada impede ter certeza da realidade da personagem. Isso reflete até que ponto, a pesar das enormes diferenças do lugar social, tanto a empregada como a dona de casa compartilhavam uma dimensão da realidade: aquela do interior do lar. Nada impedia que se dessem bem e inclusive que mantivessem uma relação de mútuo respeito e amizade, embora isso não estivesse garantido. Nesta relação o poder fantasiava-se dos mais sutis detalhes, como veremos mais adiante.

Para algumas mulheres entrevistadas os senhores da casa tornaram-se modelos de vida e inspiravam agradecimento. Esse é o caso das mulheres que receberam *bom trato* ou *respeito*, quiçá a única expectativa comum de todas as empregadas na hora de arrumar trabalho.

Yo llegué a un hogar donde ellos {los patrones} eran como mi mamá y mi papá... Ellos se trataban en tercera persona todo el tiempo. Yo estaba donde tenía que estar! - quiero decir que nadie daba confianzas (Zoila, min 18:10).

Era un matrimonio muy bueno {el de los patrones} que yo nunca he vuelto a ver! Porque todo lo que él ganaba, se lo llevaba a la señora y ella era la que repartía la plata... Y le llevaba bastante edad, él le llevaba veinte años a ella! (Alcira, min 7).

Eles, senhores da casa, tornavam-se pais. Isso reproduzia o modelo de autoridade social e moral dos pais sobre os filhos, que se deslocava à esfera do trabalho na relação empregada-donos de casa. Além de reforçar a posição de subalternidade da empregada no lar do trabalho, produzia também nelas processos de identidade positiva e geração do sentido de pertença.



Fica aberta a pergunta: ao sentirem-se queridas e aceitas, as empregadas faziam parte da família onde trabalhavam? Isso parece mais provável no caso das empregadas sem filhos e nem casamento, que também são aquelas que permaneciam mais tempo morando em casa dos patrões. A pergunta não vale a pena no caso em que as empregadas eram rejeitadas ou assim se sentiam.

No me casé, no tuve hijos, por ahí enamorados... Pero así nada serio. No me interesaba. Cuando estaba en mi casa sí pensaba que algún día me iba a casar e iba a tener hijo... Pero ya después ya me tocó venirme y no sé qué, y pensé para qué tener hijos... Hijos para que lo vayan a cargar a uno después. Eso es egoísta: que voy a tener un hijo porque tiene que cargarme (para no estar sola), seguramente si tengo un hijo, después me dejará, entonces para qué. Después pensé que sí me gustaría, pero algún niño que sea de alguien, criarlo yo. Pero yo me encariñé mucho aquí con los niños, empezaron a llegar los nietos y es como si fueran mis hijos (min 50). ... Ellos [los niños] decían que tenían tres mamás: la señora María, su mamá y yo! Yo siento el cariño y por eso me atrevo a hablarles, porque sé que ellos me están escuchando! (Lola, min 79).

Como aparece com clareza na citação, a figura dos filhos da família é crucial para a percepção do trabalho que tivesse a empregada. Embora normalmente a presença de crianças em casa implicasse acordar muito cedo e trabalhar muito duro, para aprontá-las para o colégio, a sua presença era também decisiva no gosto que elas desenvolviam pelo trabalho. Nas entrevistas feitas, uma das lembranças que invariavelmente associam ao gosto, ao desfrute, à fruição do trabalho é, precisamente, a criação e o carinho das crianças. Pode parecer uma contradição o fato de ter de trabalhar muito duro e ao mesmo tempo desfrutar muito dessa etapa do trabalho.

Os horários mais complicados que tive, foi no caso de famílias com crianças. Eu acordava às 5:30, fazia faxina, à tarde pegava as crianças na parada de ônibus. (María Emelina, min 69).



Yo me levanto a las 6:00 de la mañana, trabajo con un niño, entonces me toca levantarme, hacerle el desayuno al niño, levantarlo, que arreglarlo, que llévelo al jardín, que tráigalo, que haga el almuerzo, que ropa, que planche, que lave. Todo, todo... todo lo de la casa. Me acuesto de 8:30 a 9:00 (Cecilia, min 58).

Encarregar-se das crianças representa sobretudo uma porta privilegiada de acesso a uma infância que lhes fora recusada. Como etapa de vida a infância é relativamente recente na história da Colômbia.

Sem dúvida, no passado as crianças eram desejadas e, em certa forma também protegidas. Porém, a facilidade com que morriam fazia com que as pessoas não investissem afeto nelas. Aliás, a infância era uma idade muito curta. Demasiado rápido, as crianças eram integradas ao mundo dos adultos, a seus trabalhos ... Houve uma mudança de mentalidade relativamente à infância quando houve medicalização e escolarização, entre 1880 e 1950 (RODRIGUEZ, 2002:202, 203)²³

Segundo dados oficiais, entre a década dos 30 e a dos 80 a taxa de natalidade desceu de 6.8 a 3.6 por cada mil pessoas e a taxa de mortalidade desceu de 45.2 a 28.9 por cada mil pessoas, duplicando a esperança de vida em cinquenta anos. Isso fez possível a valorização e alongamento do tempo da infância. Para as gerações nascidas desde a primeira metade do século XX até a década dos anos setenta, inclusive, e particularmente nas áreas rurais, a infância foi um raro privilégio, não assim para os nascidos nas décadas posteriores. Neste sentido, é muito indicativa da concepção da infância da época, as idades de migração à cidade e começo do trabalho das empregadas entrevistadas: Cristina chegou aos 14 anos e trabalha desde os 9 na casa, Zoila aos 9 chegou a Bogotá, Hermelina trabalha desde os 7 e saiu do povoado aos 13, Lola trabalha desde que se lembra, aos 12 mudou dos labores da casa para os do campo e chegou em Bogotá aos 17, Alcira chegou aos 17 à cidade e trabalhou desde sempre, Maria Emelina chegou aos 14 sem estudo nenhum, Cecília chegou aos 10 anos na cidade para trabalhar.

²³ Citação original em espanhol, a tradução é minha.



De tal modo que encarregar-se das crianças dos senhores da casa de classes médias urbanas significava para as empregadas não só limpar, mas ensinar, conversar e brincar com eles. Brincando com eles era inevitável ficar vinculada emocionalmente. Mais ainda quando a empregada não tinha filhos e então os filhos dos patrões viravam seus próprios filhos.

En todo yo puse mis conocimientos, mis saberes, mi manera de ser, para enseñarlos, porque ella no los regaña, les habla... yo sé que muchas de las cosas ellos las hacen, mis enseñanzas les han servido mucho (Lola, min 74).

Encarregar-se das crianças era, no caso das empregadas de famílias de classe média e alta, compartilhar a sua forma de vida, ter acesso à infância e à juventude recusadas e inexistentes para elas. Encarregar-se das crianças das classes médias e altas implicava atingir com duas mãos uma forma de vida que se apresentava como um desejo, como um modelo, como um ideal afastado. É claro que elas estavam trabalhando e que deviam responder por qualquer coisa que acontecesse, mas cuidar das crianças e acompanhá-las onde elas fossem representava também oportunidades: a oportunidade de entrar em um clube, de viajar, de brincar.

Uno ya forma una parte de ellos, en la cual va uno a la par como de la mamá. Entonces uno tiene que estar en la jugada en todo! Que llévelos a la piñata, que llévelos al Club, que recójalos en los sitios exactos, que vaya, que traiga, que lleve... Es exactamente como la mamá con sus hijos. Esa época de niños yo disfruté mucho, viajé, también mucho. Viajé al Ecuador; viajé bastante las costas con ellos, porque pues claro, lógico, iban ellos y a donde estuvieran le tocaba a uno irse con ellos! Lo único que queda de recuerdos bellos es eso: lo de los niños, los nietos y los que uno crió. Esos son como si fueran los nietos de uno, uno se considera como si fueran sus papás. Yo en eso disfruté mucho! Pero muchísimo es muchísimo! Y Le doy gracias a dios porque yo creo que no todo el mundo tiene ese privilegio. (Odilia, min 71).



E quando as crianças cresciam, no melhor dos casos, viravam amigos delas. Era então também uma maneira de ter acesso ao mundo desconhecido da juventude da classe média através da experiência alheia, assim se aprendia da vida, dos seus problemas e conflitos. Era uma janela ao mundo exterior e ao presente da sua época, que muitas das empregadas viam muito longe.

Terminé viniéndome para Bogotá, después de ocho meses [después de haberse retirado del trabajo en la casa de familia]. Yo aquí con una de las niñas [hijas de la familia] nos queríamos mucho, mucho. Entonces ella me escribía todos los meses, casi como... dos veces en el mes me escribía contándome qué pasaba. Que el novio, que esto, que lo otro. Mejor dicho, ella fue mi mejor amiga en esa época porque ella fue creciendo y éramos de la misma edad. Entonces ella fue creciendo y tenía novio y yo era confidente de ella y entonces me contaba todo. Cuando me fui, ella me escribía y me contaba que terminó con el novio, que lloraba mucho, que... Todo lo que pasaba en la casa. Y yo entonces le respondía y le contaba también. Más que aquí con la familia, era con ella! (Lola, min 22).

Talvez a grande importância dos filhos das famílias está em que eles lhes permitiam, casualmente ou não, exercer poder através do afeto: ganhar a confiança e o carinho das crianças permitia às empregadas substituir, até certo ponto, a mãe biológica e se colocar por primeira vez no lugar dela. Obter o amor dos filhos da senhora de casa era uma maneira de atingir pertencimento no lar dela, e mais ainda, uma maneira de se apropriar de um lugar de poder no interior desse lar, de outra forma alheio e inalcançável. Assim a empregada adquiria também algum grau de autoridade. Talvez este seja o segredo subjacente ao protagonismo das lembranças desses meninos e meninas nas memórias das empregadas.

Em outros muitos casos, os filhos dos patrões constituem lembranças negativas. Este é, particularmente, o caso das empregadas que foram enganadas, molestadas ou abusadas, mesmo aquelas que sofriam tentativas de uma ou outra coisa. Trata-se de situações onde elas vêem-se defrontadas com eles no seu papel de homens, mais do que de



filhos ou de patrões. Não é, portanto, de crianças que se trata; aprofundarei este assunto particular nos seguintes capítulos.

De maneira transversal nas evidências historiográficas e nos relatos e memórias das empregadas, aparece a senhora da casa como uma figura que gera sentimentos de muita tensão. Ela ocupava uma situação de privilégio muito clara: vivia bem melhor do que a empregada, era dona do poder na esfera da intimidade, da privacidade e do lar. Conscientemente ou não, isso fazia com que muita coisa venha misturada quando as empregadas lembram-se dela. Era ao mesmo tempo um ideal e um ser incômodo, em cada caso os sentimentos pairaram entre essas opções.

O sentido de concorrência e disputa de poder entre a empregada e a dona da casa expressa-se com todas as nuances da sutileza. Em alguns casos este sentido de concorrência fica reservado nos silêncios da empregada; em outros, reflete-se na necessidade de se apropriar e rivalizar pelo afeto dos outros membros da família (além das crianças). Em um caso há respeito pela hierarquia estabelecida no lar onde a empregada trabalhava, muitas vezes esperançosa das futuras oportunidades na vida por ter aprendido a ser uma pessoa respeitável, educada e que sempre *se dio su lugar*²⁴. No outro caso, o sentido de concorrência faz com que a empregada tome iniciativas encaminhadas a obter o amor, a seduzir, no sentido amplo, o patrão ou os filhos. Sem que necessariamente resultasse num choque frontal.

Sobre todo allá me fue muy bien; no fue tanta la plata que me gané allá, sino me gané el cariño del Doctor y de sus hijos, para mí y mi hija. Y ahora mis nietos!... Hasta tal punto que {los hijos del patrón} confiaban más en mí que en la mamá. Iban a una fiesta y al día siguiente de haber ido, sin que la ma-

²⁴ Esta é uma frase comum nas falas das empregadas. Dar-se o seu lugar é sinônimo de não transgredir a ordem estabelecida, significa não estar disposta à irreverência.



*má se diera cuenta, oiga ta, ta, ta, ta... {le contaban todo lo sucedido}
(Hermelina, min 41).*

A empregada então ficava dividida entre o seu desejo e a sua realidade. Desejando, na maioria dos casos, uma casa, uma educação técnica, um negócio próprio e um lar, viviam essa realidade através da dona de casa, que ao mesmo tempo a ancorava à sua realidade. A senhora da casa representava uma ponte simbólica entre as duas esferas e tornava-se uma figura emocionalmente conflituosa.

Assim, as necessidades econômicas, de trabalho, educativas, todas enfim, eram compensadas com ganhos afetivos. Para a empregada, mais do que o serviço, a pertença; mais do que o salário, o carinho. Isso é que contava. Era também no plano da emotividade que ela reclamava à sociedade o seu lugar de subalternidade.

Yo tengo mi vida aquí. Ya mi casa no es mi casa, la casa era mi mamá {que después murió, al mismo tiempo que peleó con las hermanas}. Aquí todos me quieren... pienso yo que con todo lo que he dado yo por ellos, no me van a abandonar (Lola, min 52).

Isso mostra que o trabalho de empregada doméstica misturava a vida privada e a pública justamente no momento histórico em que essa fragmentação estava se aprofundando (a partir da segunda metade do século XX). As emoções, os sentimentos estavam transversalmente misturados com o serviço, que ao mesmo tempo, carecia de exigências ou particularidades "técnicas" comuns. Cada dona de casa e cada senhor determinavam tais "tecnicismos" para o serviço na sua casa.

Como a condição de trabalho dependia, em grande parte, de situações privadas, como as condições afetivas como se dar bem, é difícil falar dessa relação donos de casa-empregada em termos de relação de trabalho no sentido moderno, não existia contrato



(os acordos sempre eram orais), nem horário ou regras pré-estabelecidas (deviam estar sempre à disposição) e nem mercado de trabalho (os contatos eram feitos por meio do "correio" de mensagens mencionado acima. Vale a pena aclarar que para as empregadas, trata-se de um trabalho porque elas se ocupam de umas tarefas em troca de comida, moradia e muitas vezes – nem sempre - também de um pagamento, embora o aceite oficial como trabalho regulamentado só tenha se estabelecido a partir da década dos oitenta.

Também não se pode falar em termos de trabalho informal. A desregulamentação do trabalho foi a condição majoritária e dominante na Colômbia pelo menos até a primeira metade do século XX em todos os casos e regiões, mesmo para os homens. Somente em 1972 é que aparece o termo “setor informal” em documentos da Organização Internacional do Trabalho e da PREALC (BRUNO LAUTIER, 2003:789-814). E para o caso das domésticas, não pode se falar em informalidade de um trabalho que carece totalmente de legislação: somente em 1988 surge a primeira regulamentação, tal como o caso do Brasil. Na Colômbia, a lei 11 do dia de maio do ano 1988 torna o serviço doméstico segurado obrigatório. Também nessa década a lei reconhece, finalmente, o direito à sindicalização das empregadas. Leis que regulamentassem a jornada do trabalho doméstico, descansos e outras formalidades tardariam até a década dos noventa para serem estabelecidas²⁵.

Aliás, a modernização do país que começou na década dos anos cinquenta tem gerado tantos debates, que há quem afirme que a Colômbia viveu um processo de

²⁵ Ainda hoje, o código substantivo do trabalho não regula expressamente a jornada de trabalho do serviço doméstico, porém na Sentença C-372 de 21/06/1998, a Corte Constitucional salienta que essa jornada não pode exceder 10 horas diárias e regulamenta os descansos nos domingo e feriados.



modernização sem modernidade, no sentido da dúvida quanto à modernização das relações sociais.

Um último aspecto a mencionar neste capítulo é referente aos ciclos de trabalho que as empregadas tinham segundo o ritmo das diferentes etapas da vida. Tinha ritmos que pareciam ter fortes heranças do século XIX.

Desde o século XIX houve continuidade nas mulheres: trabalham desde os 10 aos 14 anos de idade, trabalhavam a vida toda com interrupções pelo casamento, nascimento e cuidado dos filhos (KUZNESOF, 1993:30).

Ainda nos finais do século XX acontecia uma coisa parecida. As etapas da vida das empregadas afetam seu ritmo de trabalho, sendo os eventos mais importantes das suas vidas: casamento (as poucas que conseguiam se casar) e nascimento e cuidado dos filhos (aquelas que eram mães, mais numerosas que aquelas que se casavam, embora a maioria não tivesse filhos). Precisamente pensando nos ritmos intensos do trabalho, muitas tinham de adiar seus planos pessoais e de casal. Mas com o passo das décadas aconteceu que esses eventos especiais ou pontos de quebra, marcavam o início da etapa como diarista.

Yo le dije {a mi marido} que quería trabajar porque estaba aburrida de estar encerrada en la casa {...} Ahí comenzó a salir trabajo durante el día, y yo iba a trabajar de por días, pero llevaba a la niña más pequeña; después embarazada del niño, él {el marido} me dijo que no trabajara más porque cómo iba a hacer para cargarme a los dos niños juntos. Ya hubo el niño... Y consecuentemente yo ya no trabajé más, hasta que el niño tuvo seis o siete años y la niña tuvo unos nueve. (Cristina, min 19:18)

Essas etapas da vida são precisamente as que organizam e dão sequência e lógica ao método expositivo de este trabalho. Em tal sentido vou agora explorar o que acontecia no período da vida das empregadas em que elas ainda não eram tais, aquele período



em que elas moravam com suas famílias. Quais os aprendizados culturalmente importantes para ajudar a entender a concepção e o uso do tempo que teriam mais adiante?

CAPITULO 2. INFÂNCIA E EDUCAÇÃO, O TEMPO DA NATUREZA.

2.1 INFANCIA E TRADIÇÕES



Entre as dez mulheres entrevistadas para esta pesquisa, só uma delas é bogotana, o que confirma a estreita vinculação entre o fenômeno do serviço doméstico, o êxodo rural e o crescimento das cidades colombianas. O trabalho em casas de família (como elas preferem chamá-lo) aumentou sua demanda e oferta paralelamente ao processo de urbanização e modernização da Colômbia. Foi na década dos trinta que começou a migração campo-cidade e para a década dos oitenta a distribuição da população no país já tinha mudado: de maioria rural para população urbana, completando assim a transição demográfica. De 1937 a 1964 a população do país passou de 8.700.000 a 17.484.000 quando 50% da população era urbana; já em 1985, 70% morava nas cidades (NIÑO y REINA, 2010).

Porém, nem o aumento na esperança de vida e nem a tendência à urbanização foram processos homogêneos em todas as regiões do país. Ainda hoje há departamentos na Colômbia onde a população é fundamentalmente rural e as condições de vida não igualam às das cidades²⁶. Aliás, a zona mais amplamente povoada corresponde à região central, especificamente ao departamento de Cundinamarca, onde situa-se o Distrito Capital: Bogotá, a maior cidade do país e uma das cidades onde o fenômeno de migração é mais marcante, até hoje. Por isso é uma cidade de interminável crescimento.

A progressão da população bogotana por décadas é: de 145.000 em 1918 a 224.000 em 1929, de 500.000 em 1945 a 638.562 em 1951 e finalmente alcançando 1.661.935

²⁶ Enquanto em departamentos como Atlántico, Valle e Quindío quase 90% da população é urbana, há departamentos como Amazonas, Guaviare e Putumayo em que apenas 25% dos habitantes moram em núcleos urbanos.



no ano de 1964 (NIÑO y REINA, 2010)²⁷.

As empregadas domésticas eram comumente criadas no campo, nas tarefas da agricultura, por serem provenientes de lares camponeses. Muitas delas cresceram em famílias onde com frequência faltava a mãe ou o pai biológico, sendo então comuns as famílias extensas e com muitos membros: muitos filhos significavam muitas mãos trabalhando nas tarefas do dia a dia da roça. Como era comum que muitas crianças morressem, as famílias concebiam muitos filhos para garantir a força de trabalho familiar.

Essa lógica própria do estilo de vida dos camponeses deslocou-se para a cidade com as migrações: os migrantes consideravam que o trabalho fazia parte do ritmo natural da vida das pessoas, pelo costume de as crianças ajudarem na casa e na roça o mais cedo possível. No campo toda ajuda das crianças começava em casa (ajudando à mãe, limpando a casa, lavando louça, arranjando quartos, levando e trazendo recados e mandados), mais adiante e dependendo do sexo, o trabalho podia mudar para as tarefas produtivas de agricultura na roça ou então implicar migração (como empregada doméstica ou como operário).

O uso do tempo das empregadas domésticas está sob a influência do ritmo de uma concepção natural do tempo: regido pelo sol e a lua, pela escuridão e a claridade, pelo canto dos pássaros e galos pela manhã e pela hora da tarde em que eles dormem. As empregadas domésticas das décadas dos cinquenta, sessenta e setenta têm uma marca rural

²⁷ Dados estatísticos publicados em 1930 (ESCOBAR, 1930) mostram que entre 1780 e 1843 a população passara de quase 20.000 a 40.000 pessoas. Já em 1884 somava 95.000 habitantes. Foi entre 1905 e 1930 que a cidade atingiu proporções de distrito capital. Hoje, segundo a Secretaria Distrital de Planeación, o crescimento médio anual da população bogotana é 104.733 pessoas, curiosamente, o mesmo volume de migrantes chegados em Bogotá entre os anos 1905 e 1930.



muito forte que se reflete no seu ritmo de vida, na sua assombrosa capacidade de trabalho, na sua proximidade à natureza pelo jeito como foram criadas.

Também a análise das diferentes temporalidades é um assunto que nos remete à história das sensibilidades, os pescadores não têm a mesma relação com o tempo do que os empregados de um escritório. O século XIX aprendeu os tempos curtos tipo minutos – precisão – e dos centésimos de segundo. (CORBIN, 2005:20)

Na casa materna elas trabalhavam durante o dia e dormiam à noite, acordavam junto à família inteira quando ainda estava escuro, pelas 4 ou 5 horas da manhã, preparavam o café da manhã e faziam tudo quanto lhes fosse pedido. Depois ajudavam nas tarefas da casa o dia todo, indo e vindo pelo povoado, levando o almoço para o pai na roça, ajudando na criação dos irmãos menores. Até a década dos setenta, continuava sendo muito raro que elas fossem à escola.

Tornavam-se boas criadas porque tinham uma grande predisposição ao trabalho. No entanto, essa origem rural muitas vezes jogava contra elas nas cidades, precisamente porque a sua falta de estudo reforçava a associação entre ser pouco ilustrado e vir da roça. Os conhecimentos ligados aos ofícios do campo eram praticamente inúteis na cidade, aliás, desvalorizados de tal maneira que não eram reconhecidos como um saber, mas como ignorância²⁸.

Pero ya la gente se ha despertado mucho... que antes venían sin saber hablar... con intelecto de allá del campo” (Ana María, 37 min)

Como elas trabalharam desde a infância, o trabalho fazia parte natural da vida delas. o que ajuda a entender os ritmos, as intensidades, as pausas que elas tinham no uso do tempo deslocado do campo para a cidade. Ajuda a entender também as negociações que

²⁸ O que não deveria surpreender, se situarmos estas concepções no marco de modernização nacional.



elas estavam dispostas a aceitar em termos de relações sociais, em termos de trabalho, em termos de dinheiro, etc. Nas cidades também, elas trabalhavam como se ainda estivessem nas casas maternas: durante sua infância no campo elas não recebiam dinheiro em troca do seu trabalho, porém ganhavam o pertencimento a uma família²⁹. Na cidade, esses costumes faziam com que elas trabalhassem duro e que, em muitos casos, exigissem bem pouco em troca, em proveito dos donos de casa. Então posso dizer que aquelas "criadas" e formadas na roça eram, geralmente, boas criadas na cidade³⁰.

O grande historiador colombiano, Mauricio Archila, estudioso da classe operária, mostra como na Colômbia o ritmo dos primeiros trabalhadores industriais também estava regido pelos ritmos da natureza. No caso dos operários homens, o tradicional consumo de álcool fazia com que, desde tempos coloniais, existissem ritmos de trabalho acordes com essa tradição: pausados e vagarosos, que permitissem esse tipo de diversão.

Desde tempos coloniais, os artesãos recusavam trabalhar nas segundas – a conhecida santa segunda feira europeia, na Colômbia conheceu-se como a “segunda de sapateiro” –, como consequência do consumo alcoólico durante o final de semana. Reafirmavam-se assim os ciclos “naturais” da vida dos primeiros trabalhadores, e também os seus sonhos de independência (ARCHILA 1990:151)

Por isso a diferenciação entre os espaços de lazer e folga e os do trabalho era quase inexistente, pois na cotidianidade havia tempo para as duas coisas. No caso das mulheres, a existência desse ritmo acorde aos ciclos naturais da vida se evidencia também na sincronia de várias atividades e sensações cotidianas; embora, pela dramática diferenciação

²⁹ Nas entrevistas o pagamento pelo trabalho familiar aparece, embora muito raramente.

³⁰ É notável a coincidência no jogo de palavras entre o verbo ser criado e o substantivo: criada. A palavra coincide muito provavelmente porque eram as crianças adotadas e criadas pelas famílias de boa posição econômica que constituíam a criadagem.



sexual, o significado do trabalho e da folga fosse muito distinto segundo o sexo³¹.



Foto: Propaganda Cerveja Bavaria.
Revista *Cromos*, 1930.

Os depoimentos das entrevistadas coincidiram em que o pai delas “trabalhava” e a mãe “ajudava-o”, quem trabalha tem direito ao descanso, à folga (que, como mostra Archila implicava geralmente consumo de álcool nas *chicherías* e, depois, nas *tabernas*), de outro lado, quem ajuda não tem direito à folga (pelo menos não socialmente, não publicamente). É assim que as mulheres tinham de encontrar modos privados de descanso

³¹ Essa divisão sexual é clara na divisão social das funções: espaços privados para a mulher e públicos para o homem; a mulher tinha um papel fundamental como mãe, educadora da família e ajudante do homem, e este era sinônimo de trabalhador, de pai e de chefe.



e diversão (por serem privados não deixam de existir, só ficam mais complicados de revelar)³².

A infância era curta e vivida somente como transição para a etapa produtiva. Essa era a infância compatível com a concepção rural do trabalho e com os ritmos da produção da natureza, quando existir no seio de uma família significava trabalhar para ela. As bonecas aparecem na memória das mulheres entrevistadas, como a lembrança de um desejo muito forte. No caso de Alcira, ela declara ter começado a trabalhar na casa de família onde trabalhou 65 anos, persuadida precisamente pelas bonecas que tinha visto nessa casa.

Allá lo que sí hicimos fue un muñequero, hicimos un muñequero con cuatro cajones! Porque mire que por eso también me fui para allá: porque yo toda la vida había querido una muñeca... Porque yo qué muñeca ni que nada!!! Entonces yo fui a llevar el portacomida y veo que hay una niñita rodeada de muñecas! Ay! Yo le dije a mi madrina: Yo sí me voy porque allá hay muñecas!!! {entonces aceptó irse a trabajar y vivir en esa casa}. Y después jugábamos! Una hermana de la señora, allá en Medellín le hacía unas muñecas de trapo taaaan bonitas! Y las bautizábamos y les hacíamos ropa... Los cuatro cajones eran dos apartamentos arriba y dos abajo para cada muñeca! (Alcira- min. 35)

A natureza da infância e da educação são dois aspectos muito diferenciados entre o campo e a cidade e as bonecas representam essa distância: a possibilidade do jogo. Se houve uma diferença essencial entre as crianças da família aonde a empregada chegava a trabalhar e a empregada, era que, ainda compartilhando a mesma faixa etária, uma podia se dedicar a estudar e brincar durante a infância, enquanto a outra não.

Para as empregadas a infância esteve cheia de tarefas, de deveres, mas apesar de tudo, cheia de vínculos e de família. E nesses vínculos familiares os pais são figuras centrais. São figuras importantíssimas, marcantes na trajetória de vida delas, normalmente

³² Por exemplo, se as reuniões de homens se realizavam nos lugares públicos, as mulheres não deixavam de encontrar-se, simplesmente se encontravam nas casas, nas igrejas, enfim, nos lugares onde esses grupos não fossem mal vistos.



muito autoritários (o que, com certeza preparou-as para obedecer, mais tarde, aos donos de casa).

¿Por qué comenzó a trabajar como empleada del servicio doméstico? porque mi mamá me castigó porque no quise estudiar... Mi mamá es dura. Nos ponía dos ladrillos si no pelábamos papa para tenerlas listas para atender a mi papá. Nosotros teníamos que aprender a cocinar y hacer las cosas de la casa y si no nos daba juguete. (Marlen, min 33)

Él {mi papá} era un campesino, pero gente como ya no queda!... (Zoila, Min. 1:20)

Os pais eram quem dava a primeira (se não a única) educação que elas recebiam. Continuar com as tradições, obedecer aos pais, atender aos homens, trabalhar para a família, seguir a religião católica, eram princípios muito arraigados no país, e particularmente nas áreas rurais, nas décadas cinquenta e sessenta. Estudos recentes mostram como desde a época da colônia as áreas rurais eram mais conseqüentes com o catecismo do que as urbanas. De fato, parece que a mestiçagem foi, na Colômbia, um fenômeno marcadamente urbano, pois nas áreas rurais a sociedade mais conservadora e seguidora dos costumes católicos não permitia a mistura de raças (RODRÍGUEZ, 2004:256).

A endogamia, o matrimônio e a legitimidade da gravidez eram muito mais rígidos nas áreas rurais do que nas cidades, onde só as camadas mais hispânicas da população respeitavam as referidas tradições. Isso implicava um choque cultural para as mulheres migrantes que passavam de lugares com tradições morais fortemente arraigadas, à cidade, onde mães solteiras, casamento de fato e não religioso, nascimentos ilegítimos, mistura de raças e outras tendências eram muito mais marcantes.

2.2 EDUCAÇÃO



A condição de estudante foi praticamente inconciliável com a de empregada até pelo menos a década dos oitenta. Nessas décadas o panorama educativo mudou radicalmente para a população colombiana.

Em 1958 houve aproximadamente 1.700.000 estudantes matriculados em todos os níveis do sistema escolar. Em 1974 houve mais de 5.000.000 de estudantes matriculados e 38.000 escolas... nesse período, a matrícula na escola primária duplicou, de 1.493.128 a 3.844.128. A educação secundária aumentou seis vezes, de 192.079 até 1.338.876. A educação universitária incrementou-se de 20.000 a 138.000 estudantes. (HELG, 1989:136)³³

Boa parte da educação para mulheres estava em mãos das comunidades religiosas, particularmente das freiras, que além da instrução às noviças (mulheres prometidas à vida em recolhimento), ofereciam cursos para aquelas que quisessem aprender a escrever, a ler, a costurar, a cozinhar, a tocar instrumentos, etc. Ensinavam todos aqueles ofícios que a tradição católica considerava adequados para as mulheres, e todos incluíam catequese.



³³ Citação de Robert Arno. Original em espanhol. A tradução é minha.



Cortesía de Zoila.

Zoila com freira, Hermana María Inmaculada, anos sessenta.

A influência católica na sociedade colombiana ainda hoje é muito arraigada, mostra disso é sua ativa e constante participação em política partidária, ou também as inegáveis e profundas marcas na moral do povo. Foi também pela influência católica que se arraigou a discriminação entre "filhos legítimos", nascidos no seio do matrimônio e da igreja, e os outros: os "filhos naturais" os nascidos do pecado, por fora do matrimônio católico; essa era uma das distinções mais legitimadas, uma forma dominante de dividir o mundo, e a primeira barreira que as pessoas encontravam no seu caminho.

Lo primero que {las monjas} le preguntaron a mi papá fue si yo era hija legítima o hija natural! Eso importaba muchísimo, en el año 61 no me recibían si era hija natural. Había esa discriminación... (Zoila, min 3:50)

¿Sabe qué me provocó a mi? Ser religiosa! Pero no me recibieron. ¿Por qué? Porque en ese tiempo, yo no soy hija de matrimonio!... eso fue donde las monjas de la Anunciación que quedaba también ahí en Galerías, a mí me gustaba tanto ir allá a rezar... Había escuelas dominicales, y nos enseñaban las aspirantes. Uy a mí me encantaba! Era el castigo más grande que no nos dejaran ir a la dominical (Alcira, min. 42)

Havia então, comunidades religiosas especializadas no trabalho com empregadas domésticas, no caso de Bogotá: Hermanas Salecianas, Colegio María Auxiliadora, OSCUS, Fundación Española, Hermanas Juanitas, Escuela de Enfermería e as Hermanas María Inmaculada, com centros sociais, culturais e residências. A Bogotá dessa época tinha também instituições laicas comprometidas com assistência social para as domésticas, como a Fundación San José. Para aceder a muitos desses serviços, ser filha legítima era essencial.



Esses centros religiosos de ensino ofereciam às migrantes recém chegadas a Bogotá vantagens como: ajuda para se relacionar com donos de casa em procura de empregadas, facilidades para pernoitar até achar uma moradia estável (trabalhando em alguma casa de família), capacitação nos ofícios da casa, e, muito importante, estabeleciam os primeiros vínculos afetivos na cidade: geravam identidade religiosa e a possibilidade de conhecer outras pessoas em situações similares à delas.



Cortesia do "Centro de promoción, ayuda y orientación para empleadas del hogar San José" Empleadas reunidas em evento. Anos cinquenta.

Impossível não perceber a presença da freira entre a mulherada; todas

empregadas domésticas de várias regiões da Colômbia que estudavam no "Centro de promoción, ayuda y orientación para empleadas del Hogar San José" nos sessenta. Embora este fosse um centro laico, a influência das comunidades religiosas era evidente no viés da formação moral³⁴.

Estes centros de ajuda foram especialmente procurados em Bogotá durante a época da história nacional conhecida como *La Violencia*, quando a chegada de mulheres fugindo da guerra foi massiva. Bogotá, 9 de abril de 1948: *el Bogotazo*, grande acontecimento

³⁴ A foto foi amavelmente disponibilizada por uma das coordenadoras da casa, Ana Maria, que mostrou muita disposição e boa vontade com esta pesquisa.



político que mudou radicalmente a cidade e a história do país. A fúria popular reagiu ao assassinato do carismático líder liberal e candidato presidencial Jorge Eliécer Gaitán. Prédios incendiados, multidões inteiras detidas pelos policiais, confusão e roubos, especialmente no centro da cidade. Marcou o início de um momento inesquecível na história do país: nesse dia começou o período chamado *La Violencia*, que consistiu no acirramento – e não no início – de agressões e ações muito violentas (mutilação, assassinato, ameaças, humilhações, etc.) entre partidários dos bandos políticos Conservador e Liberal, inimigos radicais. Grande parte da historiografia colombiana concorda em estender a pelo menos dez anos este período de guerra, que causou muita miséria e êxodo rural.

A década dos anos cinquenta guarda um aparente paradoxo: a violência bipartidária nunca tinha atingido níveis tão dramáticos e, contudo, a economia e a indústria nacionais não paravam de crescer. Nesse contexto de modernização e aceleração da migração (entre 1950 e 1960 a indústria colombiana cresceu 89.5%), houve ao mesmo tempo, escandalosas cifras de mortos pela *Violencia*. Calculam-se, entre 1947 e 1966, 200.000 mortos (NIÑO e MENDOZA, 2010: 10).

A situação de êxodo rural fugindo da agressão e das lembranças terríficas da guerra piorou no ano de 1964. Nas memórias das empregadas aparece com clareza *El año de Marquetalia*, como um ano que marcou fortemente o processo de migração rumo a Bogotá; essa lembrança é especialmente marcante no caso das entrevistadas nascidas nos departamentos de Tolima, Cundinamarca e Boyacá. O fim da violência bipartidária coincide com o início da guerrilha de camponeses comunistas: *Marquetalia* é o nome do território no município de Planadas (departamento de Tolima) onde surgiu uma comunidade de camponeses armados. *Marquetalia* também é o nome do ataque militar que o Estado



desencadeou em 1964 contra essa comunidade (que deu origem à famosa guerrilha das FARC), no marco do Plano LASO (Latin American Security Operation), para evitar o surgimento de focos de insurgência. Por isso nos anos 50 e 60 a migração e o êxodo rural não pararam de crescer, e nem as mulheres de chegar à cidade (MEDINA, 1985).

Dois aspectos: a urbanização e a modernização da sociedade colombiana, apesar da violência crescente, gerou um ambiente propício para o desenvolvimento da classe média constituída por negociantes, comerciantes, secretárias, profissionais, etc. que trabalham para obter ascensão social, mudança de seu status social e para serem socialmente bem vistos. Neste contexto dão-se mudanças nas realidades sociais, tais como aquelas que narram dois historiadores:

La amistad tradicional y el diálogo de vecinos son reemplazados por las “relaciones públicas”, las secretarías ejecutivas, las reuniones de alto nivel y los “cocktails”. Y citando a José Luis Romero “fue la cultura de los best sellers, de los espectáculos que no había que dejar de ver. Quizá su expresión más diáfana fuera la preocupación por el status y por la posesión de sus signos. Las cosas perdieron valor por sí mismas y se convirtieron en símbolos (Londoño & LONDOÑO, 1989:141-345).



Modelo europeu de elegância, muito espalhado entre as classes médias e altas, na moda a partir dos cinquenta. Revista *Cromos* nº 870, 1933.

No meio desse contexto modernizador, praticamente todas as comunidades religiosas ou laicas comprometidas com a assistência social tinham vínculos com associações internacionais da Europa ou dos Estados Unidos (onde é mais antigo esse viés de caridade para com as domésticas), facilitando a circulação de idéias, do pessoal, e também a circulação das próprias empregadas. As associações internacionais serviam de intermediárias para facilitar o relacionamento e contato entre algumas empregadas domésticas (as escolhidas) e seus empregadores no exterior.

Também era freqüente que o pessoal da embaixada, empresários e famílias estrangeiras de passagem por Bogotá, pedissem uma boa empregada para viajar com eles e trabalhar lá, ou, em outros casos, estrangeiros pediam em casamento alguma empregada, com



quem depois ela viajava já no seu papel de dona de casa. Histórias que ainda parecessem de fantasia, nem sempre terminavam bem, algumas eram pegadas por redes de escravidão.

Muchas eran conquistadas por europeos y terminaban casándose. Muchas se casaron divinamente! (Zoila, min. 60)

Muchos casos de las que se fueron, se fueron con familias no muy honorables y les quitaban los papeles y las hacían trabajar como esclavas... O las tiraban a la calle! A una la botaron a la calle yo no sé en qué condiciones, sin papeles y sin ropa y sin nada! Ella se conectó con el párroco y fue él que le ayudó. (Zoila, min. 82:20)

Venían los extranjeros a la casa a pedir contactos, cuando alguna se iba, se iba con contrato y con papeles, todo en regla. Muchas se han casado, porque claro! De aquí salían con formación buena, ellas eran diferentes... já ja (Ana María, min. 38)

Esse fenômeno de internacionalização do trabalho foi típico no país desde os anos sessenta, como salienta a historiadora Aline Helg. Sempre em busca de progresso e sucesso econômico, profissionais, técnicos e trabalhadores viajavam (geralmente para os Estados Unidos) com a esperança de seus ofícios serem mais bem pagos e a crença de que no estrangeiro a vida seria melhor do que na Colômbia³⁵. Embora o país não tenha se preocupado demais com a fuga de trabalhadores manuais, a fuga de trabalhadores academicamente bem formados foi chamada de “êxodo de cérebros” e começou também nessa época (HELG, 1989:139).

Mas, qual o charme daquelas que conseguiam viajar? Em que consistia esse "ser diferentes" das mulheres educadas dentro da formação religiosa? Precisamente essa ética do serviço ao outro como representação do serviço a Deus, nessa moral de caridade bem

³⁵ Essa devoção pelo estrangeiro é uma característica nacional que provém de muito tempo atrás. Exemplo disso é um artigo da revista feminina *Cromos* que em 1918 publica um artigo acerca dos efeitos da Gripe Espanhola sobre a população bogotana: *Toda la población está en cama pero feliz de haber sido atacada por una epidemia mundial, auténticamente nacida, criada y cebada en el extranjero.* (LONDOÑO & LONDOÑO, 1989:325)



aprendida que as comunidades religiosas ensinavam junto à obediência, à paciência, à bondade, ao respeito pelo outro. Essa a diferença com uma outra empregada menos disposta a servir ao outro e a se resignar a servir a Deus desse modo.

As comunidades religiosas também ensinavam a orar, a reflexionar, a bem fazer os ofícios da casa, a ter algo de técnica na faxina, a ser impecáveis nos costumes do dia a dia. O serviço e o sacrifício são elementos centrais da ética cristã, eles dão sentido à vida e reforçam o valor de certas atividades e, portanto, influenciam profundamente o uso do tempo; valorizam, por exemplo, o trabalho e a oração. Todas elas iam para a igreja e trabalhavam até, como no caso de Zoila, 18 horas diárias. A influência religiosa no *ethos* destas mulheres evidencia-se no uso do tempo guiado pela rejeição à preguiça e à comodidade.

Porque las monjas nos adiestraron muy bien en tener un hogar como Dios manda...Significa que el hogar lo hace la mujer. Al hombre no se le puede pedir, sino... De cien, noventa y nueve y medio lo tiene que poner uno, al otro se le pide medio no más... Porque en general el hombre trabaja y... Y uno es el que hace el hogar. Eso nos enseñaron las monjas. Allí decían: Ustedes se tienen que acostar de último y levantarse primero si quieren tener un hogar como Dios manda! Uno pequeño decía: qué risa, la monjita... Cuál qué risa! Allí donde mi jefe uno se acostaba de último. Yo en general trabajaba 18 horas. (Zoila, min. 21:20)

Achei muito interessante a interpretação que Zoila deu à educação religiosa. Ela realmente acredita que esse lar comandado por Deus é aquele onde a mulher se encarrega de tudo e o homem faz a sua parte somente com a presença dele. A história de vida dela mostra o bem que ela aprendeu e aplicou esses aprendizados católicos: sempre serviu ao próximo e nunca esperou muito em troca do seu amor, ela amava desinteressada.

Freqüentemente a disposição do serviço ao outro entra em contradição com a bondade, com o respeito e o bom trato. Dois aprendizados católicos em tensão: muitas



empregadas domésticas educadas pelas freiras e comunidades religiosas, estavam dispostas a aceitar estóica e bondosamente situações muito duras e difíceis tanto no trabalho, quanto nas relações pessoais. Toda a educação religiosa fazia com que muitas das empregadas tivessem um afinado sentido do sacrifício, geralmente acompanhado de ingenuidade, que simbolizava seu compromisso com Deus e a sua pertença à comunidade religiosa.

O senso de compromisso e sacrifício está refletido na seguinte resposta à pergunta: Qual o maior aporte da empregada à família com que trabalhava?

Rendir lo máximo en nuestro trabajo, si podíamos ayudar en algo más de lo que nos encomendaban, que lo teníamos que hacer. Con qué fin? Que las personas se sintieran que tenían un apoyo en la empleada, no un enemigo. Que tenían un apoyo, una persona que cuidaba las cosas, que trabajaba como Dios manda. Que supieran que podían contar con esa persona en la mala. En cual mala? De pronto... A algunas personas les pasó que después de tener dinero, no tenían dinero y la empleada trabajaba... Y de pronto llegó algunos casos donde ella vendía empanadas o pasteles o vendía lo que fuera y la empleada se quedaba con ellos, sin salario, ayudando a salir adelante nuevamente a la familia. Eso sucedió en muchas ocasiones! (Zoila, min. 61:50)

Aliás, esse sacrifício e disposição para o serviço podiam ser recompensados de várias maneiras, pois eram resultado de acolher e serem acolhidas por alguma instituição religiosa. Por exemplo, contavam com o apoio da instituição em situações de perigo, quando sentiam-se discriminadas ou abusadas, encontravam uma saída voltando à comunidade religiosa para procurar uma outra casa de família, mais uma oportunidade. Eram também acompanhadas no processo de legalização: as comunidades encarregavam-se de legalizar as mulheres migrantes, pois muitas chegavam à cidade sem documento nenhum. A informalidade era reinante no país inteiro e especialmente nas zonas rurais, onde era comum não se ter certeza sobre a data de nascimento de um filho, ou mesmo, sobre o seu nome certo de batismo.



... Eso sí era difícil con ellas, porque a veces no saben ni en dónde nacieron, su nombre está cambiado y tienen otro nombre... eso era... {fala ela com expressão de preocupação} (Ana Maria, min. 50)

Ademais, as religiosas insistiam no senso de pertencimento à comunidade, as mulheres migrantes todas eram recebidas com os braços abertos, atendidas, ajudadas, alimentadas, e desse modo, ligadas ao grupo. Tais oportunidades de apoio e de identificação eram escassas para as mulheres que chegavam sem esse suporte à cidade.

Por outro lado e segundo o historiador colombiano Jaime Jaramillo Uribe, a taxa de analfabetismo na Colômbia em 1951 era 56,7% da população (JARAMILLO, 1989:109), enquanto para a historiadora Aline Helg seria de aproximadamente 38%. Ainda não há certeza sobre a cifra real, mais ainda assim, esses dados são indicativos da qualidade e cobertura da educação, muito menor nas áreas rurais do que nas urbanas³⁶.

³⁶ Ainda em 1970, 40% das crianças em idade escolar das zonas rurais não estudavam na escola, enquanto que nas zonas urbanas 22% não estudavam. Em 1960 e 1964, 3% dos alunos matriculados nas escolas rurais atingiam a quinta série, em contraste com 46% nas escolas urbanas. (HELG, 1989:150)



Cortesía de Ana María, Centro de promoción, ayuda y orientación para empleadas del hogar San José. Cerimônia de formatura do ciclo básico das empregadas.

Das dez entrevistadas, quatro eram analfabetas até faz relativamente pouco tempo (quatro ou cinco anos). Isso fazia com que muitas donas de casa assumissem o papel de educadoras das empregadas e dentro do treino fosse freqüentemente incluído o aprendizado de leitura e escritura. Outra opção era matriculá-la em centros de aprendizado como o mencionado Centro San José. Daí a importância que elas atribuem aos aprendizados nas casas dos patrões. Desse jeito era possível que o ambiente de trabalho na casa de família, se tornasse também um ambiente *civilizatório* para a empregada (que ficava permanentemente no lugar de subalternidade). Porém, essa possibilidade dependia do bom senso dos senhores da casa, estava bem longe de ser obrigatório.

Uno adquirió otra cultura {conviviendo con el patrón} porque uno de todas maneras hay muchas cosas que cambiaron: uno se volvió más responsable, consciente de que hay ciertas cosas malas y que es mejor como aprender a



saber de cultura. Empezando porque uno debe aprender a atender una visita, ser educado... En el campo y con gente de otra cultura, en las reuniones lo primero que hay que traer es aguardiente y un petaco de cerveza y terminan todos borrachos... Y eso no! Aprendí que eso no es lo realmente importante... (Hermelina, min 59)

Há uma valorização da cultura do outro hegemônico, há um desejo de aproximar-se dessa cultura, de imitar e aprender, há legitimação dessa leitura do mundo. O outro, o senhor ou a senhora da casa, é visto pelas empregadas como alguém que está bem melhor situado no mundo do que elas, e por isso tem credibilidade. Aprender torna-se um valor em si mesmo porque as empregadas atribuem ao estudo a mais decisiva influência sobre a trajetória de vida. A expectativa era que o patrão fosse, acima de tudo, educado, e portanto, figura de poder e autoridade. Claramente a realidade nem sempre correspondia à expectativa.

Dentro dos aprendizados que muitas delas tiveram nas casas de família, particularmente aquelas que migraram sozinhas, estava o fato da cidade ser perigosa, e então, representar uma constante ameaça. Esse aprendizado reforçava a concepção da mulher como sujeito do âmbito privado: muitas empregadas evitavam sair, permanecendo travadas nos quartos ou casas inclusive nos dias de folga, evitando muitas vezes criar laços de amizade com outras como elas por medo de serem enganadas, e impedindo que pessoas desconhecidas se aproximassem. Isso tudo resultava muito adequado aos interesses dos patrões no sentido em que garantia a permanência da empregada em casa e facilitava o controle total de sua vida.

...Nunca cambié de familia, estuve 65 años con ellos... Me parecía que Bogotá era enorme! Yo decía ¿para dónde me voy? Yo qué me voy a ir por allá! Yo me estoy aquí quieta! Además los cuidados {que le daban los señores} eran los mismos que con las hijas {de la señora}, eso sí! (Alcira, min 8)

Yo no las conocía ni nada... quién sabe para dónde me llevarían {las mujeres que iba conociendo en Bogotá}... Siempre fue el miedo a que no me fuera a pasar nada! (Lola, min 18)



O medo então foi um sentimento aprendido, uma sensação reforçada pelos donos de casa para as empregadas que ficavam ainda mais dependentes da proteção e apoio dos patrões, que podiam chegar a ser os únicos seres confiáveis. O medo era uma sensação constante perante o desconhecido, perante a liberdade (dias e horários de não-trabalho), perante o relacionamento com desconhecidos. Esse medo paralisante resultava absolutamente decisivo na hora de definir o uso do tempo das empregadas e é uma das principais situações vivenciadas no passado que esta pesquisa evidencia. O medo fez com que muitas não saíssem de casa nos domingos, que muitas delas se abstivessem de arrumar namorado e amigos, como será aprofundado no seguinte capítulo. O medo está diretamente ligado com a falta de estudos destas mulheres, que sentiam-se frágeis diante de realidades que desconheciam. O sistema educativo não estava preparado para atender à maioria da população rural, e as suas condições de vida eram totalmente desfavoráveis à condição de estudante.

O ritmo de vida que elas levavam e os seus princípios: hegemonia do ritmo natural no tempo, o medo, a ética do serviço, a importância do trabalho e sacrifício; normalmente gerava dois tipos de resposta: a daquelas que atendiam esses chamados todos e a daquelas outras que, por uma ou outra razão, terminavam indo para o lado oposto e pareciam revelar-se³⁷.

Quando internalizavam essa educação religiosa e camponesa, que foi o caso de grande número das empregadas, resultavam defrontando-se com a vida mais vagarosamente do que outros atores coetâneos. O resultado era que uma notável falta de

³⁷ Esta questão será tratada com profundidade no terceiro capítulo.



experiência social, muitas vezes vivida como uma ignorância a mais, fazia delas mulheres muito vulneráveis ao engano em todas as dimensões da vida. Na realidade, um dos cenários de maior vulnerabilidade era o próprio trabalho e o próprio destino de tornar-se empregada doméstica passava pela falta de estudo que fazia com que elas (e a sociedade) considerassem que não sabiam fazer mais nada.

*Si me hubieran dado más estudio, yo tendría otras capacidades porque pues... Con los años que estudié no me siento que sea la más... ignorante!
(Lola, min 8 min)*

Os depoimentos sobre a própria ignorância supõem uma declaração envergonhada: não saber ler nem escrever, não saber contar, ou então ter desconhecido durante muito tempo assuntos fundamentais da vida humana e social. Essa falta de educação formal, a sua condição de novas habitantes de um território desconhecido e sua consciência de serem pessoas muito inocentes, fazia com que ficassem vulneráveis aos outros, mais experientes e espertos. Conseqüências: muitas saíram da ignorância em circunstâncias desagradáveis e eram facilmente exploradas em diversos aspectos. Por exemplo, pela falta de estudo e alfabetização, muitas desconheciam os seus direitos trabalhistas; algumas delas só mudaram de atitude quando alertadas por seus maridos ou por suas colegas.

Poucas na sua infância tinham sido educadas na escola. Não necessariamente por falta de vontade dos pais de matriculá-las (o caso de pais que não achavam importante a educação também se vê), mas porque uma vez matriculadas, muitas desistiam argumentando inumeráveis razões. Algumas das mais comuns eram: que não aprendiam (era pouco o tempo que podiam destinar ao estudo, pelas tarefas domésticas que deviam fazer na casa materna), dificuldades econômicas (que impediam que pudessem levar à escola lápis, caderno, uniforme, etc.), dificuldades de transporte (a maioria das crianças



transportavam-se a pé e sozinhas desde a casa até a escola durante horas), problemas de relacionamento com a comunidade escolar (normalmente havia uma única professora e não se dar bem com ela significava um grande empecilho para o sucesso escolar), falta de pedagogia nos métodos de ensino (castigos muito agressivos e até humilhantes), etc.

A grande importância da educação que é atribuída pelas empregadas domésticas, reflete-se na trajetória de vida dos seus filhos. Nos filhos se iluminam as esperanças destas mães. Nenhuma delas mostrou-se interessada em que seus filhos (e particularmente suas filhas) reproduzam o tipo de vida que elas levavam. Todas elas desejam que seus filhos trabalhem em melhores condições, por exemplo, que possam decidir sobre aquilo que querem fazer.

Apesar da precariedade econômica, muitas empregadas domésticas, surpreendentemente faziam com que seus filhos (eles sim) estudassem, aprendessem a ler e escrever, a contar, etc. Das dez entrevistadas para esta pesquisa, quatro têm filhos e todos eles terminaram a escola; duas delas inclusive têm filhos com formação universitária. A educação é o único elemento real de ascensão social que tangencialmente atingiram. Essa é a minha hipótese.

Mis dos hijos son profesionales. Porque yo luché para que ellos no fueran a hacer lo mismo que yo por culpa mía y trabajar en lo mismo que yo trabajo... Mi hija estudia enfermería y mi hijo tiene por ahí sus negocios como independiente, a él le gusta mucho cocinar, él es cheff! (Marlen, mín. 85)

A importância da educação atribuída pelas empregadas mostra até que ponto é simbolicamente associado ao melhoramento das condições de vida, à qualidade de vida; enfim, ao desejado e complicado processo de ascensão social. A lentidão desse processo



ascendente indica o ritmo das mudanças: foi só na segunda geração que as empregadas realizaram esse velho sonho do estudo, e então, de leve ascensão social (mas claro, somente no caso daquelas que tiveram filhos, pois é através deles que o projeto se realizou).

Seja como for, sempre houve uma distância entre o desejo e a realidade: que elas procurassem uma vida melhor para seus descendentes, nada garantia que assim fosse. Contudo, o fato de dar educação aos filhos implicava um avanço simbólico, já indicava uma ascensão cultural.



CAPITULO 3. SOCIALIZAÇÃO E FOLGA

3.1 SEXUALIDADE

No segundo capítulo falei do ritmo vagaroso com que grande parte das empregadas domésticas viviam a vida. Falei também de um outro ritmo com que viviam outras empregadas que tinham experiências velozmente, fazendo com que a vida sucedesse com uma rapidez surpreendente para a sociedade bogotana do seu tempo.

É que nem sempre os sujeitos que vivem um mesmo período são contemporâneos, como bem salienta o historiador Alain Corbin numa entrevista (VIDAL, 2005:17); as temporalidades experimentadas pelas empregadas e as representações sociais por elas geradas foram muito complexas, ao ponto que aqui proponho uma análise delas em dois sentidos opostos. Influenciada pela moral católica, para a sociedade bogotana as empregadas domésticas representavam ou o mal, ou o bem. No imaginário da população elas podiam representar figuras tanto de demônios (como mulheres prostitutas), quanto de santas (como mulheres maternais). Explicarei esta hipótese.

Os estudos sobre a história da prostituição na Colômbia são fontes fundamentais para esta pesquisa no sentido de aprofundar aspectos pouco conhecidos dos destinos e formas de pensar das mulheres. Duas eram as opções mais frequentes para aquelas migrantes do campo à cidade: o serviço doméstico e a prostituição. É interessante perceber como coincidem os perfis da população de mulheres prostitutas e de mulheres empregadas



domésticas: uma pesquisa feita em Bogotá por Alfonso López Echandía em 1969 mostrou que 90,2% das prostitutas eram mulheres migrantes e somente 9,8% eram bogotanas; os lugares de origem mais comuns eram: Cundinamarca 21%, Tolima 14% e Caldas (que naquela época integrava os 3 atuais departamentos de Caldas, Quindío e Risaralda) 10%³⁸ (GARCIA 2002:284).

A prostituição chegou a ser tão comum que para 1945 se calculava que cerca de 18% da população bogotana sofria de sífilis, que era então o principal problema de saúde pública e estava muito associado à prostituição e à promiscuidade em geral (GARCIA, 2002:283). Curiosamente as dedicações mais comuns registradas nos pacientes do Instituto de saúde que tratava a sífilis eram: vagabundas (termo com que as prostitutas eram referidas nessa época) e empregadas.

Por outro lado, dados de 1977 assinalam que 20% das trabalhadoras das sete maiores cidades do país eram empregadas domésticas (quase não existem dados daquelas que trabalhavam como diaristas dado que são mais difíceis para contabilizar); em Bogotá eram 17,4%, ou seja, 108.182 mulheres. Predominavam as migrantes: quase 85%, a maioria delas originárias das áreas rurais, de famílias camponesas de pequenos proprietários agrícolas; a maioria delas era solteira e com nível de escolaridade baixo (CASTRO, 1993:104). Os fios que ligavam e afastavam as duas ocupações eram bastante fracos; como vamos ver:

As relações entre senhores e criadagem estavam cheias de vícios, muitos deles derivados da recente experiência da escravidão e da tolerância familiar à iniciação sexual dos seus filhos com as empregadas, por considerar que assim eles corriam menos risco de contágios venéreos. Assim, a aparente proteção de um lar era para muitas mulheres o início do caminho que em qualquer momento iria terminar no prostíbulo. (MARTÍNEZ,

³⁸ Ver mapa nos Comentários Iniciais.



2002:145)³⁹

A experiência relembrada e narrada nas entrevistas mostra bem que trabalhar como empregada doméstica era também estar exposta à prostituição e em geral à exploração sexual:

A mi me respetaban, aunque había cosas que tenía que aguantar... Pero cosas desagradables no. Yo oía a mis hermanas que les tocaba... Que lo que les proponían los señores, los jóvenes... Aguantarse las proposiciones, entonces... O ver cosas, cosas que uno no está acostumbrado a ver: que ver personas desnudas, que... Porque uno es pudoroso. No porque uno esté trabajando con ellos le toca! (Lola, min25)

Também está o depoimento de Cristina, que mostra uma opção pelo recuo e por um silêncio prudente diante do perigo. Quando era jovem, desiludiu-se com o serviço doméstico por causa das constantes insinuações dos homens nas casas em que trabalhava e preferiu voltar para casa e ajudar a mãe. Seus pais insistiam para que ela voltasse a trabalhar e continuar estudando, mas ela não aceitou. Esta é a primeira vez que ela conta essa história.

Mi mamá murió y yo nunca en la vida le conté... Apenas ahora estoy contándosela a usted. Quería evitarle el sufrimiento y... A mi papá también, tal vez él hubiera buscado pelea contra las personas allá... Y no! Ellos no supieron!! (Cristina, min 7:14)

Desde começos do século, era parte da cotidianidade das famílias não só morar com a criada, mas também forçá-la a satisfazer sexualmente com os senhores e rapazes da casa. Para isso havia vários métodos: sedução, engano ou força; muitas vezes, surpreendentemente, com a autorização da dona de casa (VELÁSQUEZ, 1989:9-60). Às

³⁹ Texto original em espanhol. A tradução é minha.



vezes esses encontros sexuais terminavam com a gravidez da empregada doméstica, assim colocada num lugar de vergonha pública. No pior dos casos esta história terminava com a expulsão da empregada à rua que iria depois, ser acolhida nos prostíbulos da cidade, um dos poucos lugares onde elas eram bem-vindas⁴⁰.

As primeiras pesquisas locais com viés mais científico que moral sobre a prostituição foram feitas por volta dos anos 1969 e 1970; vale a pena mencionar, por exemplo, o estudo seminal de Saturnino Sepúlveda. Nessas pesquisas denunciavam-se situações do interior dos lares que funcionavam como elementos geradores da prostituição, como: estupros, relacionamentos de poder e submissão, violência, arbitrariedade e autoritarismo nas experiências de iniciação sexual (GARCÍA, 2002:295). Neste sentido, a pesquisadora Magdala Vásquez chama de “dupla moral” o fato que uma das principais causas da prostituição fosse o serviço doméstico, em presença de duas condições culturalmente dominantes: a submissão e ignorância das mulheres frente à prepotência dos homens.

Lo peor de ser empleada es... Cuando... Cuando trabajé en el Cocuy. Primero que todo yo era muy joven, muy muy joven (tendría unos 15 o 16) también llegué como a una familia que no era así como muy culta... Eso fue muy duro para mi porque... Él era un señor muy mujeriego, como que tenía más... Le coqueteaba mucho a las mujeres, había tenido con otras señoras más hijos... Entonces yo caí con ese señor. Mi hija es hija de ese señor. (Hermelina, min. 68)

En esa familia, donde le estoy contando que trabajé once años, uno de los jóvenes, todo alto y atractivo, entró a mi cuarto... A hacerme propuestas. Yo rechacé su propuesta, y hice que se saliera del cuarto. Después hablé con la señora! Ella le dijo a todos sus hijos que tenían que respetarme, igual que si fuera una hermana, igual que respetaban a sus hermanas. (María Emelina, min 31:25)

⁴⁰ Já fiz referência à forte presença das comunidades religiosas que em princípio parece outra opção para estas empregadas grávidas, no entanto essa forte diferenciação social entre filhos legítimos e filhos naturais, fazia com que o status social destas mulheres ficasse por baixo, sendo assim objeto constante de comentários incômodos quando não humilhantes.



Yo llegué a Bogotá... a los catorce años y medio, con una señora. Con ella duré once años, porque ella murió. Y ahí quedé. Ah... Entonces había un.... Una cantidad de problemas ahí, como dicen. Entonces yo dije: No, ya no me voy a quedar más en esta casa! Porque prácticamente pensaban que yo me iba a quedar y ya me iban a formar como... Como segunda mamá de ellos, y yo dije no. Si... Porque el esposo quería como.... Que yo me quedara con él! Entonces no. Yo hablé con las hijas, les dije que no. Sobre todo que yo era muy joven.... (María Emelina, min 22)

Defrontadas com tais situações de intimidade no interior de famílias alheias, estas mulheres eram vistas pela sociedade como perigosas, más, imorais. Imagem que certamente contrasta com aquela das boas criadas já explicada no capítulo antecedente: aquela das empregadas dispostas a sobre-trabalhar, a servir, a cobrar pouco em troca, a permitir que as civilizassem e que então, eram vistas quase como santas, praticamente privadas de sexualidade, sempre à disposição, chegando a se tornar segundas mães das famílias às quais serviam.

O adolescente da casa, costumado desde sua mais terna idade ao colo do avental, para sua iniciação sexual, muitas vezes animado pelo pai, recorria à "muchacha" como objetivo das suas fantasias sexuais. Posteriormente, como adulto e marido insatisfeito, direcionou a esta mulher submissa e muitas vezes indefesa, as frustrações sexuais da sua vida de casal. (REYES, 2002:226)

Na literatura é menos comum a narração de um outro processo mais ou menos comum: algumas empregadas, como estratégia de ascensão social, recorriam à sedução dos senhores da casa, como meio para obter status dentro do seu popular círculo social de origem. Houve casos de empregadas que terminavam casadas com os senhores da casa, no entanto, era muito mais freqüente o caso do senhor casado que mantinha a empregada como amante; assim era evitada a vergonha para o senhor e assegurava-se à empregada um acesso –



pelo menos parcial – à camada social mais alta⁴¹.

Algunas empleadas domésticas vivían esto como abuso impuesto por el patrón, otras, enclaustradas y desarraigadas, aceptaban encuentros furtivos como manera de sobrellevar su soledad y hasta tejiendo ilusiones de vida mejor y hasta matrimonio. (REYES, 2002:226)

Então, os elementos que marcavam a diferença entre uma empregada representar uma mulher censurável e assustadora para os demais, ou ser considerada um suporte positivo e necessário para as famílias, eram de natureza pessoal e privada: nada no âmbito público impedia que elas fossem molestadas, forçadas, seduzidas ou enganadas.

A prostituição considerava-se um meio de defesa das boas mulheres, depositárias da virtude... Para preservar a honradez da mulher boa e virtuosa, a mulher pobre e prostituta satisfazia a incontinência sexual dos homens das classes altas, mesmo daqueles da sua mesma classe que podiam pagar pelos serviços. (VELÁSQUEZ, 1989:16)42

Calcula-se que por volta de 1950 havia 40.000 prostitutas em Bogotá, que segundo dados oficiais era uma cidade de 715.250 habitantes; isso nos permite concluir que a demanda masculina era muito grande. No entanto, o código de honra dos homens fazia com que eles exigissem de suas noivas a condição de virgens (VELASQUEZ, 1989:9-60). O fenômeno cultural da honra masculina esteve presente no código penal de 1890 que justificava o amancebamento dos homens, enquanto julgava duramente a infidelidade das mulheres, até o começo do século XX, essa norma permitia o assassinato da mulher para reparar a inquebrantável honra masculina. O código como tal esteve formalmente vigente até 1980, quando foi derogada uma última norma nesse sentido: aquela que perdoava o estupro se depois dele o homem casava-se com sua vítima (VELASQUEZ, 1989:14-15).

⁴¹ Como os leitores podem deduzir, um testemunho que dê conta desse fato é, infelizmente, complicado, entanto que continua constituindo um tabu social.

⁴² Original em espanhol, a tradução é minha.



Deve-se então compreender o contexto social do fenômeno apresentado: durante todo o período estudado (1950-1980) não foi ilegal estuprar uma mulher se o homem casava-se com ela depois disto. Conseqüentemente, a violência masculina era social e juridicamente tolerada, por isso mesmo era duramente julgada qualquer mulher não casada e visivelmente grávida. Uma das piores e mais divertidas maneiras de julgar era, foi e será a fofoca, por meio da qual a reputação das empregadas era sobressaltada no sentido da "santa" ou do "demônio". Esse mesmo meio era utilizado pelas empregadas para exercer contrapeso à subalternidade.

Em casa dos patrões, as relações das empregadas com as figuras masculinas estavam cheias de paradoxos: propostas silenciosas, sugestões ao mesmo tempo atraentes e ofensivas, sedução do mesmo corpo que representava a figura de autoridade e que, então inspirava obediência. A leitura social da figura masculina está por trás de isto tudo; a autoridade do pai da casa materna, sinônimo de mando, era facilmente deslocada para o dono de casa ou em geral para outros homens, fazendo com que muitas mulheres aceitassem ser molestadas como parte da ordem natural da sociedade. Ou que outras ficassem com tanto medo de ser objeto de abusos, que adotassem uma posição de inércia e prevenir-se aplicando o refrão popular que diz: "*Mejor malo conocido que bueno por conocer*".

Yo decía, yo prefiero seguir en esto, que irme para otra casa y correr ese riesgo {el que corrían sus hermanas al ser sexualmente acosadas}. Yo soy como más frágil, como más... insegura, contrario a mis hermanas. A mí me prevenían, pero no me explicaban de qué, ni por qué ni cómo ni nada... (Lola, min. 26)

Por todas essas questões, os relacionamentos homens-mulheres eram



cobertos de mistérios e silêncios, freqüentemente ligados com a sensação da vergonha.

A vergonha é um sentimento doloroso e sensível sobre o qual é preferível não falar. Ele engendra o silêncio, o fechamento em si até a inibição (...). O silêncio que a acompanha {a vergonha} não é apenas produzido pela dificuldade de falar sobre ela. Ele é também função das resistências a recebê-la. (GAULEJAC, 2003:17)

Assim também a gravidez era coberta por esse manto de não ditos. O depoimento de Odília é muito interessante, ela recorda como uma das experiências mais marcantes da sua vida o nascimento da sua última filha:

Nadie sabía que yo estaba embarazada, mi hija nació un sábado y yo trabajé hasta el viernes! Ese fue un momento muy difícil para mi... Yo nunca... Con mis hijos yo nunca traté de mostrar los embarazos! Nadie sabía que yo estaba embarazada. El domingo apareció el papá {de la niña}, diciendo que esa no era hija de él... Ahí comenzó mi drama. (Odília, min. 16:20)



Como hipótese, saliento que desde o começo do século a criadagem tinha várias características nas famílias: além de ser quem limpava e arranjava a casa, era símbolo de status familiar, e também constituía uma figura com fortes conotações sexuais. Essa conotação era tratada de maneiras diferenciais segundo as circunstâncias familiares. Era



também projetada para outros ofícios de mulheres serviçais.

Publicidade Cerveja “Costeña”.
Revista *Cromos*.
29 de abril, 1950.

Em certos casos a sexualidade da empregada era negada para proteger o bom nome e a respeitabilidade da família: então a empregada era “respeitada” (quer dizer, não forçada ou molestada), porém, era objeto de controle quase total sobre amizades, saídas, horários, ligações, higiene, etc., pois a expectativa era que atuasse como santa. Em outros casos o caráter sexual dela era assumido pelas famílias tomando proveito dela e então, colocando-a silenciosamente ao serviço dos membros que assim quisessem, pois a expectativa era de que atuasse como mulher lasciva e malvada.

O primeiro caso corresponde à “boa” criada, à “santa”; em contraposição, o segundo caso corresponde à “má” empregada, à imagem do “demônio”. Este último caso é ilustrado num romance colombiano publicado em 1973 intitulado *Aventuras de una sirvienta* (HOYOS, 1973)⁴³.

No romance o senhor da casa tenta permanentemente seduzir a empregada doméstica, mas em vão, porque ela parece mais interessada num rapaz do bairro com quem às vezes conversa. Certo dia, na rua do bairro, o senhor discute com o rapaz em questão sobre o relacionamento que ele tem com sua empregada, resultando briga, confusão, facção, barulho, polícia... Quando ambos são pegos pela polícia, a senhora da casa aparece no cenário e acusa

⁴³ O mencionado livro não foi escolhido pela sua qualidade literária, mas sim pela temática central. O autor, Hernán Hoyos, relata a vida de uma empregada doméstica que chega a Cali, grande cidade do sul do país, originária de uma família camponesa. A personagem vê-se envolvida em situações muito incômodas que, no entanto são engrandecidas pelo autor, e que retratam o dia a dia das empregadas nos anos sessenta.



a empregada (aqui chamada Petronila):

Vos tuviste la culpa, ya sé todo! –chilló misiá Luisa {señora de la casa} en dirección a Petronila. Los vecinos que ya se devolvían a sus casas, se detuvieron.

Y yo por qué, misiá Luisa- balbució Petronila.

No te hagás la santa, india malagradecida hipócrita. Te recojo de la calle muriéndote de hambre y en pago te ponés a quitarme el marido! India hipócrita! Mañana temprano me hacés el favor de irte de mi casa. Mi casa ha sido siempre una casa de respeto!” (HOYOS, 1973:46)



Capa do Livro “Aventuras de una sirvienta”, 1973



As criadas eram acolhidas *como se fossem* um membro mais da família, porém nunca faltavam oportunidades e maneiras de a família marcar a distância social que os diferenciava, lembrando à empregada sua diferença e sua estranheza. Ainda que fosse *quase* membro da família e morasse sob o mesmo teto, com a empregada não existia o perigo (e imperdoável pecado) do incesto.

Assim, a sexualidade era para estas mulheres um cenário de tensões, silêncios, ignorâncias e também, ainda parcialmente, de proibido desfrute. Estava toda cheia de experiências desagradáveis, surpresas e humilhações. Toda boa empregada devia manter, como qualquer outra boa mulher da sociedade bogotana, sua intimidade em segredo, invisível. Quando a sexualidade evidenciava-se, a empregada era vista como licenciosa e perigosa, aliás, era igualmente condenada se era ela quem seduzia os homens, ou se eram os homens quem abusavam e desrespeitavam-na.

De fato, a capa do mencionado livro pode ser considerada um indicador do imaginário dominante sobre as criadas. A pose insinuante é da empregada, porém na realidade a situação era muito mais complexa do que isso.

Um dos fenômenos que mais negativamente afetou as empregadas foi a falta de informação sobre a sexualidade. Elas não sabiam o que estavam defrontando nesse aspecto,



como claramente mostram os depoimentos⁴⁴:

Yo más o menos de las cosas me eché a enterar {se sobreentiende el carácter sexual de la información} fue por las niñas {hijas de los patronos}, que en el colegio les enseñaban las cosas y venían y me hablaban. Hablábamos y me eché a enterar de muchas cosas que pues... que yo digo que yo seguí siendo una niña como hasta los venti... quién sabe cuántos años. (Lola, min 29)

Sobre educación sexual?... Nada! Absolutamente nada! Juj!! Eso no se podía hablar! Eso era pecado! Yo tenía veinte años y no sabía lo que era marica... Y ni las compañeras, ni la señora Genoveva {dona de casa} querían decirme. Porque yo era bastante inocente, yo era una niña limpia de alma y de cuerpo, criada por un campesino en un hogar bien constituido sin porquerías y sin nada...Al final ni me acuerdo de cómo fue que me enteré... (Zoila, min. 12:20. 4ta parte)

Historicamente essa concepção tradicional das mulheres em geral, e das empregadas em particular, que fazia com que fossem vistas em termos do bem e do mal, foi diminuindo simultaneamente com vários fatores, entre os quais destaco dois: por um lado, o aumento do nível educacional da população (inclusive da educação sexual), e por outro lado a naturalização do lazer e a democratização da fruição. Esta realidade transformou-se profundamente dos anos cinquenta aos oitenta, aumentando o leque de interpretações acerca das mulheres.

3.2 SOCIALIZAÇÃO

Resulta interessante perceber até que ponto era difícil para estas mulheres, como para grande parte das mulheres da época, ficar sozinhas na rua. As mulheres sozinhas

⁴⁴ Chama muito a atenção o jeito como as entrevistadas fazem referência ao assunto. Toda alusão ao tema sexual é chamado por elas de: "coisas" refletindo, ainda hoje, a dificuldade para falar de um assunto que permaneceu na escuridão da intimidade.



pela rua eram comumente, além de vulneráveis, mal vistas; assumia-se que era uma prática contrária à decência, particularmente à noite (tratava-se, então de uma prática própria das más mulheres). Essa concepção conservadora apenas começava a mudar na década dos cinquenta: foi no final dos anos quarenta e na década dos cinquenta que a noite apareceu como cenário urbano em Bogotá (uma década depois, 1957, as mulheres votaram pela primeira vez).

A Bogotá noturna fortalece alguns cenários de socialização: casas de encontro, hotéis, cabarés, bares, tabernas, restaurantes e clubes noturnos, enquanto enfraquece outros. Na Bogotá noturna entram em desuso termos como dancings, coreógrafos, cafés cantantes ou casas galantes (GARCÍA, 2002:320). Sob a iluminação pública repicam os telefones nas casas iluminadas à noite, também nos cinquenta foi quando o fortalecimento da indústria nacional permitiu pela primeira vez a comercialização de comidas prontas para esquentar e comer e quando apareceram os eletrodomésticos, prometendo liberação de tempo às mulheres.

Alguns pesquisadores chegaram a pensar que com o aparecimento dos eletrodomésticos, o trabalho doméstico iria desaparecer ou pelo menos diminuir; paradoxalmente, essa liberação de tempo gerada pelos eletrodomésticos nas tarefas domésticas, ao contrário dos prognósticos, mudava e adaptava a nova realidade do serviço doméstico. Continuou existindo (LAUTIER, 2003:812).



Publicidade das máquinas de lavar roupa da companhia General Electric, recém-chegadas ao país

Fonte: Revista *Cromos*. Abril 22, 1950

Fosse como for, esses avanços tecnológicos permitiam maiores possibilidades de socialização e folga por parte das empregadas e das próprias donas de casa, no sentido de elas puderam dedicar menos tempo à realização de tarefas domésticas, ou então realizar as tarefas mais facilmente ou com mais entretenimento (no caso da televisão ou do rádio). O interessante é perceber como os costumes estavam tão corporizados e enraizados, que as mudanças culturais levaram bastante mais tempo para aparecer do que as novas



tecnologias. Assim, as evidências permitem deduzir que esse tempo liberado na cotidianidade das mulheres não foi inicialmente usado ou aproveitado para a fruição e o lazer.

No caso das empregadas domésticas, sair era um assunto complicado (particularmente à noite). Os depoimentos permitem saber que elas não apareciam sozinhas na vida pública da cidade. Fosse por gosto, costume ou exigência dos patrões, elas saíam de casa acompanhadas.

En mi primer trabajo no era permitido que uno saliera solo... Entonces, por ejemplo, si iba a cine, alguno de los hijos de la señora iba con uno protegiéndolo! Recuerdo una vez vino un amigo para visitarme y fuimos a cine, ahí mismo en el barrio, Puente Aranda, y el hijo de la señora con nosotros! Yo pude salir sola solo cuando cumplí 25 años, cuando salí de esa casa {de la primera familia con la que trabajó}. (María Emelina, 1h 37min)

No tenía amigos, ni hablaba con otras empleadas de las otras casas cuando salía... No, uno no podía... qué tal que uno se demorara con un mandado... No, no, no! Yo hacía el mercado, iba al 7 de Agosto (una tradicional plaza en Bogotá). Eso sí me gustó toda la vida la plaza! (Alcira, min 32)

Uno nunca salía de noche... ¿Qué van a hacer las mujeres por la calle? No, no, no... Cuando salía y yo me demoraba, allá {en la casa donde trabajaba} se afanaban de saber qué me había hecho yo... (Alcira, min 9)

Isso sem contar que em casa dos patrões elas estavam acompanhadas pela dona de casa, ou vigiadas ciumentamente pelo senhor da casa. Assim restavam poucos espaços e tempos para a privacidade da empregada. Nestes casos a privacidade era um cenário que a grande maioria das empregadas conseguiu às escondidas, enquanto um número menor de empregadas decidia quebrar a ordem estabelecida no trabalho colocando acima do serviço doméstico a vida pessoal e aspirações familiares.



Devido à falta de horário nas jornadas destas mulheres, que dormiam no trabalho e que deviam estar à disposição a todo momento, o desenvolvimento de sua vida pessoal entrava em conflito com as possibilidades do serviço doméstico. Pesquisas mostram que o 78% das empregadas em Bogotá trabalhava mais de 56 horas/semana em 1977 (GARCIA, 1993:108). O trabalho, fonte de sobrevivência econômica, era também muitas vezes, o empecilho das aspirações pessoais. Mostra disso é o reduzido número de empregadas que se casava e tinha filhos, como mostra um estudo da prefeitura feito para as sete maiores cidades do país; em 1980 somente 20% das empregadas trabalhava dormindo nas casas e 68,7% delas eram solteiras (GARCIA, 1993:104). Elas mantinham-se solteiras num momento histórico em que casar-se e tornar-se mãe ainda era essencial para a completude simbólica do ser mulher.

As empregadas tinham dificuldade para se relacionarem com pessoas que não pertencessem às suas próprias famílias ou àquela com quem conviviam. Neste sentido, o círculo de amizade das empregadas costumava ser o próprio círculo familiar; aliás, amigas e familiares delas eram frequentemente, empregadas domésticas também e isto facilitava conversações interessantes entre elas acerca do trabalho e do dia a dia como serviçais.

No caso do relacionamento com homens, eram quase sempre em segredo. A pressão social por manter o trabalho levava muitas empregadas a adotar uma posição de ocultamento da sua intimidade. Não poucas vezes essa pressão levava-as a adiar seus planos de casar e constituir família, prolongando assim sua condição de solteiras, outras vezes levava-as a realizar seus desejos ocultamente ou de uma maneira incompleta. Os homens mais próximos às empregadas eram primeiramente, os senhores da casa com quem podia surgir uma ligação além do relacionamento trabalhista.



Tanto él dependía mucho de mí, como yo de él; aparte de ser mi patrón era como mi confidente y mi amigo, no? Él siempre me preguntaba cuando hay conflictos... Irme me dolió mucho por él... La imagen paterna que mi hija tiene, es la del Doctor (Hermelina, min 27:40).

Também na casa onde trabalhavam as empregadas domésticas estavam próximos os homens que tal como elas trabalhavam como serviçais: motoristas, mordomos, jardineiros, etc. Entre eles era também comum que fossem estabelecidos vínculos afetuosos, de amizade ou de namoro. Nas falas das empregadas chamou-me muito a atenção um detalhe: ao eu falar em "amigos", muitas delas os entendem como "namorados" ou "amantes". O significado da palavra muda o conteúdo do relacionamento social, especialmente entre as entrevistadas de maior idade. Isso pode ser um reflexo da enorme carga moral que implicava qualquer relacionamento entre uma empregada e um homem na época da sua juventude. Como mostram os seguintes depoimentos:

-Tenía sus amigos o no? -Amigos, amigos, no. Nunca he tenido hombres amigos! Tenía mis AMIGAS! (Alcira, min 51.)

Yo en esas cosas soy muy delicada... y más: amiguitos? Menos!, amigas si... por ahí de vez en cuando. No hay que, como dicen, abusar de las cosas... (María Emelina, min 48).

Além desses, os contatos entre as empregadas e os homens eram realizados num dos espaços sociais mais frequentados por elas: o bairro. Esse era talvez o único lugar onde elas podiam ser vistas andando sozinhas, porque elas faziam "mandados", iam às lojas mais próximas a comprar remédios, comidas, ou qualquer coisa que faltasse em casa. Iam às casas das vizinhas para pedir emprestado algum tempero que faltasse para terminar o almoço ou a janta, levavam e traziam mensagens no bairro, etc. Isso tudo era feito por elas sob o sol, em pleno dia e tomando cuidado de não demorar demais para não despertar suspeitas e nem



preocupação entre os donos de casa.

Los pretendientes, los conocía haciendo mandados, caminaban por el barrio juntos. Pero apenas me invitaban, ya no me gustaba más... Nunca le di el teléfono a nadie. Cuando iba de vacaciones a los llanos, también los muchachos me sugerían cosas, pero me parece como que... Iban muy rápido. Después cuando volvía, ellos ya estaban casados... A los ocho días los muchachos ya querían acostarse con uno... (Lola, 60 min)

No bairro elas eram vistas e aproveitavam para conhecer outras pessoas, geralmente outras empregadas, guardas (particularmente nos primeiros bairros residenciais de prédios de apartamentos construídos em Bogotá, muito elegantes, onde moravam classes médias em ascensão), policiais e soldados. É interessante perceber essa estreita ligação entre policiais ou soldados e empregadas domésticas.

Mi papá era militar y tenía entradas al Teatro Patria (onde se exhibiam filmes com cantoras mexicanas, bang-bang...), Yo me iba a cine todas las noches y a buscar amigos, y me iba al casino todos los domingos. Los sargentos tenían su casino, los militares otro. Ve? Entonces cada uno tenía su casino. Entonces nos invitaban a bailar, yo me iba con mi prima a las fiestas. Eran por la tarde, de las 3 de la tarde hasta las 8 de la noche. Si uno se cuadraba un militar, ellos lo invitaban a uno. Por ejemplo yo me cuadré con un militar, a escondidas de mi mamá, porque mi mamá no nos dejaba ir. Pasábamos rico, bailábamos, jugábamos todos los juegos que había y que le enseñaban a uno allá. Íbamos entre semana a visitarlos cuando había horario de visita. A ellos los viven trasladando, a mi novio lo trasladaron! Una vez estábamos bailando y lo llamaron, que se presentara. En ese momento se fue y los amigos no me dijeron nada, porque me iba a poner a llorar! (Marlén, min. 110)

No fundo, todos eles compartilhavam um modo de vida muito afim: moravam no mesmo local do trabalho, usavam uniforme, deviam estar à disposição dos chefes ou superiores, não tinham horários estabelecidos com antecedência e, finalmente, eram trabalhos rotineiros, pesados, de muita solidão e sexualmente demarcados: empregadas



mulheres e guardas, policiais e soldados homens. Possivelmente eram essas afinidades que faziam com que se procurassem calada e mutuamente no bairro que servia de cenografia ideal para esses encontros.

Muitas vezes esses encontros resultavam em grandes amores que levavam a empregada a se retirar do serviço doméstico, casar-se e constituir uma família. Outras vezes esses encontros resultavam na gravidez da empregada e posterior abandono por parte do homem, outras vezes terminava no engano de algum deles que não queria um compromisso longo. Frequentemente também acontecia que soldados, policiais e guardas eram transferidos para prestar serviço num outro local, quisessem ou não eram radicalmente separados das suas redes sociais, e particularmente, do namoro com a empregada doméstica.

Enfim todas essas circunstâncias faziam com que a separação dos casais fosse uma tendência muito provável e, do mesmo modo que os casos de gravidez, amiúde fossem defrontados pelas mulheres sozinhas; fazendo com que, em posteriores oportunidades, muitas destas mulheres adotassem atitudes de defesa e precaução.

Mis hermanos y yo llegamos a la ciudad sin saber para donde, o qué hacer! ... Así... no nos dejamos embolatar, aprendimos, nos defendimos, nos cuidamos, mis hermanos se casaron casi todos y yo no me casé, porque hubo una cosa por ahí... Un problema ahí... Y dije no. Tenía propuesta y tenía todo, pero no! Dije no, olvídese! No y no me caso y no vuelvo a tener a nadie. Y ahí me quedé... Que porque digan que por qué no se casó, que por qué no tuvo hijos, que no sé qué... pues no fue el destino! Y no los tuve. Después de que a uno lo marcan... Vamos a seguir? Así? No, yo los mandaba al carajo! No era porque no tuviera novios, no era pendeja! (María Emelina, min. 27:03)

Nació mi hija y se desapareció {el papá}... Igual eeh... Eso que de pronto uno por ahí e...Tiene... Como amigos, como algo que le hablan así, pero no. Tan pronto tuve consciencia de lo importante que era uno y de la responsabilidad tan grande {que implicaba una relación},



entonces no. Mucho menos pensar uno que casarse que estar ahí... Porque a mí lo primero que a mí me daba afán era que alguien por ahí quisiera educar a los hijos por ahí pegándoles, entonces no. (Hermelina, min. 61)

No caso daqueles casais que, a pesar de tudo, conseguiam estabilidade a longo prazo, geralmente se casavam numa cerimônia simples, e depois tinham filhos. De maneira mais ou menos surpreendente, algumas das empregadas de serviço doméstico, casadas ou não, planejavam o nascimento dos filhos.

Después de que nos casamos, tuvimos la primera hija a los dos años, cuando yo tenía veinticuatro. Me daba miedo el sufrimiento porque había visto a mi mamá en el parto... (e mais adiante) Le dije {a mi marido}, hasta que no tengamos un lugar en dónde vivir, así sea debajo de una piedra, no voy a tener más hijos, porque no quiero verlos sufrir más. (Cristina, min. 18:14)

La única cosa que tenía entre ceja y ceja era mi papá y tener una casa buena con un taller de costura, y después mi chico. -13:10 min-. La meta era conseguir la casa y el taller y el chico... no había otra meta (min 24:11). ...Me parecía que se me estaba haciendo tarde para tener hijos... el matrimonio ya no me importaba, pero yo decía: yo quiero tener mi criatura cuando tenga dónde meter la cabeza porque no quiero que nadie me lo trate mal... (Zoila, min. 9:20. 4ta parte)

É interessante perceber que, no caso das empregadas domésticas que chegavam a casar-se, faziam-no mais velhas do que a maioria das mulheres do seu tempo. Igual coisa acontecia com a idade para ter filhos: excetuados os (não poucos) casos de abuso ou engano, muitas empregadas planejavam o nascimento dos seus filhos em etapas da vida posteriores à média da época (de fato, alguns casos aqui registrados através das entrevistas mostram que a empregada tinha pressa por ter filhos justamente quando estava próxima do



limite biológico). Isso corrobora a coexistência e sincronia de distintas temporalidades e experiências de vida num dado momento histórico e confirma que o uso do tempo das empregadas era particular e diferenciado dos outros casos.

Este fenômeno do planejamento aparece fortemente associado às dinâmicas do trabalho da criadagem e, particularmente, das empregadas domésticas: para conseguir manter o trabalho elas precisavam adiar seus projetos pessoais, assumindo filhos e casamento mais velhas do que a média da população (LEÓN, 1993). A vida privada misturava-se com a vida pública para estas mulheres que dormiam no trabalho e deviam dar conta das suas decisões mais íntimas aos patrões, que assim concentravam grande autoridade sobre elas.

Os estudos sobre a família na Colômbia salientam que, desde os começos do século até as décadas dos cinquenta e sessenta, os matrimônios eram freqüentemente realizados entre casais com grande diferença de idade: homens adultos e mulheres jovens. Sabe-se que um traço moderno dos matrimônios é a proximidade da idade dos casais (RODRÍGUEZ, 2004:263).

No século XVIII era comum que um casamento durasse uns quinze anos, conseqüentemente com a esperança de vida curta de um marido que duplicava ou triplicava a idade da noiva. Um século mais tarde, os casais se defrontaram com as "bodas de ouro" e "bodas de prata", ou seja, aniversários de vinte e cinco e de cinquenta anos de vida compartilhada (RODRIGUEZ, 2004:263). Este fato histórico pode se corroborar ao longo do século XX, há um aumento na duração dos casamentos ao longo das décadas que estamos estudando; ao mesmo tempo, começa ser percebido o fenômeno da separação.



Um outro aspecto que tem mudado bastante é o que o historiador colombiano Pablo Rodríguez chama "cultura de cama":

Parece que uma cultura de cama para dois, comum entre os casados, é um assunto do século XX (RODRIGUEZ, 2004:263)45

Até por razões de saúde, antes era muito complicado compartilhar a cama. Ronqueiras, sons, odores, insônias, etc., faziam muito pouco confortável dormir com uma outra pessoa do lado, ainda que fosse o cônjuge. Em meados do século XX havia casais com costumes mais modernos, que dormiam juntos, e outros com costumes mais antigos que preferiam dormir separados.

Isto é muito importante porque a grande maioria das empregadas dormia no trabalho. Geralmente o casamento era um evento notável na vida das empregadas, que dividia a sua vida em dois. Ao casar-se, muitas delas paravam de trabalhar quando ficavam grávidas, outras mudavam sua forma de trabalho passando a trabalhar como diaristas, tendência que com o tempo tornou-se mais dominante. Essa é uma das importantes transformações históricas que sofreu o fenômeno do serviço doméstico. Já na década dos oitenta a grande maioria das empregadas trabalhava como diarista, isto é, tinham separado a sua vida privada da sua vida pública.

Nessa época o matrimônio era visto como um passo cultural e social obrigatório por ser considerado dignificante para as mulheres, que solteiras ficavam vulneráveis, objeto de fofoca, brincadeira e ridículo. Por isso mesmo era habitual entre as famílias tentar casar as mulheres solteiras com homens normalmente bem mais velhos do que

⁴⁵ Original em espanhol, a tradução é minha.



elas, porque supunha-se que tinham maior estabilidade econômica do que homens jovens.



Casamento de uma empregada associada à Fundación San José.
Cortesía de Ana María. Archivo,
Centro de promoción, ayuda y orientación para empleadas del Hogar San José.

Parece que a polarização simbólica das empregadas como mulheres representando o bem ou o mal, diminuía pouco a pouco. As mulheres cada dia eram mais procuradas como trabalhadoras, eram mais livres para estudar e se formar, mais interessadas na cultura e nas diversas dimensões da vida social; portanto, relativamente mais ausentes de casa. Porém, nem tanto como para extinguir o fenômeno do emprego doméstico (LEÓN, 1984).



O fato de que desde a década dos setenta as empregadas preferissem trabalhar como diarista, e não mais dormindo no local de trabalho, ajudou a aprofundar a diferenciação entre as esferas pública e privada na vida das empregadas, pois já não estavam acompanhadas e vigiadas o tempo todo. Entretanto, a quebra relativa das percepções dos serviços domésticos como pessoas de pouco valor social é um processo ainda em andamento. A legislação já avançou ao regulamentar o preço do trabalho das empregadas domésticas como salário mínimo, e elas estão saindo assim vagarosamente da condição de criadagem para serem percebidos efetivamente como trabalhadores assalariados.

A socialização e as relações afetivas eram o principal meio de fruição na vida destas mulheres. Talvez porque era uma maneira de serem incluídas num grupo social e de incluir outras pessoas dentro das suas próprias vidas. Era também um elemento gerador de identidade, porque esses relacionamentos (esses sim) lhes pertenciam e dependiam somente delas. Nos depoimentos elas se referem às relações afetivas como aquilo que mais desfrutaram; inclusive achando que o serviço doméstico podia ser divertido se compartilhado com alguém querido que fizesse brincadeira, conversasse e risse.

Una de las cosas que a mí más me gustaba era la lavada de pisos... Pero era porque lo hacía con esta niña! {una hija de la patrona que es muy amiga}. Nos poníamos las dos a hacerlo, entonces eso era un juego! Nos mojábamos y cantábamos... (Lola, min. 35)

Pues también es de acuerdo con como uno... Como digo yo, de acuerdo con el comportamiento de uno {como empleada} haya tenido con ellos {los patrones}, el cariño que le tienen a uno. Y a uno le devuelven ese cariño y uno también lo devuelve de aquí para allá... Y de eso se trata, la vida es esa! Y hoy en día en esta situación en la que estamos que la gente está llena de soledad por todas partes, entonces eso es lo que no podemos dejar que se nos pierda... Si uno no brega como a salirse de ese rol {de trabajador} que uno tiene en la vida y más bien compartir con los demás, estamos fregados! (Odilia, min. 76)



3.3 FRUIÇÃO E LAZER

O historiador Alain Corbin, na entrevista concedida a Laurent Vidal (VIDAL, 2005:21), fala sobre o advento de dois tipos de lazeres, dos quais, aliás, ainda não saímos. O modelo do lazer cultivado, no sentido do *otium* grego antigo: ir às reuniões da sociedade dos sábios, ser eleito vereador, praticar a filantropia e cultivar-se: conversação, meditação filosófica, leitura, etc. Neste sentido, ser burguês, não é tanto ter muito dinheiro, é dispor do tempo próprio, ter o domínio dele para fazer o que se quer. Esse é o *otium* antigo de Cícero e Sêneca. Mas há também o tempo de lazer consagrado à recriação da força de trabalho: aquele que trabalha o tempo todo deve parar porque está esmagado. Esse é o domingo desejado pela Igreja, uma necessidade de todo trabalhador.

Aqueles indivíduos que praticavam o *otium* antigo frequentemente estavam muito ocupados, é o caso das damas de caridade com o trabalho social, ou dos artistas; enquanto aqueles trabalhadores que recriavam a força de trabalho passavam os dias de folga sem ocupação. Isso mostra que o tempo livre não é equivalente ao lazer.

Na Colômbia, a preocupação pelo lazer começa paralelamente ao interesse dos operários por atingir a oficialização da jornada de trabalho diária de oito horas, e ao interesse das empresas por organizar atividades no tempo de não trabalho dos operários,



tendências muito fortes na década dos trinta e que foram materializadas nos anos quarenta. Enquanto os operários obtiveram seu direito à redução da jornada de trabalho, as empresas organizavam torneios esportivos, propostas lúdicas e outras atividades, como estratégia para atingir maior eficiência e controle sobre a vida dos trabalhadores. Neste sentido são pioneiras empresas como Empresa de Teléfonos de Bogotá, Tropical Oil Company, Ferrocarriles de Colombia, entre outras (ARCHILA, 1990:166).

De ferramenta de controle o lazer passou a ser uma alternativa de vida física e mental saudável e, logo depois, um direito dos cidadãos. Já no final do século XX o aproveitamento do ócio seria reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como a sexta necessidade humana depois da nutrição, a saúde, educação, moradia, trabalho e seguridade social.

Vários estudos clássicos sobre o tema se esforçam por atingir uma definição precisa do lazer; em geral, os estudiosos incluem três assuntos na definição:

- atividades (definidas pela oferta e demanda de ações concretas: ir ao cinema, assistir a TV, dançar, etc.)
- tempo livre (ligado à origem industrial e à conquista da jornada de trabalho e então à conquista do descanso como direito dos trabalhadores), e finalmente,
- emotividade (sensação do agradável, do estético, desejo do ócio) (DE MAIS, 1999; DUMAZEDIER, 1994; PARKER, 1978; ROJEK, 2009).

Há muitas formas de definir o lazer, mas a maior parte destas definições inclui –separada ou internamente- as dimensões de tempo e



atividade. O lazer é tempo livre de trabalho e de outras obrigações, e também engloba atividades que se caracterizam por um sentimento de (relativa) liberdade (PARKER, S. 1978:10)

Muitas concepções aprofundam o assunto subjetivo relativo à atitude, à percepção e estados mentais atingidos por quem realiza a ação. Nesta linha está Dumazedier, que sublinha a importância das funções que as atividades lúdicas têm nos indivíduos: repouso, diversão e desenvolvimento da personalidade (DUMAZEDIER 1994). Grande parte dos teóricos concordam em que tempo livre não é estritamente equivalente à diversão ou ao aproveitamento desse tempo (que o ócio e o lazer implicam), concordam também em que se trata de um fenômeno próprio da sociedade industrial e, portanto, historicamente recente. (PARKER 1978:29).

Nesta última seção entro a considerar o ócio na vida cotidiana das empregadas domésticas e para isso incluo os três aspectos do lazer acima explicados: realização de atividades, disponibilidade de tempo livre e geração de emotividade. Vamos considerar dois tipos de cenários do lazer. O primeiro corresponde às atividades geradoras de fruição que realizavam as empregadas na sua cotidianidade durante seus dias de trabalho nas casas de família. O segundo cenário corresponde às atividades que elas faziam especificamente durante seu tempo livre, isto é, durante os dias de folga do trabalho; por não estar trabalhando, nesses dias de folga era quando as empregadas podiam realmente lidar com um leque mais ou menos amplo para dispor livremente desse tempo.

Um primeiro aspecto que me chamou a atenção durante as entrevistas foi a dificuldade de muitas empregadas para pensar em atividades que faziam no dia a dia por



própria vontade. Esse primeiro aspecto é indicador do baixo nível de consciência que elas têm sobre o uso do seu tempo e da pouca importância que atribuem à sua tomada de decisões, costumadas, como estão à obediência.

As pesquisas já realizadas mostram um fato indiscutível: a grande maioria das empregadas assistia televisão, aparentemente como a principal atividade diária de descanso; aliás, com contadas exceções, as novelas eram (e continuam sendo?) seus programas favoritos⁴⁶. Nos depoimentos aparece com frequência também o rádio, como uma companhia diária das empregadas no seu trabalho. Tanto a televisão como o rádio eram meios de comunicação com a realidade exterior; porém, eram principalmente meios para sonhar e observar, como por uma janela, possibilidades de vida diferentes da sua. A televisão chegou à Colômbia em 1954, e tardou em se popularizar por uns anos; a radiodifusão em troca, existia desde a década dos 20, a radionovela teve seu zênite entre a década dos cinquenta e dos sessenta, com o passo do tempo e a democratização do televisor, a novela televisiva ganhou adeptos.

En ese tiempo no había televisión! Radio, pero yo tampoco tenía, ella me compró uno de pilas ... eso fue después del 45... Nosotros nos vinimos {a Bogotá} como le digo, en el 45. O sea que sería por ahí en el 48... Recuerdo a Tereza Gutiérrez, la actriz que hace poco murió, buena artista, era ella quien leía las radionovelas! (Alcira, min 39)

Una de las cosas que más me gustó es ver televisión por la noche, sobretudo novelas. Al principio veía con la patrona la novela en el cuarto de ella, cuando tuve plata me compre mi televisor y lo instalé en el cuarto, me acostaba a ver... (Hermelina, min. 50)

Cuando eso... no había. Ahorita a uno no se le hace caro un radio o un televisor, lo tiene uno en la casa, pero antes no. Me gusta la radio,

⁴⁶ No entanto, há casos como os de Zoila que, além das novelas gosta muito de programas culturais, talvez como um aprendizado cultural dos patrões, sinalizando capacidade e vontade de ascensão social.



me gusta escuchar música, porque eso le ayuda a uno a subir el ánimo. Pero no, yo anteriormente no... Yo le tenía como pánico que llegaran {los patrones} y me regañaran por mover sus cosas. No, yo prefería dejar quieto. (Cristina, min. 79)



Foto: Transmissão de televisão em simultânea com o rádio. Programa musical para jovens da geração dos Beatles.

Fonte: http://www.museovintage.com/imagenes/1960_clubclan.htm

Ver novelas? Ah, no eso si me fascina! Le saco tiempo pero por la noche, me gusta la que empieza a las 8. Pero no las veo todas, porque estoy muy cansada. El día sábado si lo tengo más relajadito... (Marlén, min 54)

Yo me la pasaba escuchando radio-novelas mientras hacía el oficio. Una cosa que me encantaba escuchar eran las vueltas a Colombia en Bicicleta... Uy yo me moría... Era emocionante... Una vez le escribí una carta a un español, felicitándolo porque había ganado varias etapas y que esperaba que estuviera contento en Colombia... También veía toreo... Ese Paquirri⁴⁷ me mataba, uy, me mataba. (Zoila, min. 78:36)

Yo andaba con... desde que llegué y pude comprarme un radio, yo andaba con él aquí (entre el delantal) y entonces siempre andaba, o andábamos las dos (una hija de la familia y ella), con mi radio ahí oyendo mis novelas... En Caracol y Todelar había buenas novelas y en RCN también, había unas mexicanas muy bonitas, había otra de un niño secuestrado que andaba perdido por toda Colombia... recuerdo una mexicana también que se llamaba Juanita Santos, era de una niña también del campo que se vino a trabajar, sufría esa niña... le

⁴⁷ Toureiro espanhol muito famoso, chamado Francisco Rivera Pérez; nascido em 1948 e morto em 1984.



pasaban cosas tremendas, salió a trabajar como de 10 años a una casa de familia, pero lo que le digo de mis hermanas, que los muchachos querían abusar de ella y ella una niña inocente... En último la niña murió y no le pasó nada! (Lola, min. 36)

Recuerdo radio-novelas como Calimán, Arandú, había una japonesa muy bonita... uno se encerraba en lo que iban contando y se lo iba imaginando... en radio las novelas eran muy bonitas porque uno trabajaba la imaginación... Había otra con guerras y espadas... La vuelta a Colombia no me la perdía, no perdía etapa y conocía los nombres de los que iban adelante... El último campeón fue Miguel Antonio Niño, el de Cucaita. (Lola, min 40)

Assim, uma vez que a memória das empregadas se defrontava com aquelas atividades prazerosas feitas por sua própria vontade, como assistir televisão ou escutar a rádio, a memória parece tomar força e fazer uma retomada de tudo aquilo que no passado achavam agradável. Começam assim a lembrar programas e atores favoritos, séries, novelas, tons de vozes dos locutores, acontecimentos específicos, etc.

Atividades como conversar e fofocar são mencionadas muito marginalmente, ainda assim, cabe pensar que tinham um lugar importante na lúdica diária destas mulheres, dado que, podiam ser feitas paralelamente à faxina. Dentro da fruição diária das empregadas há outras coincidências, como a total ausência da prática esportiva, ou a não consideração do trabalho doméstico como atividade física. Há também práticas particulares aos gostos e capacidades individuais, como o gosto pela música e saber e gostar de ler.

Todos los días leía el periódico! Y sabe qué lecturas no me perdía? La hoja literaria y los monos⁴⁸ eran as lecturas que no perdía! Yo recortaba el periódico y clasificaba los recortes por interés. Hasta estaba inscrita al periódico El Campesino. (Zoila, min. 80)

⁴⁸ Seções artística, cultural e de quadrinhos que viam no jornal da época.



Todas estas atividades consideradas lúdicas estavam subordinadas aos horários e condições do trabalho doméstico, mais não ao uso do tempo nos dias de folga (que será tratado na seguinte seção).

Costurar parece ter sido uma das atividades mais desejáveis para muitas empregadas, talvez porque permitia pensar na possibilidade futura de trabalhar de modo independente. Enquanto trabalhavam, muitas empregadas pediam aos patrões para elas estudar costura. A escola Singer foi a mais famosa e renomada da época, lá estudaram várias empregadas, todas elas por vontade própria.

A partir dos anos cinquenta e mais enfaticamente a partir dos sessenta era comum em Bogotá a oferta de estudos técnicos como secretariado, mecanografia, costura, tecido, e outros cursos especificamente femininos. Às vezes a máquina de costurar era o primeiro brinquedo destas mulheres. Era um brinquedo permitido e socialmente útil, além de ser uma atividade entretida que brindava lazer, dava inclusive para elas vender.

A mí me gustaba mucho la modistería! Me gustó muuucho, pero tampoco pude aprender! Porque yo decía: ¿Pero qué? Yo qué voy a poder comprar una máquina... y me la regalaron! (min 45:45)... El resto de domingos no hacía nada, me quedaba en la casa porque no podía salir sola. Ya cuando yo tuve la máquina, entonces los domingos: cocía! (Alcira, min. 54)

Aquí {na casa dos patrões} me dijeron que si quería estudiar algo... Entonces yo dije que modistería! Entonces me mandaron a las clases de modistería. Tomaba las clases en la Singer, ellos tenían una escuela de modistería. Eso era lo mejor en esa época! (Lola, min. 19:15)

Después de la muerte de mi mamá yo quise hacer más cosas. Me dieron una tarde libre entre semana para un curso de tejido, que yo adoraba! Cada muchacha {empleadas de la casa} cogía el curso en una tarde diferente, para no dejar la casa sola. Eso me gustaba



mucho, era en la Porciúncula, con los padres franciscanos. (Maria Emelina, min. 65)

Estas mulheres tentaram, efetivamente, se independentizar em vão, aproveitando seus conhecimentos para colocar uma oficina de costura e tecidos. Quiçá uma amostra mais da lógica familiar e desmonetizada culturalmente dominante, é o fato de que fizeram roupas a pedido de familiares e vizinhos e não obtiveram de volta nem um tostão. Em suas próprias palavras:

... Como había aprendido a coser me quería ir de aquí {de la casa donde trabajó toda la vida}, yo dije pues me voy para allá para mi casa, y allá me pongo a coser! Me fui para allá y no. Desilusión. ¿Por qué? Porque la gente quería que yo cosiera, pero como de gratis ahí, porque no me pagaban! (Lola, min. 20)

Todavía hoy hago mis cositas... En esa época en que yo tejía, eso sí vendí sacos como arroz... Pero no me los pagaron! Porque le hice a sobrinos, a familiares... Después terminé fue vendiendo mi máquina, los hijos de la familia cogieron de juguete la máquina. Risas... (Maria Emelina, min. 66)



Centro de Costura SINGER.
Revista Cromos n. 1735, março 11-1950

O gosto pela costura aparece como uma questão mais ou menos comum nos depoimentos, e que não é mencionado nas pesquisas consultadas.



3.4. USO DO TEMPO NA FOLGA

Em todos os casos os donos de casa ofereciam dias de folga às empregadas dentro das condições de trabalho; normalmente era oferecido um domingo livre a cada quinze dias. Já foi dito que, normalmente, as saídas nos dias de folga costumavam depender de se tinham ou não companhia, porque sair sozinhas era problemático, fosse pelo efeito de intimidação da grande e desconhecida cidade, ou porque os donos de casa não gostavam que a empregada saísse sozinha. Em alguns casos as empregadas acompanhavam os donos de casa nos seus passeios de domingo; em outros, quando a empregada tinha amigos e conhecidos, havia atividades preferidas como ir aos parques⁴⁹.

Cuando uno trabajaba lo que decían era que le daban día libre cada 15 días. Cuando trabajaba en el campo, que podía ir a visitar a mi mamá; cuando iba, ayudaba a hacer el oficio común y corriente, veía TV, iba al parque.... En el Cocuy {municipio de Boyacá} tenía días libres pero no salía porque no conocía a nadie. Fue más el tiempo en que no salí que el que salí! En Málaga y otras ciudades, lo llevaban a uno para donde van los patrones. Entonces no extrañaba uno... que de paseo, que a hacer almuerzo en el río... Aquí en Bogotá no. Por eso me daban días libres cada 15 días; como mi hermana conocía más, ella me recogía y íbamos con ella al {barrio} Rincón donde había más amigas, más paisanas, o íbamos al parque o íbamos al cine, sacábamos la niña {su hija}. (Hermelina, min. 47)

Dado que o ócio tinha má reputação e era considerado um elemento negativo e transgressor da ordem social, quem gozasse do seu tempo, quem gostasse de

⁴⁹ Segundo uma pesquisa feita pela UNICEF em 2001 o tempo fora livre fora do local do trabalho era usado assim, pelas empregadas de serviço: 57.1% visita aos parentes que moram em Bogotá, 44.3% aos amigos ou conterrâneos, 10% vai a festas e 8.6% pratica esportes (BARRETO, 2001).



descansar, quem tivesse muitos amigos, quem se divertisse demais (Quanto é demais?); enfim, os ociosos, expunham-se a ser vistos com sujeitos culturalmente subversivos, produtivamente pouco úteis e socialmente pouco desejáveis.

Na prática, isso implicava determinada expectativa social quanto ao comportamento das empregadas. Se a empregada representava a imagem de uma santa, então a expectativa era de que ela não saísse à noite, não tivesse amigos homens, fosse assexuada, não fosse fértil, etc. Se pelo contrário, a empregada gostava muito de sair, tinha amizades, gostava de dançar e jogar, era extrovertida, etc., corria o risco de ser associada com a imagem de um demônio; gerando a expectativa de uma mulher sexualmente disponível, perversa e promíscua.

Os dois padrões ou estereótipos das empregadas: as do lado do bem (imagem maternal e assexuada, obediente e submissa), e as do lado do mal e da perdição (mulheres perigosas e tentadoras), eram reforçados segundo o uso do tempo que as empregadas fizessem nos seus dias de folga. Neste sentido, vamos escutar o depoimento de Lola, uma mulher trabalhadora que narra seu uso do tempo nos dias de folga, e revela na sua fala, aspectos culturais interessantes.

Como al año, 1970, llegó una hermana a trabajar en la casa de la amiga de Marina {la patrona} y salíamos con ella cada 15 días o cada mes... A un parque, al parque nacional. El único parque de Bogotá era el Parque Nacional! Recuerdo la rueda volante, el carrusel, unos aparatos de diversiones –yo no me subía porque me daba mareo-. Yo iba con mi hermana y con las amigas de mi hermana (todas empleadas de servicio). Había muchas gitanas en el parque, pero todos nos prevenían, porque decían que supuestamente robaban... A veces íbamos a cine, a ver lo que estuvieran dando! Y sobre todo nos gustaba ir a un teatro en Chapinero... Nunca más lo volví a ver! A toros nunca fui en la ciudad; en el campo iba por



acompañar a la familia –es que me parece como agresivo...-. Iba también a visitar a un hermano al Espinal, me gustaba viajar a otras ciudades, conversar... Cosas normales. Cuando eso, yo le escribía cartas a mis papás. No había como más! (Lola, min. 9)

Teatro México.

Cinema muito popular pela época.
Bogotá, 1958. Foto de Manuel H



Aqui chama a atenção aquilo a que Lola refere como gostar de fazer "*coisas normais*", dando como exemplo conversar, viajar e conhecer outras cidades e povoados, escrever cartas, etc. Eu interpreto essas palavras no sentido de que ela conhecia e era consequente com as expectativas sociais que despertava sua presença como empregada do serviço doméstico. Havia "*atividades normais*" às quais ela podia dedicar seu tempo livre, isto é, atividades socialmente aceitas, atividades legitimadas pelas suas famílias (no sentido de pertença, ou seja, tanto a família de origem, quanto a família dos patrões). Assim, o sentido da



"normalidade" das atividades que ela fazia dá-se por contraste com outras atividades, menos aceitas. Percebe-se esse mesmo contraste praticamente em todas as falas: o contraste entre as "más" e as "boas".

Íbamos con mi hermana a visitar a los familiares, nunca fui fiestera... Yo... Yo nunca llevé la vida de otras empleadas más extrovertidas, que salen y se van con los amigos, van a tomar cerveza, yo nunca llevé esa vida (Hermelina, min. 50)

Nos dias de folga as empregadas tinham maior liberdade para serem elas mesmas. Além do dia livre a cada quinze dias (o domingo, segundo rezam as tradições católicas), havia outras datas que eram dias de folga obrigatórios: respeitavam-se os feriados, a semana santa era "sacra" (nem as prostitutas trabalhavam e em troca, vestiam-se de preto e andavam descalças (MARTÍNEZ, 2002). Em geral os feriados correspondem a datas religiosas ou pátrias, assim era principalmente a religião que ditava o ritmo da folga das empregadas domésticas. Os aniversários das empregadas normalmente não eram celebrados; em troca, na sexta feira santa havia comidas especiais, com peixe e vinho, servidas em louças elegantes; nem na sexta nem na quinta feira santas as empregadas faziam faxina: dedicavam-se à cozinha, às sobremesas gostosas. Tão marcantes eram as datas religiosas.



Teatro Colombia. Centro de Bogotá, 1958. Hoje Teatro Jorge Eliécer Gaitán. O teatro sempre foi mais da elite. (Foto de Manuel H)



O uso do tempo nesses dias especiais contrastava entre aquelas que faziam somente "coisas normais" (sadias, em palavras de Maria Emelina) e aquelas que consideravam se divertir de maneiras mais polêmicas.

Nunca fui muy de fiesta!... Es que... Anteriormente era que no había esa libertad de diversión así como ahora, que ahora los chinos no quieren ni dejar terminar la semana cuando ya quieren irse a rumbear... La gente no era así espontánea, que decir que vamos a fiestas... Cuando trabajé en la Normal de joven, sí! Salíamos a fincas y haciendas cafeteras, hacíamos reuniones, bailes, íbamos a caminar... A veces iba al cine. Los paseos era una de las cosas que más hacíamos, con compañeras, salir a caminar juntas. Íbamos con las amigas a bañarnos en los ríos. Yo iba a la casa de mi amiga y mi amiga iba a mi casa... (Cristina, min. 58:19)

Yo paseaba mucho con amigos, pero muuuy sanamente! Caminábamos, nos reuníamos en casas de amigos. No me gustó ir a fiestas... Sólo si eran familiares: matrimonios, bautizos y así... Otra cosa que me gustaba era ir a Zipaquirá, ee.... También me acuerdo mucho del teatro que quedaba en la {calle} 72... Y una película que me encantó! Eso fue el año de la visita del papa a Colombia! Recuerdo que se llamaba El papa y el niño (María Emelina, min. 99).

Depoimentos que contrastam com os de empregadas mais sociáveis, que gostavam de festas, de amigos, que gostavam de aproveitar a noite durante esses dias livres do trabalho. Em geral, atividades socialmente consideradas pouco legítimas para estas mulheres.

Adoraba las corridas de toros, era la primera que estaba en la fila! Hacíamos grupos de unos... diez y hacíamos lo que llaman la vaca [recoger dinero entre todos para pagar]. Iba mucho a cine, con amigos, veíamos dos películas. Yo fui muy amiguera. Me encantó mucho jugar al tejo⁵⁰, yo era buena! En cambio los bolos⁵¹ sí me ganaron... Pedíamos nuestros petacos de cerveza y el que quería

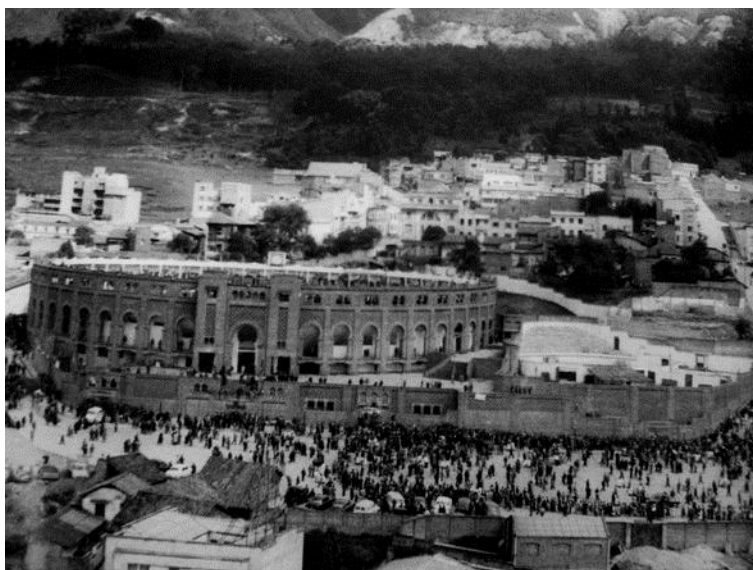
⁵⁰ Consiste em lançar um "tejo" ou bola metálica numa cancha de areia, apontando para o centro onde está uma enorme mecha de pólvora, que explode caso o jogador acerte.

⁵¹ Em português: boliche.



Bogotá 1950-1980

tomar, que tomara y el que no, pues no. Íbamos a cine a los Libertadores, al [teatro] México... todo lo que era [el barrio] Chapinero yo me la pasaba... Los parques también me encantaron mucho, pero muchísimo!! El parque Nacional era bonito, cuando llegaba la temporada de juegos mecánicos, rueda, caballitos, todo eso... Bailo!... de todo... qué es lo que no hago? E íbamos a discotecas... No! Eran bailaderos en esa época, no discotecas. Eeee... normalmente había unos que quedaban en la 26 abajito de la glorieta, habían unos muy buenos! Ahí era gente bien clasificada, bien. Sabroso. Se bailaban cumbias, merengues, salsas, bambucos, música clásica... eso era de todo. Tango también, pero ese no bailaba yo, ese sí me quedó grande. Y en las reuniones familiares también se bailaba mucho, eso era desde que comenzaba hasta las 6 de la mañana y plan de olla al día siguiente, con unas buenas papas y un pedazo de carne y a tomar pochola pa' desengañar!... O me gustaban mucho las verbenas en los barrios! En la {calle} 158, en {el barrio} Barrancas, hacían fiestas en Diciembre, el 24 y el 31 y eran para todo el mundo! Yo siempre iba, eso era de seis {de la tarde} a seis {de la mañana}. (Odilia, min. 105)



Plaza de Toros de Santa María cheia de espectadores de várias classes sociais, Bogotá, 1954. (Foto de Manuel H.)

Para datas especiais as empregadas tinham de pedir permissão, não podiam sair sem autorização dos senhores da casa.

Essas permissões dependiam

muito das circunstâncias particulares de cada casa, não estavam garantidas, mas eram comuns na época de Natal, quando normalmente davam-se férias (mais uma vez, os períodos religiosos marcavam a vida das pessoas). Muitas vezes a empregada podia viajar à terra dos seus pais para acompanhar as celebrações familiares, outras vezes os patrões viajavam levando as empregadas para ajudá-los, neste último caso a empregada, além de trabalhar,



considerava que estava também, passeando. Na noite de natal normalmente a celebração era com comidas gostosas e rezas.

{En año nuevo} A veces me iba para año nuevo, y cuando podía aprovechaba y me quedaba las dos fechas {el 24 y el 31} y llegaba por ahí el tres... A veces ellos se iban por allá para los llanos y a mí no me gustaba irme con ellos. Entonces ellos se iban para sus vacaciones, yo me iba para mi casa! ... Ya después cuando... Más grande y todo, entonces ya me iba a, a los Llanos con ellos. En mi pueblo cuando iba a visitar a mi mamá eso me recibían con un gusto!! (Lola, min. 49)

Se pelo começo do século XX os espaços de diversão eram familiares e foram se masculinizando com a entrada do homem no mercado de trabalho, na segunda metade do século começaram de novo a se feminizar, devagar e às vezes forçadamente (ARCHILA, 1990:166). A democratização tem sido paulatina entre sexos e classes. Ficam assim ocultas e misteriosas as práticas e significados do lúdico entre estas mulheres de origem popular e com pouca visibilidade pública, porém, grande presença privada⁵².

Nos primórdios do século e durante várias décadas, o circo e as touradas eram eventos de assistência massiva. A mesma coisa acontecia com as festas regionais, religiosas e os carnavais. Era, também, muito comum a prática de esportes como o popular “tejo” e o boxe, considerados pela elite como esportes para selvagens. O teatro não foi muito popular, ao contrário do cinema: os filmes mexicanos faziam sucesso entre o público trabalhador (ARCHILA, 1990:164). Os grêmios de trabalhadores organizavam, com muita

⁵² O ócio na Colômbia tem sido estudado com especial cuidado no caso dos trabalhadores industriais, remetendo à longa luta pelo reconhecimento dos direitos dos trabalhadores e às relações entre classes. Neste sentido, o estabelecimento da jornada de oito horas de trabalho para os trabalhadores na década dos 40 fixou um marco histórico chave para o estudo do ócio como fenômeno ligado ao processo de democratização. Sabe-se relativamente pouco no tocante ao lazer nas empregadas domésticas no período estudado.



freqüência, festivais rurais e com a migração instituíram o costume também nas cidades.

Todas as atividades referidas estavam acompanhadas de notável consumo alcoólico. Desde tempos coloniais há evidências do alto grau de consumo de bebidas fermentadas. Primeiro o consumo estava ligado ao lar e a mulher estava incluída; foi com o vagaroso processo de clivagem entre as esferas trabalho-família que o consumo de álcool foi se masculinizando. O local de ócio masculino por excelência foi a *chichería*⁵³, lugar hegemônico da sociabilidade masculina. As poucas mulheres que ali apareciam ligavam-se ao sexo, à sordidez e à vida dissoluta (LUENGO 2008:75-81). Explica-se assim, em grande parte, a repreensão social às mulheres que bebessem, particularmente às empregadas, protótipo de mulher submissa e obediente⁵⁴.

Na Colômbia, como em outras partes do mundo, a “masculinização” dos lugares de entretenimento não era senão reflexo da “masculinização” do mundo industrial (ARCHILA, 1990:146) 55.

O consumo de álcool por parte dos homens trabalhadores fez com que, desde tempos coloniais, existissem ritmos de trabalho acordes, mais pausados e vagarosos que permitissem espaço à diversão. Neste sentido, foram os defensores da disciplina de trabalho capitalista, as elites, os patrões, que impuseram a diferenciação entre espaços e ritmos de

⁵³ Na Colômbia a tradição deste local como centro de socialização masculina está ainda por ser estudada. (ARCHILA,1990)

⁵⁴ Criminalizou-se a bebida fermentada de maior tradição na região central do país, a *“chicha”*, interdita na década dos 40, e nada se disse de bebidas de elite como vodka, uísque, etc. Os reformadores e moralistas censuravam as chamadas *“chicherías”*, que eram lugares muito importantes dentro da cultura popular: eram lugares de socialização e consumo da bebida alcoólica de origem indígena mais popular até a primeira metade do século XX; com o passo do tempo viraram *tabernas*. Embora aplaudissem a aparição de novos cafés em zonas elegantes da cidade, os dois lugares eram para consumo de álcool. Como antes, na época da conquista e da colônia, quando se reprimia duramente o consumo por parte dos nativos, enquanto que o excesso por parte dos brancos passava despercebido. RAMOS, 2008.

⁵⁵ Texto original em espanhol, tradução minha.



trabalho e de descanso, antes inexistente.

No caso das empregadas domésticas, as evidências sugerem que o processo de reconhecimento dos direitos trabalhistas e, dentro deles, da folga e do tempo livre, proveio não tanto das mesmas empregadas, quanto da lei e dos patrões mesmos. Ainda que pareça paradoxal. A organização social das empregadas como sujeitos de direito foi muito marginal, e o reconhecimento dos seus direitos como trabalhadoras foi bem mais tardio do que aquele dos trabalhadores industriais, esses com níveis mais avançados de organização. A resposta do grupo social das empregadas foi politicamente bastante resignada.

A lentidão do processo de reconhecimento dos direitos trabalhistas das empregadas de serviço doméstico associa-se à concepção de trabalho e de trabalhador, dois conceitos distantes dos ofícios domésticos e das mulheres. Quem não fosse reconhecido como trabalhador também não merecia e não tinha direito legítimo à recompensa: ócio ou folga. No entanto, mais determinante do que a imagem social das empregadas é a sua própria auto-imagem, seus parâmetros e critérios de identificação social.

Um claro indicador dessa auto-imagem é a expressa impossibilidade da maioria para negociar as condições de trabalho. Pelo menos até a década dos oitenta, as empregadas simplesmente aceitavam ou recusavam as propostas, salvo algumas notáveis exceções que se atreviam a negociar. Essa dificuldade para negociar (e se auto-reconhecer como sujeito social e político) fazia com que achassem que seu modo de vida era um inexplicável destino.



Com a industrialização tardia do país a demanda por mulheres nas empresas aumentou, e também a aceitação social da mulher trabalhadora, embora continuasse especialmente problemática no caso da mulher casada, resistência que só a partir dos anos 60 começou a diminuir. A entrada vagarosa no mercado de trabalho por parte da mulher favoreceu também o seu acesso ao ócio e diversões nos espaços públicos, parques, ruas, *bailaderos*⁵⁶, cafés, bares. Com isto ela circulava mais amplamente entre os espaços públicos e os privados. Essa condição foi primeiro experimentada pelas mulheres das elites e pouco a pouco democratizada.

Estas exceções de mulheres urbanas, umas pela intensidade da vida social –precursoras da potenciação ativa do otium (entendido como non laborare) dentro da cosmopolita realidade feminina- e outras pela necessidade urgente de trabalhar fora de casa – clara mostra de nec otium –, marcaram as regras do conflito de gênero num espaço que, supostamente, havia se reservado para a atividade masculina... Não existia um otium feminino na privacidade doméstica, porque, simplesmente não se considerava que elas tivessem negotium algum. Ao querer ócio, ela desafiava a ordem estabelecida. (LUENGO, 2008:258)57

⁵⁶ Nome com que eram conhecidos os locais de dança da época, mais adiante tornaram-se *discotecas*.

⁵⁷ O texto original está em espanhol. Tradução minha.



La Rebeca ubicada en el parque Centenario (1947).

A Rebeca no parque Centenario, 1947.

Fonte: Galeria Museu Vintage. <http://www.museovintage.com/ayer-hoy/>

Assim, por exemplo, os depoimentos permitem perceber a importância dos parques na cultura popular feminina no período estudado. Graças a outras fontes como jornais, crônicas e historiadores sabe-se da tradição cultural do parque como cenário lúdico em Bogotá. Nas décadas dos trinta e quarenta, nos domingos e feriados em Bogotá já eram muito visitados parques públicos e igrejas, aonde as pessoas de classes populares acudiam cada vez mais, com roupas também cada vez mais informais. Muitas famílias levavam comida em marmitas para almoçar nos parques, sendo um dos pratos favoritos galinha crioula e para lanchar "chocolate santafereño"⁵⁸.

...é muito visitado o Parque da Independência⁵⁹, tem barraca,

⁵⁸ Chocolate quente com queijo, arepa, pão de queijo chamado "almojábana".

⁵⁹ É o parque mais antigo da cidade, construído em 1910 com motivo do centenário da Independência nacional, 20 de julho de 1810. Localizado no centro da cidade, é emblemático. Em 1957 mudou de aparência radical-



carrossel com cavalos, tigres e leões de madeira, fotógrafo, venda de doces. Também é muito concorrido o Parque Gaitán⁶⁰ por ser um lugar de diversões a baixo custo, com aspecto campestre. É o lugar favorito das criadas, dispõe de montanha russa e lagoa com barcos para remar. As pessoas levam bolsas com comida ou compram aos camelôs torresmos, patacones⁶¹, batata frita e balas. (LONDOÑO e VÉLEZ, 1989:330) 62



Tróleibus em Bogotá, 1962. Museo Vintage. História do transporte em Bogotá
Fonte: Galeria Museu Vintage
<http://www.museovintage.com/transporte/1962.htm>

Aos parques contrapunham-se diversões como os boliches anos cinquenta e sessenta, que estavam na moda mas eram de acesso elitista. Foram abertos lugares de entretenimento para as elites, como o famoso *Tout va Bien*, ao norte da cidade, na 72 com 7^a. Nesse contexto urbano onde circulavam os ônibus elétricos (trolleys) e a aparência das pessoas pelas ruas procurava imitar as tendências da elegância, os homens começam a abandonar os chapéus pretos que inevitavelmente usaram durante toda a primeira metade do século. Naturalmente, havia lugares especializados para a diversão das camadas populares.

mente pela construção de uma grande rua (Calle 26) que conecta o centro com o aeroporto. Sofreu um período de decadência até a década dos 90, quando foi novamente recuperado.

⁶⁰ Durante a gestão do prefeito de Bogotá Jorge Eliécer Gaitán, em 1936 foi criada uma lagoa artificial, que depois receberia seu nome. Ficava ao norte da cidade, no setor hoje conhecido como o bairro *El Lago*, entre as ruas 72 e 77. Até a década dos anos 60 havia sempre famílias passeando, jovens remando, e casais caminhando. Com o passar do tempo tornou-se um bairro residencial muito elegante e a lagoa, como o parque, sumiu completamente.

⁶¹ Fatias de banana da terra verde, prensadas e fritas. Uma comida típica na Colômbia.

⁶² Original em espanhol, a tradução é minha.



Tróleibus em Bogotá, 1962.
História do transporte em Bogotá
Fonte: Galeria Museu Vintage
<http://www.museovintage.com/transporte/1962.htm>

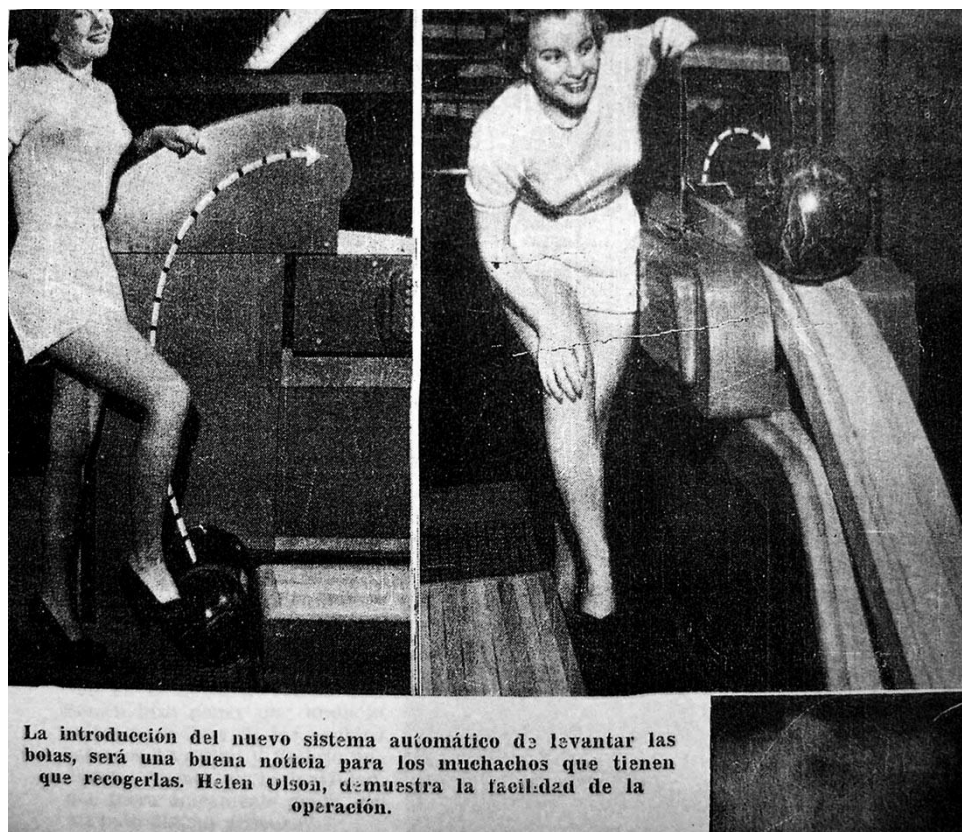


Os bilhares ou sinucas da época eram lugares muito mal reputados, onde misturavam-se álcool, jogo e prostituição. Também chamados cafés ou cantinas, pululavam pelos bairros populares e nas zonas comerciais. Havia também os já referidos bailaderos para dançar; lugares com melhor reputação do que as cantinas, sem serem totalmente aceitos pela sociedade das camadas média e altas. Todos estes de acesso popular.

Os espaços públicos começaram a ser objeto e sujeito da lúdica dos cidadãos. Neste sentido tornou-se prática típica em Bogotá "*vitripiar*": caminhar pelas calçadas das ruas olhando o panorama urbano (veículos, paisagem, pedestres, cafés e particularmente as vitrinas das lojas) para eventualmente, comprar ou comer alguma coisa. Quando esse passeio era feito particularmente num bairro ao norte da cidade, muito elegante e com comércio nascente, chamado Chapinero, então, a caminhada era chamada de "*Chapineriar*". Também era tradicional o passeio andando nas calçadas da Carrera Sétima (paralela aos cerros orientais que circundam grande parte da cidade), chamado "*septimiar*" ou "*darse un septimazo*".



Mostra da introdução do sistema elétrico dos boliches na Colômbia.
Revista *Cromos* Abril 22, 1950



No meio da tarde, pelas cinco ou seis horas, costumava-se servir um lanche ou, pelo seu nome original em espanhol: "onces". Desde começos do século havia influências estrangeiras, como o costume de tomar o chá com amigas (five o'clock tea), ou o mais tradicional *chocolate santafereño*, mais recentemente também começava o consumo dos cocktails (cocktail party).

Enquanto tomavam o chá, frequentemente acompanhado de biscoitos, falavam de maneira informal dos acontecimentos da sua vida diária, assim como das fofocas de alguma pessoa próxima que costumava tomar o chá com elas, mas que nesse momento não estivesse presente



(LUEGNGO, 2008:159)63

Estes tipos de práticas eram muito femininos, precisamente porque preenchiam as expectativas do como deviam ser as mulheres, pensava-se que eram atividades inofensivas que aconteciam durante o dia, sob o sol do clima frio da cidade, ou sob a vista e a autoridade de pessoas mais velhas. Graças à diminuição do tempo das tarefas domésticas pela chegada dos eletrodomésticos, tanto donas de casa, quanto empregadas, dispunham de mais tempo para essas práticas de lazer.

Aparece, nos depoimentos, um espaço de fruição das empregadas muito interessante e pouco conhecido. Tratava-se de festas feitas especificamente para elas. Eram organizadas em alguns bairros residenciais (para que fosse perto dos locais de trabalho) nos domingos de tarde, começavam pelas três horas da tarde e terminavam no começo da noite, às sete ou oito horas. Nessas festas encontravam-se as empregadas de distintos bairros, podiam ir sozinhas, com o seu namorado ou amigos e: dançavam, conversavam, bebiam.

Só encontrei evidência escrita destas festas num texto espanhol intitulado: *Gozos y ocios de la mujer moderna, Transgresiones estéticas en la vida urbana del primer tercio del siglo XX*, escrito por Jordi Luengo López da Universidad de Málaga.

Los domingos se hacían “bailes de sirvientas” que comenzaba después de lavar los platos del almuerzo. (LUENGO, 2008:122)

Esta asseveração faz possível hipotetizar sobre a mútua influência entre a cultura ibérica e a nossa sociedade, tanto como sobre as heranças coloniais da criadagem local.

⁶³ Original em espanhol, a tradução é minha.



Seja como for, as fontes documentais não informam a respeito dessas festas que, no entanto, se mantêm vivas na memória das empregadas entrevistadas que conheciam essas dinâmicas sociais. A única maneira de saber sobre as festas, horas, locais, era o boca a boca das empregadas no interior dos bairros.

Nas festas a dança era protagonista. Dançar era uma maneira muito comum e popular de se relacionar socialmente e exorcizar mágoas e penas, dançar tornava estas mulheres mais abertas para permitirem o contato com homens e com iguais. A estas festas podiam ir sozinhas, porque lá encontrariam as outras empregadas, conheceriam amigos, etc.

Quando as mulheres tomaram o espaço de distensão e informalidade, e começaram a transgredir a ordem social, fizeram-no não como as feministas tinham ideado: com reivindicações políticas, do direito a votar, ao trabalho, etc. Simplesmente fizeram-no outorgando-se elas mesmas a liberdade de desfrutar dos prazeres permitidos aos homens; com isto quebraram o princípio de sacrifício, básico da “feminidade refinada”. (LUENGO, 2008:255)

Foi um processo vagaroso e progressivo para as empregadas do serviço doméstico o seu próprio reconhecimento como sujeitos. O uso do tempo no seu dia a dia reflete esse processo que estava ligado à tensão risco-oportunidade. Talvez, para a maioria das empregadas da época, o medo pelo risco de colocar-se numa situação de vulnerabilidade, e o receio pela perda de segurança, faziam com que as "boas criadas" evitassem socializar com outras trabalhadoras, divertir-se em espaços públicos, namorar, ter amizades. Dedicavam assim seu tempo livre a atividades legítimas e bem vistas, porquanto o aceite social parecia garantir-lhes tranquilidade e segurança.



Ao mesmo tempo, para outras empregadas, talvez uma minoria, essas atividades pouco legítimas eram sentidas como oportunidades de mudança, esperança e alegrias, como opções de quebra da rotina, como maneiras de conhecer pessoas fora do círculo do trabalho e da família. Transformava-se em rebeldia contra a ordem social que pretendia defendê-las do exterior e mantê-las constantemente ao serviço dos outros.

COMENTÁRIOS FINAIS

Vou expor aqui brevemente as principais hipóteses propostas ao longo da dissertação.

Além da utilidade pelas inúmeras tarefas domésticas, a criadagem, tradicionalmente composta por várias camadas de trabalhadores segundo suas funções, constituía um símbolo de status familiar. Como hipótese, saliento que também era uma figura com fortes conotações sexuais.

O valor do trabalho das criadas era relativo a cada situação, longe de ser formal ou mediado pelo Estado, o preço era determinado por situações privadas. O valor podia ser equivalente a uma emoção, a um sentimento, como o pertencimento a uma família o à seguridade de um teto, comida e dormida.

As empregadas ficavam flutuando cultural e cotidianamente num entre-lugar: entre sua condição socioeconômica de origem e a condição média ou alta que obtinha mediante o processo de treino. Costumavam-se a viver de modo elegante e exigente demais



para o seu meio de origem, refinavam suas maneiras, causando então desarraigamento da classe de proveniência, e um processo de afeição à classe dos patrões.

Neste sentido a condição de diarista ou faxineira era uma âncora à realidade, enquanto que a condição de trabalhar e dormir na casa de trabalho criava muitas ilusões em vão. Essas tensões refletiam-se nas mudanças estéticas das empregadas.

Grande parte das empregadas eram de origem rural e essa lógica de vida camponesa era herdada e deslocada para a cidade com as migrações. Para elas e os migrantes em geral, o trabalho fazia parte do ritmo natural da vida. O uso do tempo das empregadas domésticas está sob a influência do ritmo duma concepção natural do tempo: regido pelo sol e a lua, pela escuridão e a claridade, pelo canto dos pássaros e galos pela manhã e pela hora da tarde em que eles dormem.

Essa marca reflete-se na sua assombrosa capacidade de trabalho e costumadas a trabalhar sem dinheiro em troca, aceitavam facilmente as ofertas. Isso todo ao mesmo tempo afetava a divisão social do trabalho (e a perpetuação das funções domésticas como funções femininas) e implicava uma falta de infância, no sentido urbano.

A situação educativa era muito pobre. Alta taxa de analfabetismo e educação em mãos das comunidades religiosas, no meio desse contexto modernizador e de violência política (e deslocamento pelo conflito). O serviço e o sacrifício são elementos centrais da ética cristã, eles dão sentido à vida e reforçam o valor de certas atividades e, portanto, influencia profundamente o uso do tempo. A influência religiosa no ethos destas mulheres evidencia-se



no uso do tempo guiado pela rejeição à preguiça e à comodidade, mesmo na grande disposição do serviço ao outro (embora muitas vezes implicasse contradição com outros princípios cristãos como o respeito e o bom trato a ela mesma).

Dentro dos aprendizados que muitas delas tiveram nas casas de família, particularmente aquelas que migraram sozinhas, estava o fato da cidade ser perigosa, e então, representar uma constante ameaça. Esse aprendizado reforçava a concepção da mulher como sujeito do âmbito privado por que permaneciam travadas no quarto.

O uso do tempo delas estava muito influenciado pelo papel ativo do medo, como sensação transmitida pelos donos de casa para as empregadas que ficavam assim, ainda mais dependentes da proteção e apoio dos senhores da casa, que podiam chegar a aparecer como os únicos seres confiáveis. Isso reforçava a subalternidade das criadas.

O ritmo de vida que elas levavam e os seus princípios: hegemonia do ritmo natural no tempo, o medo, a ética do serviço, a importância do trabalho e sacrifício; normalmente gerava dois tipos de resposta: a de aquelas que atendiam esses chamados todos e a daquelas outras que, por uma ou outra razão, terminavam indo do lado oposto e pareciam revelar-se. Havia umas "transgressoras" e outras "boas criadas".

Das dez entrevistadas para esta pesquisa, quatro têm filhos e todos eles terminaram a escola; duas delas inclusive têm filhos com formação universitária. Desenvolvo a hipótese de que a educação era quiçá o único elemento de ascensão social que as empregadas conseguiam atingir. Como a educação era muito apreciada por elas, quando



tinham filhos (aquelas que tinham) quase sempre lhes garantiam estudos formais, para assim eles tiver maior valor social do que elas (e não tivessem de se dedicar ao mesmo ofício). Então a única possibilidade real delas ascenderem materializava-se na segunda geração.

Outra hipótese que desenvolvo muito no sentido da História Cultural, tem a ver com a representação social das empregadas domésticas na população. No imaginário da população em geral, as empregadas representavam figuras associadas ao bem e ao mal, fazendo com que se apresentassem como demônios (mulheres prostitutas ou vagabundas) ou como santas (mulheres maternais e colaboradoras). Isso muito associado ao seu papel sexual.

Eu mostro que a criadagem tinha várias características históricas que davam valor social às criadas: além de ser quem limpava e arranjava a casa, era símbolo de status familiar, e também constituía uma figura com fortes conotações sexuais. Em uns casos a sexualidade da empregada era negada para proteger o bom nome e a decência da família: então a empregada era “respeitada” (quer dizer, não forçada ou molestada), porém, era objeto de controle quase total sobre amizades, saídas, horários, ligações, higiene, etc., pois a expectativa era que atuasse como santa. Em outros casos o caráter sexual dela era defrontado pelas famílias tomando proveito dela e então, colocando-a silenciosamente ao serviço dos membros que assim quisessem, pois a expectativa era que atuasse lasciva e malvada. Dava-se como certo que ela iria satisfazer sexualmente aos senhores e rapazes da casa, fosse a través de: sedução, engano ou força.

Os estudos sobre a história da prostituição na Colômbia são fontes fundamentais para mostrar que tanto o emprego doméstico como a prostituição eram os destinos mais frequentes para as migrantes. Sendo comum também que muitas empregadas



terminassem trabalhando de prostitutas. Um dos fenômenos que mais negativamente afetou as empregadas foi a falta de informação sobre a sexualidade.

Defrontadas com tais situações de intimidade no interior de famílias alheias, estas mulheres eram vistas pela sociedade como perigosas, más, imorais. Imagem que certamente contrasta com aquela das boas criadas: aquela das empregadas dispostas a sobretrabalhar, a servir, a cobrar pouco em troca, a permitir que as civilizassem e que então, eram vistas quase como santas, praticamente privadas de sexualidade, sempre à disposição, chegando a se tornar segundas mães das famílias às quais serviam.

O caráter fortemente sexual da criadagem era evidente também num outro caso menos analisado. Trata-se de aquelas empregadas que, como estratégia de ascensão social, recorriam à sedução dos senhores da casa, como meio para obter status dentro do seu popular círculo social de origem delas, e possivelmente também para satisfazer seus desejos afetivos.

Os avanços tecnológicos (eletrodomésticos) da década dos cinquenta permitiam maiores possibilidades de socialização e folga para as empregadas e donas de casa, no sentido de elas dedicarem menos tempo à realização de tarefas domésticas, ou então realizar as tarefas mais facilmente ou mais entretidas (no caso da televisão ou da rádio). O interessante é perceber até que ponto os costumes estavam tão corporizados e enraizados que as mudanças culturais levaram bastante mais tempo para aparecer do que as novas tecnologias. Assim, as evidências permitem deduzir que esse tempo libertado na cotidianidade das mulheres não foi inicialmente usado ou aproveitado para a fruição e o lazer.



Devido à falta de horário nas jornadas destas mulheres, que dormiam no trabalho e que deviam estar à disposição a todo momento, o desenvolvimento de sua vida pessoal entrava em conflito com as possibilidades do serviço doméstico. O trabalho, fonte de sobrevivência econômica, era também muitas vezes, o empecilho das aspirações pessoais. Mostra disso é o reduzido número de empregadas que se casava e tinha filhos, em um momento histórico em que casar-se e tornar-se mãe era essencial para a completude simbólica do ser mulher.

O bairro era um dos cenários mais importantes para a vida social das empregadas: lá elas eram vistas pelos outros, conheciam outras empregadas, guardas (particularmente nos primeiros bairros residenciais de prédios de apartamentos construídos em Bogotá, muito elegantes, onde moravam classes médias em ascensão), policiais e soldados. É interessante perceber essa estreita ligação entre policiais e soldados com empregadas domésticas que geralmente resultava em relacionamentos fugazes e de curto prazo.

A pesar de tudo, algumas empregadas conseguiam estabilidade com o casal a longo prazo, geralmente se casavam numa cerimônia simples, e depois tinham filhos. De maneira mais ou menos surpreendente, algumas das empregadas de serviço doméstico, casadas ou não, planejavam o nascimento dos filhos. Casavam-se e tinham filhos normalmente mais velhas do que a média das mulheres não criadas. O fenômeno do planejamento (dos filhos e do casamento) aparece fortemente associado às dinâmicas do trabalho da criadagem e, particularmente, das empregadas domésticas: para conseguir manter o trabalho elas precisavam adiar seus projetos pessoais. O uso do tempo, a forma como elas podiam dispor das etapas da sua vida estava transversalmente determinado pelo seu papel como empregada.



A socialização e as relações afetivas eram o principal meio de fruição na vida destas mulheres. Talvez porque era uma maneira de serem incluídas num grupo social e incluir outras pessoas dentro das suas próprias vidas. Era também um elemento gerador de identidade, porque esses relacionamentos (esses sim) lhes pertenciam e dependiam somente delas.

As pesquisas já realizadas mostram um fato indiscutível: a grande maioria das empregadas assistia televisão aparentemente como a principal atividade diária de descanso. Nos depoimentos aparece com frequência também o rádio, fofocar e conversar. Costurar parece ter sido uma das atividades mais desejáveis para muitas empregadas, tal vez porque permitia pensar na possibilidade futura de trabalhar de modo independente.

A forma como as empregadas dispunham da sua folga, alimentava o círculo das percepções sociais, pois determinava se seria considerada uma transgressora ou uma boa criada. As transgressoras iam para festas, bailaderos, tejo, tinham amigos; as boas criadas faziam coisas "normais": assistir ao cinema, passeiar nas ruas, nos parques, visitar parentes.

Aparece nos depoimentos, um espaço de fruição das empregadas muito interessante e pouco conhecido. Tratava-se de festas feitas especificamente para elas. Eram organizadas em alguns bairros residenciais (para que fosse perto dos locais de trabalho) nos domingos de tarde, começavam tipo três horas da tarde e terminavam no começo da noite, às sete ou oito horas.

Ao mesmo tempo para outras empregadas, talvez uma minoria, essas atividades pouco legítimas eram sentidas como oportunidades de mudança, esperança e



alegrias, como opções de quebra da rotina, como maneiras de conhecer pessoas fora do círculo do trabalho e da família. Transformava-se em rebeldia contra a ordem social que pretendia defendê-las do exterior e mantê-las constantemente ao serviço dos outros.



FONTES OU CORPUS DOCUMENTAL

Orais:

- Entrevistas a mulheres que trabalharam no serviço doméstico durante o período estudado.
- Grupo focal organizado com o Centro San José de promoción, ayuda y orientación para empleadas del hogar.

Visuais:

- Fotografias: arquivos pessoais das próprias entrevistadas e arquivo do Centro San José de promoción, ayuda y orientación para empleadas del hogar.
- *Manuel H: Setenta años de reportería gráfica en Bogotá.* Bogotá: Ed. Instituto Distrital de Patrimonio Cultural, IDPC, 2007.
- Revista *Cromos*, Periódico *El Tiempo*, Galeria Museu Vintage. (<http://www.museovintage.com/ayer-hoy/>).

Escritos:

- Arquivos: artigos em jornais (*El Tiempo*, *El Espectador*) e revistas (*Cromos*), crônicas e outros documentos que permitam a construção do contexto social e urbano destas mulheres (Revista *La Casa y Nuestra Vida*)

BIBLIOGRAFIA

AMARAL COSTA, Ana Paula. **Criadas e amas de leite: regulamentação do serviço de criadagem na cidade do Rio Grande (1887-1894).** Aedos n. 4, vol. 2. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Pode ser consultado em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/viewFile/10628/6894>

ANDERFÜHREN, Marie. **Mobilité professionnelle des domestiques au Brésil (Nordeste) : une logique complexe.** Em : Blandine Destremeau & Bruno Lautier (dir.), **Femmes en domesticité, les domestiques du Sud, au Nord et au Sud.** Revue **Tiers Monde**, t. XLIII, n. 170, 2002, p. 265-285.

ARAÚJO, José Newton Garcia & CARRETEIRO, Teresa Cristina (org.). **Cenários Sociais e abordagem clínica.** Belo Horizonte: Escuta, 2001.

ARCHILA, Mauricio. **El uso del tiempo libre de los obreros 1910-1945.** Em: **Anuario Colombiano de Historia social y de la cultura.** Bogotá: Universidad Nacional, 1990 vol 18-19 p. 145- 84. Disponível em: <http://www.lablaa.org/blaavirtual/revistas/revanuario/ancoh1819/articulos/art6/art6a.pdf>

ARENAS, D. Francisco. **Los Trípodes de Hefesto.** Em: **Actas del V Simposio de la Red Renta Básica** “La renta básica de ciudadanía, fundamento para la libertad efectiva”. Facultad de Economía de la Universidad de Valencia. Consultado em: http://www.nodo50.org/redrentabasica/descargas/arenasdolz_valencia.pdf

BARRETO, Juanita. **Trabajo doméstico infantil y juvenil en hogares ajenos: De la formulación de los derechos a su aplicación. Cuatro estudios locales en Colombia.** UNICEF & Save the Children U.K. Bogotá, 2001. Disponível em: <http://www.unicef.org/colombia/pdf/trabajodomestico.pdf>



BAUDELAIRE, Charles. **O poema do haxixe**. São Paulo, Editora Aquariana, 2003. [Se você não o tiver citado, é mais prudente excluir da bibliografia; você terá outras oportunidades para citá-lo com mais segurança]

BOSI, Ecléa. **Memória y Sociedad: Lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.

BOUILLOUD, Jean-Philippe. **Présentation, Le défi autobiographique**. Em: **Histoires de vie et choix théoriques en sciences sociales. Itinéraires de Sociologues (suite...)**. Paris: L'Harmattan, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **La distinción: criterios y bases sociales del gusto**. Madrid: Taurus, 1979.

CASAS, Alegría. **Niñas, dicen que estamos en casa. Memoria del habitar de las mujeres, 1958**. Tesis de Maestría, História. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá: 2004.

CÁCERES, Patricia. **Documento de Trabajo 170. Legislación comparada sobre Trabajo Adolescente Doméstico. El caso de Brasil, Paraguay, Colombia y Perú**. 2003. Pode ser consultado em: [//www.oit.org.pe/WDMS/bib/publ/doctrab/dt_170.pdf](http://www.oit.org.pe/WDMS/bib/publ/doctrab/dt_170.pdf)

CASTORIADIS, Cornelius. **O Estado do sujeito hoje**. Em: **Encruzilhadas do labirinto: O Mundo Fragmentado, as encruzilhadas do Labirinto III** vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COSTA, Cléria Botelho. **Memórias Compartilhadas: os contadores de história**. Em: COSTA, Cléria & MAGALHÃES, Nancy (orgs.). **Contar História, fazer história - História, cultura e memória**. Brasília: Paralelo 15, 2001.

CUENCA, Alberto. **Las empleadas "invisibles"**. *El Universal. México, 30/03/2010*. Disponível em: <http://lastresyuncuarto.wordpress.com/2010/03/30/las-empleadas-%E2%80%9Cinvisibles%E2%80%9D/>

CHANEY, Elsa & GARCIA CASTRO, Mary (orgs). **Muchacha, Cachifa, Criada, Empleada, Empregadinha, Sirvienta y...Más Nada. Trabajadoras del Hogar en América Latina y El Caribe**. Caracas: Nueva Sociedad, 1993.

DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento sem trabalho**. São Paulo: ~~Ed~~ Esfera, 1999.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUMAZEDIER Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel, 1994.

EAGLETON, Terry. **Versões de Cultura**. Em: **A idéia de Cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____ & DUNNING, Eric. **Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización**. Madrid: Fondo de Cultura Económica. 1992.

ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ESCOBAR, Larrazábal. **El desarrollo de Bogotá**. *El Gráfico*, 26/07/1930, p. 635-639

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: UNESP, 2003.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Em: **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1969.

_____ **O Estranho**. Em: **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: IMAGO, 1976.



GADAMER, Hans-Georg. **Os traços fundamentais de uma teoria da experiência hermenêutica.** Em: **Verdade e Método, traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.** Petrópolis: Vozes, 1997.

GARCÍA, Carlos. **La prostitución en la segunda mitad del siglo XX, Dinámica de la mo(ral)dernización.** Em: MARTINEZ, Aída & RODRÍGUEZ, Pablo (comp.) **Placer, dinero y pecado. Historia de la prostitución en Colombia.** Bogotá: Aguilar, 2002.

GARCÍA CASTRO, Mary. **Qué se vende y qué se compra en el servicio doméstico? El caso de Bogotá: una revisión crítica.** Em: CHANEY, Elsa & GARCIA CASTRO, Mary (orgs). **Muchacha, Cachifa, Criada, Empleada, Empregadinha, Sirvienta y...Más Nada. Trabajadoras del Hogar en América Latina y El Caribe.** Caracas: Nueva Sociedad, 1993.

GAULEJAC, Vincent de. **As Origens da Vergonha.** São Paulo: Via Lettera, 2003.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Sinais, raízes de um paradigma indiciário.** Em: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **El lado oscuro de la historia.** Entrevista. Em: **Sin permiso - Kaos. Historia,** 17/03/2006. Pode ser consultado no site: http://www.kaosenlared.net/noticia.php?id_noticia=16557

GIRARD, Christiane. **Cidadania e Cultura o universo das empregadas domésticas em Brasília - 1970/1990.** Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de Brasília, 1993.

GUHA, Ranahit. **Las voces de la historia y otros estudios subalternos.** Barcelona: Crítica, 2002.

GUTIERREZ DE PINEDA, Virginia. **Alcohol y cultura en una clase obrera: Bogotá.** Em: Academia Colombiana de Historia. **Homenaje al profesor Rivet.** Bogotá: ABC, 1975, p. 117-168.

_____. **Estructura, Función y Cambio de la Familia en Colombia.** Medellín: Ed. Universidad de Antioquia, 1999.

HARTOG, François. **Regime de Historicidade. Time, History and writing: the order of time.** Palestra Estocolmo, 1996. Disponível em: www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html

HELG, Aline. **La Educación en Colombia, 1958-1980.** Em: Colección Nueva Historia de Colombia vol IV **Educación, Ciencias, Mujer y Vida Diaria.** Bogotá: Planeta, 1989, p. 135-158.

HOYOS, Hernán. **Aventuras de una sirvienta, novela colombiana.** Cali: 1973.

KOSELLECK, Reinhart. **Espaço de experiência e horizonte de expectativa.** Em: **Futuro e Passado, Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: PUC, 2006.

KUZNESOF, Elizabeth. **Historia del Servicio Doméstico en la América Hispana, 1492-1980.** Em: CHANEY, Elsa & GARCIA CASTRO, Mary (orgs). **Muchacha, Cachifa, Criada, Empleada, Empregadinha, Sirvienta y...Más Nada. Trabajadoras del Hogar en América Latina y El Caribe.** Caracas: Nueva Sociedad, 1993.

LAFARGUE Paul. **El derecho a la pereza.** Marxist Internet Archive, 2008. Disponível em: <http://www.marxists.org/espanol/lafargue/1880s/1883.htm#topp>

LAUTIER, Bruno. **Las empleadas domésticas latinoamericanas y la sociología del trabajo: algunas observaciones acerca del caso brasileño.** Em **Revista Mexicana de Sociología.** año 65, n. 4, 2003. México, p. 789-814. Disponível em: <http://www.ejournal.unam.mx/rms/2003-4/RMS03403.pdf>

LE VEN, Michel Marie. **“Trabalhadores do Brasil”: história e memória.** Em: ARAÚJO, José Newton García & CARRETEIRO, Teresa Cristina (org.). **Cenários Sociais e abordagem clínica.** Belo Horizonte: Escuta, 2001.



LEÓN, Magdalena. **Trabajo Doméstico y Servicio Doméstico en Colombia**. Em: CHANEY, Elsa e GARCIA CASTRO, Mary (orgs). **Muchacha, Cachifa, Criada, Empleada, Empregadinha, Sirvienta y...Más Nada. Trabajadoras del Hogar en América Latina y El Caribe**. Caracas: Nueva Sociedad, 1993.

_____ **El servicio doméstico: Trabajo de la mayoría de las mujeres en América Latina**. Em: **Revista CIID Informa**, vol. 13, n. 2, 1984. Pode ser consultado em: <http://idl-bnc.idrc.ca/dspace/bitstream/10625/32751/1/115033.pdf>

_____ & LUNA, Lola (comp.). **Estrategias para entender y transformar las relaciones entre el trabajo doméstico y el servicio doméstico**. Barcelona: Poblagrafic, 1991. Pode ser consultado em: <http://www.ub.edu/SIMS/pdf/GeneroClaseRaza/GeneroClaseRaza-02.pdf>

LONDOÑO, P. & LONDOÑO, S. **Vida Diaria En Las Ciudades Colombianas**. Em: **Colección Nueva Historia de Colombia**, v. IV. Bogotá: Planeta, 1989, p. 313-397.

LÓPEZ, Jordi Luengo. **Gozos y Ocios de la Mujer Moderna. Transgresiones estéticas en la vida urbana del primer tercio del siglo XX**. Málaga: ATENEA, Estudios sobre la mujer, Universidad de Málaga, 2008.

Manuel H: Setenta años de reportería gráfica em Bogotá. Bogotá: Instituto Distrital de Patrimonio Cultural, 2007

MARTIN, Paul. **Sexo, Drogas y Chocolate. La ciencia del placer**. Barcelona: Ediciones B, 2009.

MARTÍNEZ, Aída. **De la moral pública a la vida privada, 1820-1920**. Em: MARTINEZ, Aída & RODRÍGUEZ, Pablo (comp.) **Placer, dinero y pecado. Historia de la prostitución en Colombia**. Bogotá: Aguilar, 2002.

MARROU, Henri. **Do conhecimento histórico**. Lisboa: Pedagógica Universitária, 1974.

MEDINA, Medófilo. **Algunos Factores de Violencia en el Sistema Político Colombiano 1930-1986**. Em: **Anuario Colombiano de Historia Social y de La Cultura** v. 13-14, 1985-1986, p. 281-291. <http://www.lablaa.org/blaavirtual/revistas/revanuario/ancolh13-14/articulos/art10/art10c.pdf>

NIÑO, Carlos & MENDOZA, Sandra. **La carrera de la modernidad. Construcción de la carrera décima. Bogotá 1945-1960**. Bogotá: Instituto Distrital de Patrimonio Cultural, 2010.

PARKER Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Em: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard; BOTTMANN, Denise (orgs.). **Historia da Vida Privada** n. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAMOS, Oscar Gerardo. **Avatares de la Chicha** Em : BEJARANO, Jorge. **La derrota de un vicio. Origen e historia de la chicha**. Bogotá: Iqueima, 2008. Pode ser consultado em: <http://www.poligramas.univalle.edu.co/27/AVATARES%20DE%20LA%20CHICHA.pdf>

REYES, Catalina. **La condición femenina y la prostitución en Medellín durante la primera mitad del siglo XX**. Em: MARTINEZ, Aída & RODRÍGUEZ, Pablo (comp.) **Placer, dinero y pecado. Historia de la prostitución en Colombia**. Bogotá: Aguilar, 2002



RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

RODRÍGUEZ, Pablo. **En busca de lo cotidiano. Honor, sexo, fiesta y sociedad s. XVII-XIX**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2002

_____. **La familia en Colombia**. Em: RODRÍGUEZ, Pablo. **La familia en Iberoamérica 1550-1980**. Bogotá: Norma, 2004, p 247- 288.

_____. **Las mancebías españolas**. Em: MARTINEZ, Aída & RODRÍGUEZ, Pablo (comp.) **Placer, dinero y pecado. Historia de la prostitución en Colombia**. Bogotá: Aguilar, 2002

ROJEK, Chris. **Labour of Leisure: The Culture of Free Time**. London: SAGE, 2010. Cap. 5
<http://site.ebrary.com/lib/librarytitles/docDetail.action?docID=10348615&ppg=119&p00=elderly>

RUSSELL, Bertrand. **O Elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante GMT, 2002.

SHILLING, Voltaire. **Diana e o fim da privacidade**. Em: **Artigos de História** por Voltaire Schilling. 2009.
<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/diana.htm>

SILVA, Renán. **A la sombra de Clío. Diez ensayos sobre historia e historiografía**. Medellín: La Carreta Histórica, 2007.

SOSA, Teresa. **30 de Marzo: Día Internacional de las trabajadoras del servicio doméstico**. Em: Revista Electrónica Palabra de Mujer. Caracas, 2010. <http://palabrademujer.wordpress.com/2010/03/28/30-de-marzo-dia-internacional-de-las-trabajadoras-del-servicio-domestico/>

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

URREGO, Miguel Ángel. **La prostitución en Bogotá, Una realidad eclipsada por la moral**. Em: MARTINEZ, Aída & RODRÍGUEZ, Pablo (comp.) **Placer, dinero y pecado. Historia de la prostitución en Colombia**. Bogotá: Aguilar, 2002.

VELASQUEZ, Magdala. **Condición Jurídica y Social de la Mujer**. Em: TIRADO, M. Álvaro; MELO, Jorge Orlando; BEJARANO, Jesús Antonio (orgs). **Educación, ciencias, mujer y vida diaria**. Colección Nueva Historia de Colombia, v. IV. Bogotá: Planeta, 1989, p. 9-60.

VIDAL, Laurent. **Alain Corbin. O Prazer do Historiador**. Em: **Revista Brasileira de História** vol 25. São Paulo: 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1996, 11ª ed.

WEBER, Nadia. **Nas “entrelinhas” da história: sensibilidade e exclusão em narrativas da loucura**. Revista **História Unisinos**, 10(1):80-89, 2006.



ANEXOS

ROTEIRO ENTREVISTA

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA EX-EMPREGADAS

1. Conte-me um pouco da sua vida: nome, de onde é, idade, estudos?
2. Como é a sua família, filhos, pais? O que faziam seus pais?
3. Porque e quando chegou a Bogotá?
4. Porque decidiu trabalhar em casas de família? Quantos anos você tinha?
5. Alguém da sua família já tinha trabalhado nisso? Qual a experiência deles mais velhos?
6. Tinha contrato? Trabalhava por dias? (caso afirmativo, onde vc morava)
7. Com quantas famílias vc trabalhou? Alguma vez vc foi despedida?
8. Como você era chamada pela família do patrono? Como eles referiam-se a você?
9. Como eram as famílias do patrono? A sua relação com os membros? REGRAS da casa?
10. Tinha companheiras e companheiros de trabalho? Como se dividiam o trabalho com eles?
11. Como eram as vidas das companheiras? Davam-se bem? Ainda fala com elas?
12. Como eram seus dias quando trabalhava em casas de família? Gostava dessa vida?
13. Como você fazia amizades? Namorava? Tinha privacidade?
14. Como você se divertia? Quais as coisas que gostava de fazer? Como dividia o tempo livre de trabalho?
15. Tinha descansos? Tirava férias? O que você fazia quando não estava trabalhando?
16. Maquiava-se? Quais Roupas você usava? Fumava? Tomava? Dançava? fofocava?
17. Lia jornais? Revistas? Assistia filmes no cinema? Teatro?
18. Quais lugares você frequentava? Ruas? Bares? Casas de vizinhos? Com quem?
19. Fazia alguma coisa especial à noite? Como celebrava aniversários? Natal? Ano novo?
20. Alguma vez se arrependeu de ter trabalhado em casas de família?
21. Que lembra como o melhor de trabalhar em casas de família?
22. Que lembra como o pior de trabalhar em casas de família?
23. Depois teve outro tipo de trabalho?
24. Qual é o aporte mais importante que como faxineira, vc fez às famílias com quem trabalhou?
25. Vc votava? Exigiu seguridade social?



ROTEIRO GRUPO FOCAL

Sep 19, 2010

Centro de promoción para empleadas del hogar, San José

Nomes e lugar de nascimento

Como vcs chegaram aqui

- Imagem de si:

Quem vocês são

Se peço para vocês que contem uma história importante da sua vida, qual contariam

- Uso do tempo:

Como era a sua cotidianidade quando começou a trabalhar?

Como a sua cotidianidade afetou-se com a entrada dos eletrodomésticos?

(Como vocês dividem o tempo durante o dia)

Qual o papel da noite na sua vida?

Qual o papel do dia?

- Tensão fruição-sofrimento

O que você gostava mais da sua vida –lembra com mais emoção-?

O que você achou mais ruim da sua vida –lembra com mais tristeza-?

Como dividia o tempo de trabalho e o tempo de folga?

Como você fazia amizade e namoro?

- Uso do espaço

Trabalhava por dias ou interna?

Como usava o espaço do local do trabalho?

O que era privado e o que público?

SINTESES RESPOSTAS

CRISTINA

Nasceu em Puerto Nacional, Santander, 19 de Dic, 1952

- “sempre trabalhou” com ou sem pagamento

- chegou à cidade muito nova, 14 anos

- não era quem negociava o salário

- o pai morreu quando ela trabalhava na Normal, depois morreu o irmão mais velho

- namorado do povoado

- trabalhou na feira, restaurante, Normal –escola-, casas de família

- nova gostava dos passeios a sítios e fazendas cafeeiras, reuniões, danças, caminhadas, cinema, tomar banho nos rios, ir às casas das amigas

- Não gostava sentir que os namorados delas entravam em concorrência com ela e paqueravam com todas, Não chama o *novio* assim, chama *amigo*!

- nunca negociou nem pediu nada, as condições de trabalho eram dadas (incluindo dias de folga)

- pus condições ao seu marido para ter filhos: planejou para não ter-los logo depois de casar e para o segundo deviam ter um lugar independente para ficar

- o marido não deixava ela trabalhar, embora decidiu trabalhar pela chatice de ficar travada em casa. Nunca mudou de trabalho, faxina.

- casou faz 37 anos e calcula que faz 40 que não assiste ao cinema

- saiu da casa onde trabalhava por que acusaram-na de ladra, é a coisa mais injusta que já lhe aconteceu (nunca esquece a batida que a mãe deu nela por roubar uns pesos ao irmão para comprar balas) trabalhava na 80 num apartamento com uns judeus

- todos os filhos (três) terminaram escola mais não são profissionais

- foi só nos 90 que decidiram abrir negocio, loja, e parar de fazer faxina, não deu certo e voltou à faxina mas



como dependente a través de empresa. Só nos 90 que ela recebeu tudo o de lei (soube dos direitos porque a seu marido lhe davam tudo)

- depois de casada o domingo deveio o dia de folga
- gosta de trabalhar na empresa por que as pessoas se interessam por ela, nunca antes tinha celebrado um aniversário
- De mãe casada gostava de sair (Girardot, Mesitas Del Colégio em passeio de um dia só), iam pro parque El Tuna e El Salitre –antes era melhor porque almoçavam lá normalmente carne grelhada, sobrebarriga, frango ou galinha, hoje está proibido-, na EDIS colegas de trabalho tinham um sitio onde acampavam, iam a visitar a mãe e irmãos da Cris, ficavam à noite e celebravam datas especiais
- Enquanto trabalhava gostou sempre do cuidado dos meninos
- Só vota faz uns dez anos para cá, ao perceber que podia ser útil pois todos cobram
- Gosta de escutar radio e assistir a TV, mas só o faz a vontade há pouco tempo, quando conseguiu se comprar seus próprios aparelhos, não gosta de mexer nas coisas dos patrões
- Ela se dá seu lugar: almoça de pé e na cozinha inclusive na sua própria casa!
- Acha que a sua vida tem sido muito sofrida e que ela tem tido muita fortaleza

ZOILA

Naceu em Une, em 1946, 23 de Setembro

- trabalhou desde que lembra, semeava e cozinhava e ganhava como os jornaleiros
- chegou a Bta aos 9 anos
- O pai é uma figura muito forte para ela, a mãe morreu quando ela tinha 4, tem madrastra e o sobrinho dela paquerava com zoila enquanto se criava com ela, pai ciumento não gostava
- Conseguiu entrar com as freiras por ser filha de casamento (muito importante essa discriminação!) e elas entregaram Zoila para a Sra Genoveva, que morava na 84 com 15
- Genoveva se tornou uma mãe para Zoila, e o senhor como um pai (espanholes vindos com a guerra, amigos do presidente Eduardo Santos e Lorencita Villegas, muito ligados à embaixada). Ela aceitava os reclamos, às vezes palavras feias e pratos fortes, porque achava que era um jeito para aprender e satisfazer o seu pai
- Trabalhou 30 anos com essa mesma família, não poderia se acomodar a uma outra
- Ela teve de aprender desde como caminhar e falar, depois era muito elegante e tornou-se chique, não andava sozinha e nem de ônibus, o motorista levava e pegava ela que ia com os netos da Genoveva ao Clube
- Sempre teve clareza nos seus objetivos: devia ter casa, local para costurar e seu rapaz para ser feliz.
- Os domingos ela ia para onde as freiras, Maria Inmaculada e a Fundação San José, sempre gostava demais daquilo todo. As freiras ensinaram ela a fazer um lar segundo deus, isto é: a mulher dá o 90%, acorda primeiro e deita a última, ensinaram também a não andar sem meia: era assim que os homens desrespeitavam
- Quando ela fala sobre o seu amor, o sobrinho da madrastra, ela fala baixo, tão baixo que não dá para escutar bem e nem fica gravado
- Estava proibido que ela falasse com alguém que não fosse da elite
- A senhora da casa estava o dia todo com Zoila no apartamento, a única dedicação que tinha era a vida social, organizavam chás e reuniões, ensinava e falava muito com Zoila, faziam tudo juntas.
- Eram as viagens dos patrões que marcavam os descansos na vida dela: eles viajavam e ela ia para onde as freiras, a retiros espirituais, nos domingos, que os patrões saíam, ela também. De fato ela terminou de trabalhar lá quando eles morreram. Também quando eles iam ao cinema, ela ficava sozinha e ia ler livros à biblioteca, eles nunca perceberam
- Poupara porque até as roupas lhe eram dadas, nunca negociou o salario, eram as freiras e o pai quem concordavam
- Como faxineira nunca se sentiu discriminada, só acha que era educada e civilizada duramente e que sua função como empregada era apoiar à família em todo que ela pudesse
- Não teve filhos mais declara que nunca pediu a deus por eles e acha que atingiu tudo que sonhava: casa, garoto (só meio), e o local para costurar (hoje vive disso).
- Gostava de escutar radio novelas enquanto fazia a faxina, também La Vuelta a Colombia, assistia todas as corridas, lia todo dia os jornais –e cortava as notícias notáveis-, celebrava seus aniversários com os patrões, vestia elegante e gostava disso.
- As freiras ofereceram a Zoila um contrato na Espanha com um pessoal da embaixada, ela não aceitou por pensar no seu *idiota*. Poderia ter ido também para Cartagena e a Genoveva não permitiu.
- Uma vez revelou-se: achando que estava ficando tarde para ela ter filhos e morar com o Carlos. A Genoveva não gostou e nem aceitou. A patroa era muito absorvente, não permitia que ela morasse sua própria vida. Tinham



pensado que se ela casava com alguém que valesse a pena, trabalharia como guarda na portaria do prédio, se não, seria operário na fábrica!

- Sobre educação sexual ela aclara que era pecado e nem se podia falar em isso, aos vinte anos ela não sabia nada disso

HERMELINA

Nasceu no Espino, onde a batizaram –vereda Santa Ana-, 1954, 56 años.

- Fez até terceiro do ciclo básico e sempre trabalhou –desde os 7 anos quando o pai agricultor morreu e teve q ajudar na casa à mãe, por ser a mais velha- Os irmãos mais novos estudaram mais do q ela

- Na vereda dela trabalhava ajudando as famílias no que precisassem, uma senhora era muito grossa, brigavam freqüentemente e ela voltava na casa da mãe..

- Teve a filha quando trabalhou no Cocuy aos 15 anos, nunca casou. Trabalhava em um hotel aonde chegavam muitas pessoas de todas partes. O pai da família onde ela trabalhava enganou-a e ela ficou grávida, ela achava que devia obedecer às ordens dos patrões.

- Daí para diante a sua condição para trabalhar sempre era q devia ser recebida com a sua filha, isso era aceito mas ela era pior paga por isso. Sempre ia pro lugar onde a paga fosse melhor

- Ela constantemente fala em as pessoas acharem que ela era gente fina por convidá-la a trabalhar e oferecerem trabalho

- Foi para Málaga e não gostou por q a família tinha crianças manhosas que sempre apartavam e afastavam a sua filha.

-Foi oferecido um outro trabalho lá, aceitou e ficou uns seis anos com essa família, a patroa era professora da Normal e a filha da Hermelina estudava lá, isso era bom

- A sua irmã mais nova foi a primeira em vir para Bogotá, ligou para Málaga (o telefone era novo lá finais dos anos 70) e convidou Hermelina a ir, falou que pagavam melhor. Ela aceitou e chegou aonde uma família que mudaria a sua vida, onde trabalharia 22 anos.

- Nunca foi diarista e amanhar-se na casa dos outros é difícil, mas possível porque seu sonho era comprar ela mesma suas coisas.

- Se orgulha de não ter sido nunca demitida. Cada vez sabia mais e exigia mais, agora sempre pedia escola para a sua filha e bom trato.

- O patrono da casa vira uma pessoa fundamental na vida dela, fala como quase adoptou a filha dela e levava-a nos mesmos lugares que aos seus próprios filhos (eram dois)

- Nessa casa entra em concorrência e oposição com a senhora da casa, que ela percebe não era gente fina como o patrono, ao qual refere-se como El Doctor.

- A filha foi tão bem tratada que tinha um lugar na mesa principal e só foi embora quando casou, quando quis. Hermelina continuou trabalhando até ter netos.

- Na casa ela virou amiga e confidente tanto do Doctor quanto dos filhos dele, que a apelidavam Nani com carinho. Os filhos lhe contavam segredos que mal contavam à mãe.

- Este foi o melhor trabalho que ela já teve, muita cumplicidade, amizade, afeto entre os quatro.

- Nunca fez um contrato, era sempre de palavra. Na casa começa a pagar a senhora, brigam e é demitida, os outros não aceitam e começa a pagar o Doctor. Apenas saiu a lei eles cadastraram-na para aposentadoria e serviço de saúde.

- O uso do tempo livre saindo à rua se dá só quando ela conhece alguém no lugar, em Bogotá só saía quando tinha permissão, de quinze em quinze dias. Em cidades menores as famílias costumavam levá-la passear com eles, então não ficava com saudades. Já em Bogotá não.

- Em Bogotá ela se sentia tranqüila por que estava a sua irmã para qualquer coisa, nos dias de folga a irmã a pegava e iam pro Rincón, onde tinha mais amigas, paisanas, íamos ao cinema e levávamos a passear a menina.

- Tentava sempre assistir às novelas à noite, ao começo era no quarto da patroa, depois com poupança ela comprou seu próprio TV.

- Entende por amigos tanto amizade como namoro, e aclara que nunca teve *amigos*. Teve sim amigas, e uma delas a ajuda como se fosse irmã. Amigos não porque ficou sabendo da responsabilidade tão grande que eram os filhos e do modus operandi dos homens.

- A filha tem especialização, é profissional em pedagogia e é o maior orgulho que tem na sua vida. Já tentou ser independente e ter seu próprio Jardim infantil, não deu certo e a nova tentativa é um restaurante, a mãe ajuda em tudo o que consegue. Ela separou, mas sempre tenta por seu próprio negócio e não se empregar.

- Acha que ela nunca decidiu ser empregada doméstica, mas que não teve mais alguma coisa a fazer.

- Teria gostado de ter mais um filho se tivesse encontrado um relacionamento estável, mas não o encontrou



LOLA

- Topaga, Boyacá, nasceu em 1952. Tem 58 anos
- Sempre trabalhou, foi encarregada de ajudar à mãe e da criança dos irmãos por ser a mulher mais velha, o irmão mais velho q ela não fazia esse tipo de coisa, eram 12 o pai se encarregava dos animais e cultivos
- Aos 12 ajudava já não na casa mas no campo, 1964
- Aos 17 chegou em Bta, 1969
- O pai precisava ajuda com mais salário e enviou Lola para Bta, ele negociou o preço do trabalho com o patrono do pai que tinha uma irmã precisando empregada. Hoje leva 40 anos vivendo nessa casa!
- No começo era difícil se amansar, chorava por que estava com saudades da família
- Não conhecia ninguém e os novos patronos tornaram seus novos pais, advertiram muito sobre os perigos da gravidez, a insegurança da cidade, a desconfiança com outras empregadas. No final ficou com medo dos outros, só falava mas nunca saiu com vizinhas
- 1970 chegou uma irmã a trabalhar na cidade, assim compartilhava seus dias de folga –cada 15 dias, mas saía uma vez por mês, -, que antes não usava. Iam pro parque Nacional –carrossel, roda rolante, aparelhos vários-, gitanos perigosos, iam pro cinema
- Sempre escreveu cartas aos pais, ia conhecendo a cidade e andava de trolley.
- Tentava poupar tudo, por isso não saía muito, o dinheiro lhe era dado acumulado antes de viajar aonde seus pais, para que também não pudesse gastar
- Nos oitenta os patronos lhe pagaram curso de costura, Tentou voltar pro povoado e trabalhar costurando, fez a tentativa mais não deu certo: ninguém pagava
- Virou a melhor amiga de uma das filhas do casal da família, com quem sempre se enviavam cartas, depois de 6 meses retomou o trabalho como empregada
- As irmãs mais novas e mais espertas quiseram fazer igual e foram para Bta de empregadas, viveram proposições desagradáveis, viram pessoas nuas, coisas feias.., tudo isso fez com que Lola nunca pegasse outra opção de trabalho melhor pago
- Ela nunca teve informações sobre sexo e reprodução, só até os vinte tantos anos por que as filhas da patroa lhe contavam do colégio
- Logo conseguiu um rádio e andava com ele no delantal –que só tira para sair por petição das filhas da patrão-, escutava novelas mexicanas, uma de Juanita Santos, Calimán, Arandú, vuelta a Colômbia, sempre escutava música, mocedades, Nino Bravo...para trabalhar.
- O homem importante é seu pai, ele morreu e ela não mais escutou rádio
- Patrões dão TV a ela
- Gostava da faxina que fazia acompanhada da filha da patroa, brincavam muito com ela por que eram quase da mesma idade
- Não festa, sim reuniões familiares
- Seus aniversários começou a celebrar quando as filhas da patroa eram crianças que gostavam de celebrar, na casa dela não tinham esse costume
- Gostava das modas, das mini saias, das cores.. mudou muito seu gosto
- Nunca casou nem teve namorado sério, de criança achava que ia ter filhos, depois não. Gostaria de ter adotado –possivelmente para evitar o namoro e o sexo- mas acha que os netos da família onde trabalha são um pouco seus filhos!
- O relacionamento com a família onde trabalha é tão forte que os filhos acham que ela é uma segunda mãe deles, ela tem muito carinho por todos e hoje considera que é a sua família (sua mãe morreu e suas irmãs se afastaram, brigas pela herança)
- Votou só agora na última eleição -2010- por que a sua família era conservadora e os patrões liberais e ela estava no meio sem saber o que escolher..
- O tempo de faxina ela organiza a vontade, como se fosse a sua casa

ALSIRA

81 años, nacida em Honda em 1928

- Não teve família, foi criada pela madrinha de confirmação, quem ao morrer deixou-a encarregada aos vizinhos
- Trabalhou desde pequena, na casa dos vizinhos ela ajudava nas coisas da casa
- Chegou a Bta em 1945 para se encarregar de ajudar a uma outra família, às crianças, na cozinha, na faxina. As condições: essa família chique ia se encarregar de ela (comida, dormida, etc.) enquanto ela ia pagar com o seu



trabalho na casa, ninguém dirigia essa faxina, dela dependiam horários e coisas a fazer.

- Ficou com eles a vida inteira: 65 anos
- Durou tanto tempo por temor a mudar, a correr riscos não necessários, sentia que tinha segurança lá porque ela recebia o mesmo tratamento do que as filhas da família, não saíam nunca sozinhas, nunca à noite. Isso fazia com que ela sentisse que era cuidada, protegida, querida.
- Saiu de lá só porque a senhora teve problemas de demência e começou a tratá-la mal.
- O casal era exemplar para Alsira: ele trabalhava e dava o dinheiro a ela que administrava, e eram obsessivos com a limpeza, ele ia do trabalho à casa e da casa ao trabalho, muito educados, eram muito de etiqueta.
- Nessa casa ela sempre ocupou o espaço da servidão, entrava pela porta dos empregados e pela escada dos empregados, mas nunca foi empregada formalmente, de fato ela não recebia nem um tostão com a escusa de serem familiares
- Hoje pagam para ela o Ancianato e acha que talvez com tudo que essa família poupou em salários, lhe pagam hoje.
- Lembra de Teresa Gutiérrez como sendo quem lia as radio novelas que ela sempre gostou de escutar, quando isso não tinha televisão (entrou com força pela década do cinquenta)
- Nunca teve namorado nem ficante, ela queria ser freira, mas não conseguiu porque não era filha de matrimônio. Com essa família ela ia sempre à missa, às escolas dominicais onde as freiras uns seis anos.

ODILIA TORRES

- 62 anos, nasceu em Gámbita, Santander 1949.
- Acha que a atitude da mulher põe parâmetros aos patrões. O trabalho dela consiste em complementar o trabalho dos patrões, particularmente às capacidades da chefe do lar 1,50 min.
- Soube do Centro San José a través duma amiga que há anos lhe falava que era muito bom, no final conseguiu convencê-la.
- Define-se como mãe solteira de três filhos –maiores de idade que *saco adelante*-, e netos. 11:08 min
- Uma das histórias mais marcantes da sua vida foi o nascimento da sua última filha (faz 26 anos). Ninguém sabia da gravidez, a filha nasceu o sábado e Odília trabalhou até sexta feira. Foi um momento muito difícil para ela. *Yo nunca... com mis hijos yo nunca trate de mostrar los embarazos!* 16:20 Ninguém percebeu a sua gravidez, sempre que ela ficava grávida, ela tentava ocultar sua condição. *No domingo o pai apareceu falando que essa não era filha dele, aí começou meu drama.* 16: 40 min. Quase não teve descanso depois do parto.
- A família com a qual trabalha atualmente, permitiu que ela trabalhasse levando a sua filha, na cll 79 com 7, leva 32 anos com eles.
- Lembra muito uma vez, antes da semana santa, que ia caminhando pela rua num dia triste de azar no trabalho, ia com a menina da mão. Um homem muito elegante magro que caminhava também na direção contrária parou quando passou do lado dela e falou assim: *o que é, menino ou menina?, ela falou: menina! e ficou surpresa porque era a primeira pessoa em percebê-lo. Ele falou: Cuide muito dela! E deu uma nota para ela e falou que não tinha nada de agradecer, ela ficou feliz.* Min 19.
- Apenas chegou à cidade com 18 anos, ela trabalhou especialmente com crianças. Gostava muito dessa época, especialmente quando trabalhou com o presidente de Nestlé e era a encarregada dos filhos dele. Lembra que ficaram uma noite no Hotel Tequendama, porque onde fossem os filhos, ia ela. Ela encontrava-se com rapazes que paqueravam muito com ela, mas diz que nessa época eram mais respeitosos. Min 30.
- Ela orgulha-se de ser independente e não ter mais que trabalhar como interna: *Tengo mi casa, tengo mis hijos, y como Le digo ya llevo 32 anos donde trabajo y antes ya estamos trabajando a ver si nos pensionamos!* Min 36.
- *Como era la que cuidaba los niños em esa época, pues donde iban los niños iba uno... Antes me atendían! He sido muy privilegiada.* Min 45
- Fala que nunca teve problemas com a sua privacidade e o trabalho.
- Trabalhou em CAMACOL e decidiu mudar de vida: alugar um local para ela, controlar suas próprias despesas, trouxe a sua mãe para morar junto.
- Sempre trabalhou com a mesma família e tem mudado de fração: hoje trabalha na casa da filha dos patrões mais antigos –que moravam na Av Suba-, foram eles –concretamente o pai da atual patrão- que fez para ela o contato com a empresa. Tudo deu certo para ela e hoje trabalha de manhã na empresa, e à tarde na casa de família.
- *La vida a mí me ha tratado como um botón de rosa! Claro que después ahí mi marido –no se casó- y mis hijos me dieron pa'cacao... pero eso, no hay que darle mucha importancia al asunto, esas son cosas que uno tiene que aprender a vivir. Y entre otras cosas eso Le deja a uno muchas cosas enriquecedoras en la vida.* 52min
- No 87 a lei tentou estabelecer um limite de tempo de trabalho mas não deu certo.



- 5:30 acordava para aprontar as crianças pro colégio, limpar os quartos deles, todas as tarefas até quatro horas à tarde, aprontar o lanche para eles, cozinhar, revisar tarefas e brincava com eles à tarde. *Uno ya forma una parte de ellos, em la cual va uno a la par como de la mamá. Entonces uno tiene que estar em la jugada em todo! Que llévelos a la pinata, que llévelos al Club, que recógalos em los sítios exactos, que vaya, que traiga, que lleve... es exactamente como la mamá com sus hijos. Esa época de niños yo disfruté mucho, viaje, también mucho. Viaje al Ecuador, viaje bastante las costas com ellos, por que pues claro, lógico, iban ellos a donde estuvieran Le tocaba a uno irse com ellos! Lo único que queda de recuerdos bellos es eso: lo de los niños, los nietos y los que uno crió. Esos son como si fueran los nietos de uno, uno se considera como si fueran sus papás. Yo em eso disfruté mucho, pero muchísimo es muchísimo. Y Le doy gracias a dios por que yo creo que no todo el mundo tiene esse privilegio.* 1 hr 11 min

- Siempre iba em uniforme. Hoje alguns dos que criou estão em Canadá, sempre ligam para ela e falam de *nana*: como vc está? Como vai a sua vida? É como se fosse uma mãe. Ela aproveitava para combinar os filhos dela com os da patroa, assim iam às mesmas festas e passeios. Por meio dos patrões é um privilégio entrar em lugares que sem eles, seriam caríssimos e nem poderia conhecer.

- *Pues también es de acuerdo com como uno, como digo yo, de acuerdo com el comportamiento de uno que haya tenido com ellos, y el cariño que le tienen a uno y a uno le devuelven esse cariño y uno también lo devuelve de aqui para allá. Y de eso se trata, la vida es esa! Y hoy em día em esta situación em la que estamos que la gente está llena de soledad por todas partes, entonces eso es lo que no podemos dejar que se nos pierda... Si uno no brega como a salirse de ese rol que uno tiene em la vida y más bien compartir com los demás, estamos fregados!* 1h16 min

- Sente gratificação pelo seu trabalho, foi através dele que ela conseguiu todas as coisas da vida que hoje tem.

- Os feriados e semanas santas a gente não trabalhava. Na quarta feira tudo devia ficar organizado e limpo para o resto da semana. Ela estava de férias no dezembro, com a família.

- *Adoraba las corridas de toros, era la primera que estaba em la fila. Hacíamos grupos de unos... diez y hacíamos lo que llaman la vaca. Iba mucho a cine, com amigos, veíamos dos películas. Yo fui muy amiguera. Me encanto mucho jugar al Tejo, yo era buena. Los bolos sí me gannaron. Pedíamos nuestros petacos de cerveza y el que queria tomar que tomara y el que no, pues no. Ibamos a cine a los Libertadores, al México... todo lo que era Chapinero yo me la pasaba... Los parques también me encantaron mucho, pero muchísimo. El parque nacional era bonito, cuando llegaba la temporada de juegos mecánicos, rueda, caballitos, todo eso... Bailo, de todo... qué es lo que no hago? E ibamos a discotecas; no, eran bailaderos em esa época, no discotecas. Eeee normalmente había unos que quedaban em la 26 bajito de la glorieta, habían unos muy Buenos ahí, era gente bien clasificada, bien. Sabroso. Se bailaban cumbias, merengues, salsas, bambucos, música clásica... eso era de todo. Tango también, pero esse no bailaba, esse si me quedo grande. Y em las reuniones familiares también se bailaba mucho, eso era desde que comenzaba hasta las 6 de la mañana, y plan de oya al día siguiente, com unas buenas papas y um pedazo de carne y a tomar pochola pa' desenguayabar.* 1h 45 min

- A mi me daban los permisos, pero debía pedirlo com tiempo. Uno sacaba los permisos dia y noche, regresaba uno hasta el día siguiente: eso era todo el sábado y regresaba uno el domingo por la noche. Y entonces uno temia espacio para poderse divertir, caminar, por ejemplo todo lo que era Chapinero eso era uma delicia! –veia mucho a Cantinflas- 1 h 48 min

- Gostava muito das verbenas nos bairros, na 158, no bairro Barrancas, faziam festas no dezembro para todo mundo -24 e 31-, ela sempre saía. Era das 6 às 6. Em dezembro quando trabalhava tirava quinze dias livres.

MARIA EMELINA JIMENEZ

- 67 anos, nasceu em Cómbita, Boyacá, 8 junio 1943.

- Chegou a través de uma amiga que sempre lhe falava do Centro San José, durou vários anos para se decidir.

- Define-se como uma mulher trabalhadora, não é casada, sem filhos e estuda.

- Conta a história da sua chegada em Bogotá, aos 14 anos com uma senhora que acompanhou 11 anos, numa casa toda cheia de problemas (os filhos eram seis homens e três mulheres), especialmente quando a mulher morreu. O marido dela era muito sem-vergonha e queria que ela ficasse com ele como se fosse uma segunda mãe dos filhos da família. Ela achou absurdo e saiu de lá. min 25:50

- A vida dela mudou muito quando as irmãs dela chegaram, são três irmãs, e começaram a trabalhar na casa de três patronas também irmãs. Todas ...

- Lembra seus pais como gente forte e autoritária, na verdade foram os pais que geraram indiretamente a saída às escondidas das três filhas. Elas chegaram à cidade sem saber para onde ou o que fazer. *Así... no nos dejamos embolatar, aprendimos, nos defendimos, nos cuidamos, mis hermanos se casaron casi todos y yo no me Casé, porque hubo una cosa por ahí, um problema ahí, y dije no. Tênia propuesta y tenía todo, pero no. Dije no. Olvídese. No y no me caso y no vuelvo a tener a nadie. Y ahí me quedé. Que por que digan que por qué no se*



Bogotá 1950-1980

caso, que por qué no tuvo hijos, que no sé qué... pues no fue el destino! Y no los tuve. Después de que a uno lo marcan... vamos a seguir? Así? No, yo los mandaba al carajo! No era por que no tuviera novios, no era pendeja! 27:03 min

- Nessa família onde trabalhou 11 anos, um dos rapazes alto e atrativo, entrou no quarto dela, ela rejeitou a proposta e fez com que ele saísse. Depois falou com a senhora, que falou para todos respeitarem à Emelina igual que às irmãs. *Ahí seguí, me fue bien, no metí las patas, como dicen. Gracias a Dios, dios nos cuida y aqui estamos acabándonos poco a poco para seguir adelante.* Min 31:25

- O último patrono já morreu, agora ela cuida sola numa casa onde não tem mais ninguém. Mora sozinha.

- Sempre que entrava numa nova família, dava-se um prazo de oito dias para perceber se gostava do local ou não. Várias vezes não gostou, então afastava-se, *Máximo duraba quince o veinte dias y me iba!* 44 min

- Além do domingo cada 15 dias, ela tinha livre uma tarde nos dias da semana. Assim a casa não ficava sozinha nunca: trabalhava com uma companheira e quando uma saía a outra ficava. Aos domingos ela podia pedir uma noite, caso tivesse um evento especial.

- Depois da morte da mãe dela, quis fazer mais coisas: a tarde livre nos dias de semana eram para um curso de tecido que ela adorava –cada uma das empregadas pegava um curso uma tarde diferente-. Gostou muito, era na Porciúncula com os padres franciscanos. Ainda faz tecidos. *Esa época que yo tejía, eso si vendí sacos como arroz... pero no me los pagaron! Por que Le hice a sobrinos, a familiares.* Después termine fue vendiendo mi máquina, los hijos de la familia cogieron de juguete la máquina. 1h6 min

- Nunca sabia nem ler nem escrever, sim tecer.

- Sobre a privacidade. Quando se fala em amigo, ela acha que se fala em namorado. E aclara que quase não gostava de amigos, *Yo em esas cosas soy muy delicada... y más: amiguitos? Menos!, amigas si... por ahí de vez em cuando. No hay que, como dicen, abusar de las cosas..* Min 48.

- Os horários mais complicados que teve, foi no caso de famílias com crianças. Ela acordava às 5:30, fazia faxina, pegava as crianças na parada de ônibus. Assistia novelas à noite, mas como não tinha TV no quarto, assistia com os filhos da família. Fazia faxina escutando música. *La radio es la compañía de uno* 1h 10min

- Lembra quando chegou à cidade a primeira vez, pediram para ela ligar o fogão a gás, ela nem conhecia essa tecnologia, lembra que fez explodir isso lá dentro.... ela ficou com medo e nunca mais tentou ligá-la. 1hr35 min.

- Sempre respeitaram os domingos e feriados como dias de não trabalho. Aos sábados tudo devia ficar organizado. Semana santa também era sagrado.

- No primeiro trabalho não era permitido que ela saísse sozinha, por exemplo se ia pro cinema, ia com um dos filhos da senhora protegendo-a. Uma vez veio um amigo para visitá-la e foram ao cinema aí no bairro, Puente Aranda. 1h37 min Ela conseguiu sair sozinha à rua, só quando fez 25 anos e saiu dessa primeira família. Ela passeiou muito com amigos, *pero muuy sanamente*, 1h 39 min. Caminhavam, reuniam-se em casas de amigos, não gostou de ir à festas –só se fossem familiares: casamentos, etc-, ela gostava de ir a Zipaquirá. Lembra muito do teatro que ficava na 72, e de um filme que adorou no ano da visita do papa a Colômbia: El papa y el niño.

CECILIA DE LA CRUZ VARGAS

- Aracataca, Magdalena. 39 anos. Nasceu em 1971.

- A senhora patroa lhe falou do Centro San José, foi assim que chegou aqui.

- Define-se como filha, não tem marido nem filhos.

- Conta que chegou à cidade enganada, aos 10 anos de idade com uma parente que prometeu para ela estudos, e nunca cumpriu. Lembra como foi difícil chegar, não se adaptar, estar sozinha. *He salido yo solita adelante!* 20:50 min

- *Sempre trabalhou interna. Gostaria de trabalhar como diarista? As que têm casa e família podem, mas aquelas que não? Se a gente têm a sua casa, vâ a sua casa.. mais se a gente não tem?* Min 36

- *Yo me levanto a las 6:00 de la mañana, trabajo com um niño, entonces me toca levantarme, hacerle el desayuno al niño, levantarlo, que arreglarlo, que llévelo al jardín, que tráigalo, que haga el almuerzo, que ropa, que planche, que lave. Todo, todo... todo lo de la casa. Me acuesto de 8:30 a 9:00. Yo, como me tocan todos los oficios, mientras estoy lavando o planchando pues oiga música, y y acundo termino me voy a mi cuarto y veo televisión.* 59 min



MARLEN PÉREZ

- 62 anos, 7 de junho de 1949. Dois filhos profissionais.
- Pensionada, 32 anos com essa família, 4 pessoas já morreram, hoje cuida uma
- Sempre vai à igreja, foi lá que soube do Centro San José
- Define-se como uma lutadora que conseguiu com muito esforço sacar *sus hijos adelante*.
- Mãe solteira de vários filhos, uma delas têm filhos também e ela ajuda com os netos. Têm três irmãos, são dois mulheres e dois homens.
- Uma das histórias mais marcantes da vida dela foi quando a filha dela teve o seu filho –primeiro neto dela-. Não tinha nada, *prácticamente nasceu como o menino Jesus, sem nada*. Nessa época ela trabalhava como diarista e pediu prestado, porque o pai não responsabilizou-se, ficou muito triste, a família onde ela trabalhava ajudou com coletas para o bebe. 16:57 min
- Sempre trabalhou interna, *Porque mi mamá me castigó por que no quise estudiar... y me hacían poner uniforme para que todo el mundo supiera que estaba trabajando! Me hacía poner uniforme. Mi mamá es dura. Nos ponía dos ladrillos si no pelábamos papa para tenerlas listas para atender a mi papá. Nosotros teníamos que aprender a cocinar y hacer las cosas de la casa y si no nos daba juete.* min 33.
- Trabalhou como diarista só uns dois meses, mas a família pediu para ela trabalhar mais uma vez com eles, não gostavam de mais ninguém. É a família onde trabalha ainda hoje, 7 filhos que ela tinha que aprontar para estudar todo dia, num apartamento grande. Ela fazia tudo.
- Costa mais trabalhar de fora {como diarista}, ônibus, roupas, em troca tenho salário livre, quarto, comida... tudo. A gente ganha o salário mínimo por que tem tudo, trabalhando como diarista a gente gasta mais. Min 36 (marlen)
- Na casa onde trabalha atualmente ela senta-se na sala de estar enquanto conversa com a senhora e concordam os planos de trabalho, mas prefere evitar ficar nos lugares da casa diferentes a seu quarto, a cozinha. *Inclusive é uma filha da família que vai para o meu quarto e deita-se na minha cama para assistir TV, a gente se têm confiança eu a criei e ela esta muito ligada comigo. Mas não seria eu que vá na cama dela!* Min 39.
- Sempre lhe celebravam os aniversários: não ficava a vontade sentada no comedor, sente-se fora do seu lugar quando vê que é a patroa que vai lhe atender! *Ella siempre me decía, hoy es su cumpleaños, la vamos a consentir. Siéntese acá... A veces cuando Ella está sola, yo Le digo: si quiere la acompaño... y Ella dice, claro! Traiga su almuerzo y almorzamos. Yo Le digo no, almuerce usted yo la acompaño, después almuerzo en la cocina.* Min 39
- Teve a experiência de trabalhar com uma outra colega, era muito humilhante, a gente não se dava bem. Isso era em casas de famílias importantes: Carolina de Barco, Misael Pastrana. Reclamava à patroa constantemente pelas coisas que fazia Marlen. Ela acostumava ter contato com escoltas, etc.
- *Yo me levanto a las 5:30, me baño y ya estoy arreglada. Arreglo a la niña. Me desayuno y me pongo a arreglar el apartamento.... todo, luego sigo com el almuerzo, luego por la tarde voy por Cristina, la comida, las onces, y si hay que llevarla a la dentistería, hay que llevarla a no sé dónde. Todo me toca hacerlo, todo, todo! Entonces tengo todo el día ocupado, casi hasta las 8 de la noche. Me estoy acostando 10, 11 de la noche. Por eso no voy a seguir estudiando, es que toda la semana madrugando... el único día que descanso es el sábado, y eso por que me levanto a las 6.* 56min.
- *Le gusta ver novelas? Ah, no eso si me fascina! Le sacó tiempo pero por la noche, me gusta la que empieza a las 8. Pero no las veo todas, por que estoy muy cansada. El día sábado si lo tengo más relajadito.*(min54)
- *La cocina sobre todo es muy desagradecida! Termina uno su salud em esas casas! Que com las manos calientes sacar de la nevera, que después de lavar, planchar... todo eso!* 1h 2min
- Ela desfrutou e aprendeu da época quando trabalhava na casa da Carolina de Barco, as classes de culinária que pegou, foi aprendendo a cozinhar gostoso e bem. Aí aprendeu a gostar de cozinhar.
- O tempo todo ela pensava que gostaria de mudar de trabalho, mas também acha que foi o seu destino e não tinha mais opção, nunca estudou e não sabia fazer mais nada. *Pienso que toda la vida tenemos que estar trabajando em esto, por que eso fue el destino y fue lo que uno, pues, sabe. Pero la gente muchas veces se burla de uno y Le dice cosas que pues... la coíma, la esguisa, o la muchacha o la no sé qué! Entonces uno pues... sometido a ese trabajo toda la vida! Se burlan de uno porque uno no estudió. Es que el trabajo no es deshonra.* 1h 17min
- Seus dois filhos estudaram e hoje são profissionais. *Porque yo luché para que ellos no fueran a hacer lo mismo que yo por culpa mia y trabajar en lo mismo que yo trabajo* 1h 25 min. A filha estuda enfermagem e o filho tem seus próprios negócios como Independiente, ele gosta de cozinhar é chef.
- Foi a mãe que criou os dois filhos dela. A mãe aposentou-se depois de trabalhar 25 anos na mesma empresa, ela tinha tempo livre enquanto Marlen trabalhava, no entanto sempre foi às reuniões no colégio, etc. *Yo siempre encerrada em vez de estar com mis hijos, y así hasta que ya crecieron, pero ellos bien agradecidos de que yo les pague el estudio como pude y sola.* 1h 24 min



Bogotá 1950-1980

- Quando ainda morava com seus pais, ela saía bastante, era muito louca. O pai era militar, e tinha entradas ao cinema Teatro Pátria (cine com cantantes mexicanas, vaqueros...), *Yo me iba a cine todas las noches y a buscar amigos, y me iba al casino todos los domingos. Los sargentos tenían su casino, los militares outro, ve? Entonces cada uno tenía su casino. Entonces nos invitaban a bailar, yo me iba com mi prima a las fiestas. Eran por la tarde, de las 3 de la tarde hasta las 8 de la noche. Si uno se cuadraba un militar, ellos lo invitaban a uno. Por ejemplo yo me cuadré con um militar, a escondidas de mi mamá, porque mi mamá no nos dejaba ir. Pasábamos rico, bailábamos, jugábamos todos los juegos que había y que Le enseñaban a uno Allá. A ellos los viven trasladando, a mi novio lo trasladaron, uma vez estábamos bailando y lo llamaron, que se presentara. Em esse momento se fue y los amigos no me dijeron nada por que me iba a poner a llorar. 1h 50 min Iam nos dias da semana a visitar quando tinha horário de visita.*

- Outro plano que gostava era ir às casas dos amigos e tomar, ela nunca tomou, mas gostava do ambiente festivo. Ela se escapava para ir a procurar o seu namorado, e a mãe batia muito nela.

- *Uno después se acostumbra a vivir encerrado!* 1h57min

AS TESTEMUNHAS NÃO EMPREGADAS

ANA MARIA –Fundación San José–

- A fundação é laica comprometida estava associada à Ação Católica por isso formava empregadas do lar em termos de valores: sacramentos, responsabilidade, poupança, propriedade, alfabetização, ciclo básico, etc.

- Fundada em 1950, tinha presença nacional: Medellín, Cali, Pasto, Popayán, Girardot, Bta.. hoje só em Bta e Medellín

- Sobre o sindicato fala que não deu certo porque era muito agressivo com as mensagens.

- O interessante da Fundação é o seu papel ativo com a educação e formação das empregadas e as ligações internacionais tão fortes que tinha, fazia parte da:

- Quando uma empregada cumpria 10 anos trabalhando com a mesma família se fazia uma cerimônia com Prêmio à Fidelidade, preparavam danças, apresentações, teatro, etc

- Iam matriculá-las tanto elas mesmas quanto os patrões. Elas reclamavam por q não gostavam de ser chamadas nem de sirvienta, nem de muchacha ou servicio doméstico, elas preferiam ser chamadas de empregadas do lar.

- Muitas vezes pessoal estrangeiro vinha para perguntar por uma empregada para viajar com eles, aceitavam e muitas terminavam casadas lá, outras com destinos mais cruéis, ficaram escravas –para o estrangeiro o contrato sim era escrito-. Além disso aproveitavam para dinamizar as relações pessoais delas, muitas terminavam casando com estrangeiros.

- A fundação era também um local onde elas faziam amizade e conheciam amigas e contatos na cidade desconhecida, faziam planos para ir às discotecas, a dançar, ao cinema, aos parques (Jaime Duque, Jardim Botânico, etc), celebravam aniversários, casamentos, etc

- Estão conectadas com outras organizações, fundações e centros que trabalham com empregadas domésticas, principalmente religiosos.

- A Fundação sempre trabalhou pela profissionalização das empregadas, quer disser, fazer bem a faxina, saber como se faz tudo corretamente

- Começava-se tirando documentos que era difícil com elas por que mal conheciam os dados do seu nascimento, pais e família, etc.

- Todas lutavam porque seus filhos não fossem empregados domésticos, e para que estudaram. Temas como o aborto eram tabu, não sabe se era ou não comum.

- Ao saírem nos dias comuns, elas se arrumavam muito na moda, maquilavam-se e ficavam muito diferentes, às vezes quase irreconhecíveis.